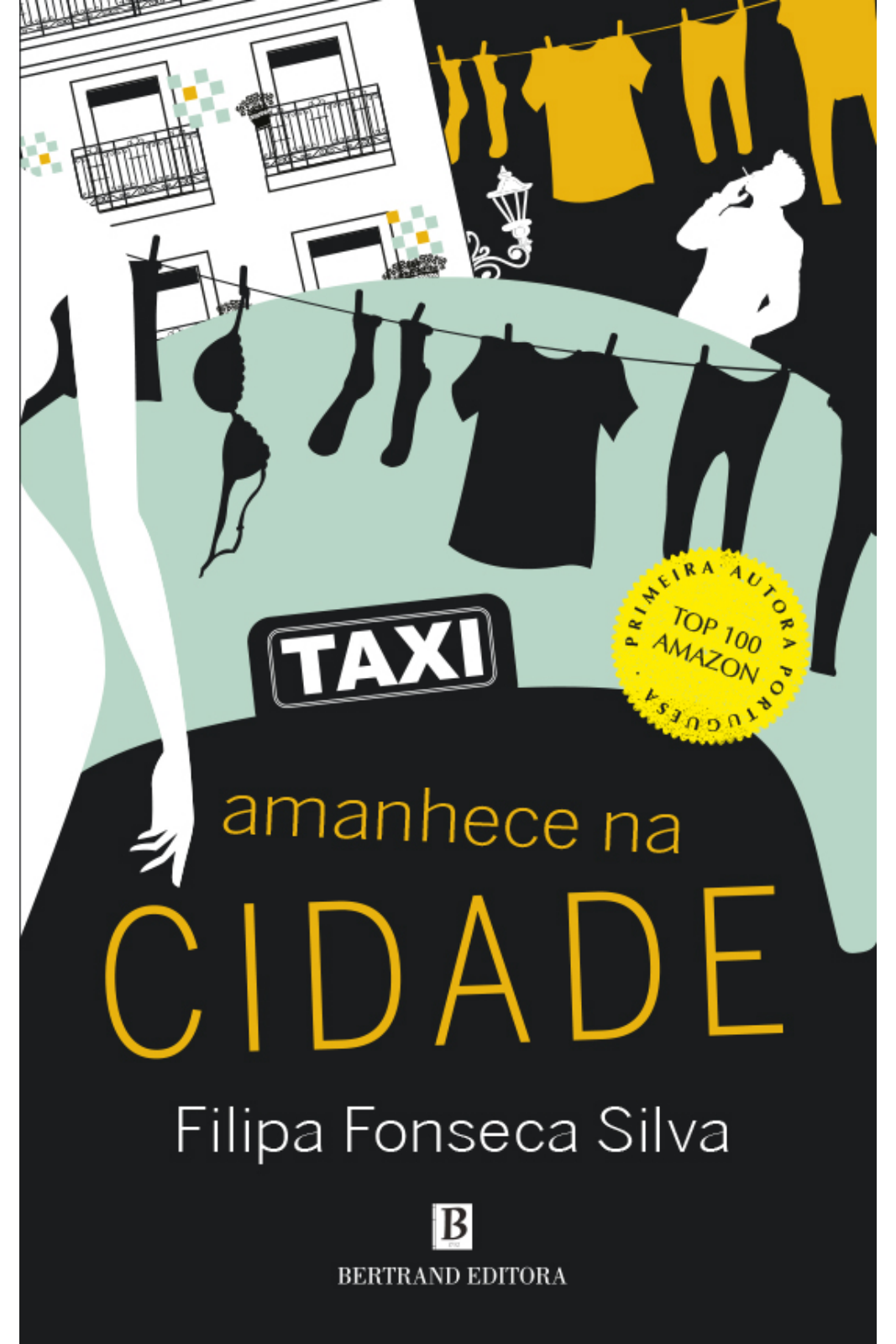




amanhece na

CIDADE

Filipa Fonseca Silva



BERTRAND EDITORA

PRIMEIRA AUTORA
TOP 100
AMAZON
PORTUGUESA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



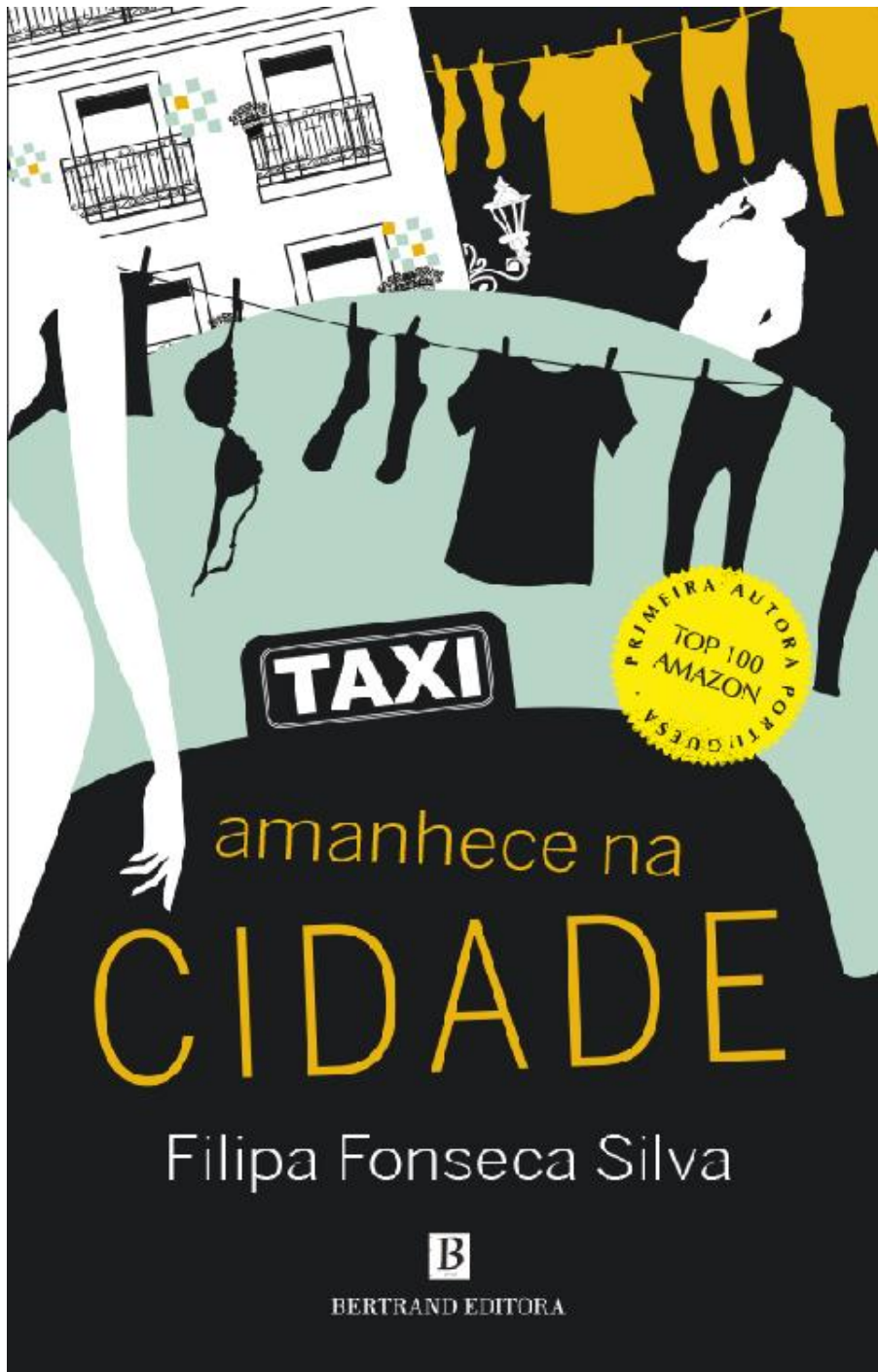
amanhece na

CIDADE

Filipa Fonseca Silva



BERTRAND EDITORA



TAXI

PRIMEIRA AUTORA
PORTUGUESA
TOP 100
AMAZON

amanhece na
CIDADE

Filipa Fonseca Silva

B

BERTRAND EDITORA



© Vera Marmelo

Filipa Fonseca Silva é uma mãe/publicitária/escritora corajosa e sem papas na língua. Foi a primeira portuguesa a entrar para o Top 100 da Amazon. Sonha tornar o mundo mais verde e espalhar histórias bonitas. Além de escrever, adora pintar, coleccionar sapatos e comer melancia. Vive em Lisboa com o marido, os filhos e o gato, Gucci. Continua a escrever o blogue «Crónicas de uma Fashion Victim» (cronicasdumafashionvictim.blogspot.pt), apesar de agora lhe ir faltando o tempo para ser uma *fashion victim*.

Título original: Amanhece na Cidade

1.ª edição em papel: Junho de 2017

Autora: Filipa Fonseca Silva

Revisão: João Tapada

Design da capa: Ana Monteiro

© Filipa Fonseca Silva e Bertrand Editora 2017

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, excepto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

A pedido da autora, a presente edição não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

editora@bertrand.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3470-3

Para o Hugo, que nunca me deixa desistir

«O egoísmo pessoal, o comodismo, a falta de generosidade, as pequenas cobardias do quotidiano, tudo isto contribui para essa perniciosa forma de cegueira mental que consiste em estar no mundo e não ver o mundo, ou só ver dele o que, em cada momento, for susceptível de servir os nossos interesses.»

José Saramago

Amanhece na cidade.

É outro dia.

O asfalto, ainda frio das horas soturnas, começa a reluzir assim que tocado pelos primeiros raios de sol. Folhas de árvores rodopiam pelos passeios, embaladas pelo sopro que a passagem do primeiro autocarro da manhã provoca. Um copo de plástico, que toda a noite balouçou junto ao lancil, aninha-se na curva da estrada, junto a um novelo de cabelos e algodão, vestígios de um dia anterior.

Amanhece na cidade.

É outro dia.

Aos poucos, os sons de diferentes acordares começam a misturar-se até se tornarem uma espécie de melodia. Primeiro os murmúrios: «bom dia», «acorda», «olá, amor», «dormiste bem?», «já são horas». Depois os gritos: «desliga o despertador», «ainda estás deitado?», «vamos chegar atrasados», «levanta-te!». Primeiro os pezinhos de lã, depois as passadas barulhentas. Primeiro a máquina do café, a chaleira, o chuveiro, a persiana. Depois as televisões, os elevadores, os motores, as portas que batem abafando com o seu estrondo um «até logo». Primeiro os objectos, depois as pessoas, que chegam e partem desta praça onde me encontro, indistintas de todas as outras pessoas que chegam e partem de cada uma das ruas de Lisboa ou de qualquer outra cidade. Pessoas com pressa, pessoas com tempo, pessoas que tomam o café à janela, pessoas que refilam, pessoas que bocejam, pessoas cujos gestos são sempre os mesmos, levantar a grade, varrer o chão, correr, entrar no carro, acenar, voltar atrás, passear o cão, respirar fundo, recomeçar. Como se cada novo dia não fosse mais do que a continuação do dia anterior. Como se cada dia não encerrasse em si o potencial de ser totalmente diferente. Tal como os prédios onde vivem, que não se desviam um milímetro do espaço onde estão alicerçados, também as pessoas não se desviam muito das suas rotinas. Acomodadas. Expectantes. Passivas.

Gosto de pessoas. São o meu passatempo preferido. Aliás, gosto tanto de pessoas que chego a afeiçoar-me até às que não merecem que se goste delas. E fico especialmente fascinado com esta coisa de encararem a vida como algo que corre independentemente delas próprias, como se não fosse preciso fazer nada senão deixá-la avançar ao seu ritmo imperturbável, como se fossem viver para sempre. Divirto-me com o modo egocêntrico com que ignoram completamente o seu verdadeiro lugar na ordem das coisas. Alegro-me com o acharem-se importantes e especiais, quando na verdade não passam de meras partículas na história do Tempo. São ínfimas as que apreciam verdadeiramente aquilo que têm ou aquilo que são; e mais ínfimas ainda as que têm consciência da sua verdadeira insignificância na vida do planeta, este pequeníssimo ponto que gravita em torno de uma de cem mil milhões de estrelas, que compõem uma de duzentos mil milhões de galáxias de um dos vários universos possíveis.

Ainda assim, como seria o mundo sem elas? Sem os seus pecados e virtudes? Sem aquelas frases feitas que repetem para se sentirem melhor com a sua mortalidade e com a ignorância acerca dos mistérios do Universo, «tudo tem uma razão», «nada acontece por acaso», «foi a vontade de Deus», «oxalá», «é o destino»? Sem a sua busca pela perfeição e pelo sentido da vida? E se nada fizer sentido? Por que raio havia de fazer?

Ah, as pessoas... O que mais aprecio neste meu jogo de observá-las e adivinhar a vida de quem se cruza comigo é não precisar que me contem o que quer que seja. Gosto de deduzir, desvendar, apreender as suas histórias pelo simples estudo dos seus trejeitos. Por exemplo, para a maioria dos transeuntes que atravessam a praceta, a mulher que acabou de sair do 12 A não é mais do que uma miúda de aparência vulgar, adjetivo que até seria adequado se apenas tivéssemos em conta a indumentária pouco provável para uma manhã de um dia de trabalho: camisa de cetim demasiado decotada e sapatos com saltos demasiado altos. Está afogueada, tem o cabelo molhado e divide o olhar entre o interior da mala, para verificar se tem todos os seus pertences, e o telemóvel, que manuseia a uma velocidade estonteante. Dirige-se para o metro. Ainda terá de caminhar um bocado.

Porém, se reparassem melhor, depressa notariam que não está assim vestida por ser vulgar. Aquela foi a indumentária que escolheu para uma saída à noite que, inesperadamente, terminou numa casa que não era a sua. Reparem agora no modo apreensivo com que franze o sobrolho, não só por saber que vai chegar atrasada ao local de trabalho, mas sobretudo por não ter tempo para ir a casa mudar de roupa. Para evitar olhares de desdém, os mesmos que já começa a sentir dos tais transeuntes que a julgam vulgar, certamente irá comprar uma camisa ou blusa mais discreta na primeira loja que encontrar a caminho do escritório. Os pés, esses, terão de aguentar os saltos excessivamente altos todo o dia. Está irritada consigo própria por ter adormecido naquele lugar e mais irritada ainda por ter gastado todo o dinheiro que tinha em copos e agora ter de ir de metro, quando lhe teria dado muito mais jeito apanhar um táxi. E todo este transtorno por uma noite de sexo banal. Como sei que foi banal? Porque se tivesse sido bom, nada disto importaria. Estaria de sorriso nos lábios e até se esqueceria das dores nos pés. Dificilmente tornarei a vê-la entrar ou sair daquele prédio que não lhe pertence. É apenas mais uma das mulheres que por lá passam.

Não, não sou adivinho, nem um ser onnipresente. Não, não sou detective, nem espião. Só que ando nestas ruas há tantos anos que em poucos segundos consigo perceber o que escondem os gestos de cada pessoa que se cruza no meu caminho. E se entrarem e repousarem na minha napa preta, consigo desvendar todos os seus mistérios pelo simples sentir da pulsação. Também há o cheiro que emanam, o tipo de perfume que usam, o género de roupas que envergam, os acessórios com que se adornam, os sotaque e as expressões que utilizam, mas o coração é o mais fiável. Tum-tum. A ansiedade. Tum-tum. A paixão. Tum-tum. O medo. Todas as emoções têm o seu ritmo e, por mais que o tentem ocultar mudando o semblante, afinando a voz, escolhendo as mentiras que vão dizer, o bater do coração nunca mente. E mesmo quando tenho de recorrer à imaginação para colmatar alguma falha na história, não é nada que mude a essência das coisas, porque essa está lá, dentro destes seres que tanto me fascinam.

De qualquer modo, pouco importa desvendar como sei o que sei. O que realmente importa é partilhá-lo convosco, não é verdade? Porque,

quer queiram admitir quer não, todos vocês têm curiosidade em saber mais sobre a vida dos outros. Não conseguem deixar de espreitar por uma porta entreaberta, ignorar a conversa da mesa do lado, questionar por que razão fulano deixou a mulher ou sicrano ficou rico. A curiosidade está-vos no sangue. Daí o sucesso das telenovelas, dos jornais sensacionalistas e dos *reality shows*. Não é a mera busca de entretenimento fácil, muito menos um interesse antropológico. É puro voyeurismo. O prazer secreto de saber mais sobre os outros do que eles sabem sobre vocês. De ver sem ser visto. De conhecer as suas histórias mirabolantes, aventureiras, pecaminosas, ou simplesmente banais. A vossa existência ganha significado pelas histórias de todos os dias. Por comparação. Por oposição. Por confrontação.

Então, deixem-me começar pelo mais simples: a história por trás das mãos que me guiam.

O homem que não sabia chorar

Manuel. Assim se chama o homem corpulento que diariamente se senta no meu banco e segura o meu volante para percorrer as ruas desta cidade. Tem cinquenta e cinco anos, pouco cabelo e, seja Verão ou Inverno, usa sempre camisa de manga curta, normalmente de quadrados. Não sei bem quando se tornou taxista, até porque não fui eu o primeiro carro que lhe passou pelas mãos. Sei apenas que, antes de abraçar esta profissão, foi empregado de mesa num restaurante da Baixa. Sem grande sucesso, diga-se — os seus modos eram demasiado bruscos, mesmo para o tipo de tasca de calibre duvidoso como aquela onde trabalhava. Atirava os pratos para a frente das pessoas, os copos de imperial chegavam à mesa a pingar e gostava de fazer aquele género de reparo aos clientes que estes não gostam de ouvir: Ainda não escolheu? É que não tenho o dia todo. Então, o bitoque vem com batatas fritas e arroz, como é que queria que viesse? Ai, já pediu a conta três vezes? Mas olhe que eu não estou para aqui parado!

Desses tempos, apenas sei o que ouço em conversas que vai tendo com os passageiros.

«Cada um é para o que nasce. Olhe que eu, imagine lá, já trabalhei num restaurante. Eu, que não gosto de ir buscar nem um copo de água para a minha mulher quando mo pede, tá a ver? Mas tinha de ser, a malta tem de fazer pela vida, não é? Tinha dois filhos pequenos, sabe como é. Mas aquilo não era pra mim. Nã... Todo o dia ali fechado, a andar de um lado para o outro e sempre a pedirem coisas e coisas e coisas. É o bife mal passado para um mas bem passado para o outro, é o prato do dia, mas com arroz em vez de batatas, é uma *Coca-Cola* sem gelo mas com limão, sim, porque ninguém pede somente o que está na lista, tá a ver? Não, cada um gosta de fazer as suas criações. Então para isso cozinhem em casa, à maneira deles, não é? Porque é que vêm chatear a malta do restaurante? Mas há pior! Oh se há! Como aqueles fregueses que nunca pedem tudo de uma vez, tá a ver? E depois estão sempre a chamar um gajo, agora é mais uma água e já

agora mais um café e se pudesse trazer uma *mousse*, que aqui a menina afinal quer sobremesa, e não se esqueça do digestivo, mas só dois dedos, olhe afinal são três digestivos, irra! Mas porque é que não pedem as coisas todas de uma vez? E por cima disto tudo ainda tinha de levar com os outros colegas e mais o patrão, tá a ver? Ó Manel, a mesa três é tua, ó Manel, já tá aqui o pedido da mesa cinco, ó Manel, levanta a mesa oito que já temos pessoas à espera, ó Manel, não são horas de fumar, ó Manel, se a ASAE te apanha com essas unhas fecha-me o restaurante. É que não tenho saudadinhas nenhuma daquilo. Ao menos aqui, no meu táxi, mando eu. Eu é que sei se paro e apanho este freguês ou se não paro e vou prà praça, se começo às nove ou às onze, se trabalho ou fico em casa. E mais: aqui dentro vou sossegadinho a ouvir a minha musiquinha, sem ninguém me chatear, gosto muito de fado, já reparou, não é? E posso parar para fumar o meu cigarrinho quando quiser, que isso de fumar dentro do carro não fumo, não senhor. Fica mau cheiro e depois os fregueses queixam-se, tá a ver? Mas se o freguês quiser fumar eu deixo. Não me incomoda. Quero é que fique à vontade e vá tranquilo na sua viagem. Também só falo quando puxam por mim. Agora já estou a falar de mais, não é? Mas olhe, não faça cerimónia, eu cá calo-me quando quiser. Disse-me número vinte e dois? É ali do outro lado da rua. Quer que dê a volta para o deixar à porta?»

O ano em que as nossas existências se tocaram foi o mesmo ano em que a mulher o deixou e Portugal perdeu a oportunidade de ser campeão europeu em casa. Não sei qual dos dias foi mais triste para ele. Em ambas as ocasiões, ficou tão transtornado que não conseguiu falar durante três dias. E foi aí que percebi que não sabia chorar. Os seus olhos semicerravam-se, a sua pele ficava vermelha, da boca soltava-se um gemido constante, hãaaaaaa, mas lágrimas, nem vê-las.

Mas vamos por partes. Primeiro o Europeu. Junho de 2004. O país em festa, o país reconciliado com a Selecção, o país a aprender com um brasileiro o que é o orgulho nacional, as bandeiras nas janelas, nas varandas, na minha antena, os cachecóis nos pescoços, nos punhos, na minha chapeleira. Um mau arranque, um a dois, ganha a Grécia. Ficam todos danados, afinal é mais do mesmo, mais valia não termos

sido apurados, não jogamos nada. Mas depois veio a vitória contra a Rússia e contra a Espanha e vira-se a página. «Granda Nuno Gomes! Granda Nuno Gomes!», grita o Manuel em êxtase pela vitória. Passam quatro dias. Quartos de final contra a Inglaterra. «Já fomos», pensa ele e mais uns milhões de portugueses, sobretudo depois do golo inglês logo aos três minutos. Mas o brasileiro não deixava o ânimo ir abaixo, e vai que empatam o jogo. E que jogo! Figo, Ronaldo, Simão, Ricardo Carvalho, heróis da nação, vão para prolongamento. Rui Costa, Rui Costa, Rui Costa, que golaço inacreditável, o coração do Manuel quase rebenta de alegria. O seu menino, do seu Benfica, a pôr Portugal na meia-final. Mas quem achava que a emoção ia ficar por ali, estava bem enganado. Desconfio que deve ter sido um dos jogos de futebol mais emocionantes de sempre para os portugueses. As ruas desertas, todos os olhos colados nos ecrãs. Empate por Lampard, penáltis, Ricardo a defender o último sem luvas e a levar Portugal às meias. Faltava a Holanda. Ui, a Holanda! Davids, Nistelrooy, Seedorf, Robben. «Vamos ser esmagados», diz Manuel antes do jogo. E o brasileiro a ensinar os portugueses a acreditarem até ao fim e as ruas a encherem-se no fim do jogo, de norte a sul, ninguém consegue estar em casa, todo o país está em festa por ver a Selecção na sua primeira final. Manuel não dorme nessa noite. Dá boleia a todos os que consegue enfiar nos meus bancos, para desfilarem pelas ruas, desde os Olivais, onde mora, até ao Marquês. Festa nunca antes vista em Portugal, com um brasileiro no leme. 4 de Julho, dia da final, a Grécia outra vez, «Já ganhámos», pensaram todos, jogam em casa, na casa de Manuel, no Estádio da Luz, nunca se viu tanta gente nas ruas, nem no dia da Revolução. Uma loucura, uma emoção, um povo inteiro orgulhoso a gritar a uma só voz. E eis que tudo termina como começou: numa tragédia grega. O povo divide-se: metade festeja o segundo lugar, porque o que interessa é termos chegado à final, enquanto a outra metade os insulta, somos sempre a mesma merda, não ganhamos a ninguém, vão apitar para o raio que os parta, deviam ter vergonha. Manuel não fala. Manuel não acredita. Manuel recolhe-se em casa durante três dias, mal come, não vê notícias, está de luto, verdadeiro luto, mas sem lágrimas, porque Manuel não sabe chorar. Quando finalmente sai de casa para enfrentar a vida, ninguém se

atreve a falar-lhe do assunto.

O Verão passou, foi bom para o negócio, uma vez que é uma altura do ano em que há mais turistas e o malogrado Euro trouxe ainda mais alguns. Ou seja, muitos estrangeiros que acham que andar de táxi em Lisboa é tão barato que deixam gorjetas quase do valor da corrida. Manuel a trabalhar, a aproveitar a oportunidade, enquanto a mulher vai todos os dias para a Costa de Caparica com os miúdos, torrar ao sol. Emagreceu, fez-lhe bem o ar da praia, aos miúdos também, estão crescidos, seis e nove anos, regressam às aulas, parece que foi ontem que nasceram e lhe infernizavam as noites. Manuel anda satisfeito. Há dinheiro, há família e até há um novo treinador no Benfica, a ver se é desta que é campeão. Até que, no dia 23 de Setembro, tudo desaba quando a mulher anuncia que vai sair de casa.

«Apaixonou-se, disse-me ela, aquela puta! Apaixonou-se, veja bem. Mas agora uma mulher desta idade apaixona-se assim, aos quarenta, como uma gaiata? Larga o marido, diz aos filhos para escolherem com quem querem ficar e vai para casa de outro homem? Hãaaaaaaa, hãaaaaaaa, hãaaaaaaa... Eu devia ter adivinhado. Não foi a primeira vez. Quando a conheci, lá na terra dela, ela estava noiva de um gajo que por acaso era meu amigo. Tínhamos feito a tropa juntos, tá a ver? Era bom rapaz e convidava-me sempre para passar uns dias na terra quando era altura das festas, que é sempre animado. E não é que ela, que tinha acabado de me conhecer, passou a noite toda a dar em cima de mim, a puxar-me para dançar? Devia ter logo visto que era uma granda vaca, não é? Mas não. Fui pato, deixei-me levar, quando dei por mim já estava montado nela, tá a ver? Desculpe lá a linguagem, mas é mesmo assim. Coitado do meu amigo, que até era bom rapaz, agora se soubesse o que ela me fez até se ria. Já não é corno sozinho. Hãaaaaaaa, hãaaaaaaa, hãaaaaaaa. Eu sei que nunca fui o melhor dos maridos. Estivemos juntos onze anos e também fiz das minhas, que um homem não é de ferro, tá a ver? Mas quer dizer, nunca lhe toquei, nunca lhe faltei ao respeito, dei-lhe tudo o que sempre quis, até a porcária de uma cozinha nova lhe dei no ano passado. Bem me saiu do pêlo, a trabalhar algumas doze horas por dia, para a pagar sem juros.

E agora o que vai ser da minha vida? E agora o que vão dizer de mim? Nunca mais me vão olhar de frente. Hãaaaaaaa, hãaaaaaaa, hãaaaaaaa. Toda a vida disse “antes cabrão que sportinguista”, mas agora, que sei como elas doem, até mudava de clube para não ter de andar para aqui enfeitado, Cosme Damião que me perdoe. São nove euros e oitenta, se faz favor. Quer factura?»

Ouvi este monólogo vezes sem conta ao longo de vários anos. Tudo era pretexto para falar da ex-mulher que o deixou. E o choro sem lágrimas, hãaaaaaaa, hãaaaaaaa, hãaaaaaaa, que deixava muitos passageiros assustados, pensando que o motorista estava a ter um ataque qualquer. Mesmo quando mais tarde se juntou com a Maria José, com quem vive até hoje, a conversa ia constantemente parar à traição. Fosse o coração de Manuel mais negro e a história teria terminado num crime passional. Mas não. Ao fim de três dias metido em casa, sem falar, sem comer, Manuel voltou à praça e seguiu a sua vida, contando com a solidariedade de todo o bairro, que respeitou a sua dor e o protegeu de qualquer comentário jocoso, a não ser quando virava as costas, claro. Tornou-se mais sério, mais sisudo e, para fingir as insónias que o caso lhe provocara, começou a trabalhar madrugada fora e a ter como companhia uma garrafa de metal com medronho, que escondia no meu porta-luvas.

Ainda falta algum tempo para começarmos a circular pelas ruas. Manuel dorme e só começa a volta pelas dez da manhã. Estas são para mim as melhores horas do dia. Fico aqui, estacionado junto ao passeio, a observar o pulsar de um novo dia.

A dona Emília já abriu o café. Serve meias de leite e abatanados, queques e bolos de arroz, sandes de queijo, de fiambre ou mistas, que é cedo para o torresmo e ainda não teve tempo para fritar os panados. O senhor Raul, o marido, regista os pedidos, enquanto comenta as notícias do dia com os clientes habituais. A uns metros dali, encostado ao seu quiosque de jornais, o senhor Artur fuma indolentemente. Longe vão os tempos em que esta era a hora mais movimentada do dia. Longe vão os tempos em que toda a gente comprava o jornal de manhã, ávidos de notícias realmente novas e relevantes. Hoje o negócio vai-se fazendo porque há sempre quem precise de tabaco ou queira uma raspadinha para ver se o dia começa com melhor sorte, mas nada como antes, em que a imprensa era a estrela e até havia pedidos para que se guardasse um exemplar deste ou daquele periódico para o dia seguinte. Hoje, quando muito, pedem para que lhes guarde a revista X ou Y, não pelo conteúdo, mas pelo brinde com que os regala. Rua acima, rua abaixo, as pessoas andam cabisbaixas, olhando para um qualquer ecrã onde está tudo do que precisam — as tais notícias, as agendas, os jogos, os amigos, as memórias — indiferentes ao que os rodeia, desviando-se instintivamente dos outros transeuntes, os olhos colados no pedaço de plástico e vidro onde agora está a vida. Sim, são estranhas, as pessoas. Talvez se se vissem como as vejo percebessem o absurdo que é viver sem estar cá, como se para viver não fosse preciso usar os cinco sentidos.

Dizia eu que estas são as melhores horas do dia, mas talvez não esteja a ser justo para com a noite. Porque também a noite tem o seu encanto. Também a noite tem as suas personagens. E o mais incrível é ver como cada parte da cidade se transforma em algo totalmente

diferente quando as estrelas começam a brilhar. As mesmas ruas que de dia fervilham com trabalhadores apressados, de noite são o palco silencioso de um sem-abrigo que não pode fechar os olhos. E aquelas por onde o dia passa quase em silêncio ficam repletas de risos e luzes dos cafés e bares que as pontuam. A rua onde me encontro pertence ao primeiro grupo. Fechado o café, fechado o quiosque, encerrada a pequena farmácia frequentada maioritariamente por idosos, que fazem dela uma paragem obrigatória para ajudar a passar as horas, entre o avio de uma receita ou medir a tensão, os autocarros começam a escassear e os moradores recolhem. Fica a placidez.

Pelas onze da noite, quando o Manuel termina a volta e regressa a casa, são poucos os que estão acordados. Maria José luta contra o sono, fazendo questão de o esperar com o jantar requentado e o robe cor-de-rosa debruado a cetim. De manhã, quando sai de casa, está ele a levantar-se, pelo que não trocam muito mais palavras do que os bons-dias. Se não fizer o esforço de esperar por ele à noite, é quase como se não tivesse marido.

Não percebe por que razão ele insiste naquele horário de trabalho, das dez da manhã às tantas da noite. Sendo ele dono do seu próprio táxi, não poderia escolher o horário que mais conviesse à vida familiar? E porquê, trabalhando mais de doze horas por dia, cada vez traz menos dinheiro para casa? Maria José estranha, mas não diz nada. Muita sorte tem por Manuel ter deixado de fazer madrugadas quando se juntaram. Torce o nariz à marca de batom que ele tem na bochecha, mas até com isso já desistiu de reclamar. É o batom da Daisy. É o cheiro da Daisy e, com o tempo, Maria José perdeu os ciúmes.

Padecendo de uma falta de amor-próprio crónica, Maria José não se sente no direito de protestar com um homem que lhe dá mais carinho e atenção nas poucas horas que passam juntos do que qualquer outro lhe deu ao longo da vida. Incluindo o próprio pai. Ligeiramente obesa desde pequena, tinha crescido a ser gozada, negligenciada, ignorada. Tentara sempre fingir que nada daquilo a afectava, lutando desesperadamente para se integrar, mesmo quando ninguém a escolhia para a sua equipa nos jogos de recreio, quando nenhum rapaz lhe enviava bilhetinhos, quando nas peças de teatro

ficava com os papéis de avó. Obrigava-se a sair de casa, a aparecer onde os outros se juntavam, fingindo não perceber os olhares trocistas, fingindo não ouvir as piadas insultuosas sobre o seu corpo, pudim, baleia, gordurosa, engolindo a vontade de chorar quando esta aparecia.

Maria José não é uma mulher feia. Dentro do excesso de peso, até se pode dizer que tem um corpo bonito, com formas, com boas mamas. Grande mas proporcional. No entanto, deixou que o rótulo de «gorda» se encrustasse em si como se fosse impossível fugir-lhe e, pior, como se a sua gordura fosse algo asqueroso, um mal que se pega, um defeito de carácter. Foi-se deixando embrenhar pelo preconceito, acreditando que tudo o que diziam eram verdades incontornáveis: os homens não gostam de gordas, não podes vestir esse tipo de roupa, não vale a pena tentares aquele emprego, não te podes sentar em cadeiras de palha. Na juventude, quando ia aos bailaricos, só os velhotes, os bêbedos e os brancos a convidavam para dançar e ela, que nunca era convidada para nada, aceitava cada dança como se o convite tivesse vindo do homem mais charmoso da sala. Resignava-se a ficar com os renegados por achar que nunca encontraria melhor. E esse fora o único tipo de homens com que se envolvera ao longo da vida até conhecer Manuel.

Eram vizinhos desde que Maria José se lembrava. Ela vivia com os pais do outro lado da rua e assistiu da janela à partida da ex-mulher. Ficou com pena daquele senhor, trabalhador, bom pai, que lhe dizia sempre bom dia quando se cruzavam na rua. Simpatizava com ele, achava graça aos comentários que ele fazia quando via jogos do Benfica no café e à maneira como cuidava de mim, falando comigo enquanto me lavava, tal como algumas pessoas falam com as plantas enquanto as regam.

Depois de abandonado pela mulher, enquanto os outros moradores do bairro comentavam o caso à boca pequena, Maria José espreitava-o pela janela. Percebeu que ele esteve três dias sem sair de casa, o que a começou a deixar preocupada, que isto nunca se sabe do que uma pessoa é capaz nestas alturas e ninguém lhe garantia que ele não faria algo dramático como suicidar-se, por exemplo. Quando, ao quarto dia, viu que a persiana da sala passara de fechada a entreaberta, tomou

coragem e foi levar-lhe umas empadas que tinha feito na véspera. Entrou pela casa adentro, quase sem pedir licença, e começou a arrumar, a limpar, a pôr roupa na máquina. Manuel olhava-a estupefacto. Ela ia falando e falando, como se temesse que, à mínima pausa que fizesse no discurso, Manuel lhe dissesse para se ir embora, que não lhe tinha encomendado nada, que não tinham intimidade para aqueles preparos. Depois de deixar tudo em ordem, com tal rapidez que Manuel nem teve tempo para se sentar, despediu-se com um «Olhe, agora é seguir a vida para a frente, ouviu? Já chega de tristeza, que a vida são só dois dias. E se precisar de alguma coisa, que lhe venha dar um jeitinho à casa ou à roupa, tem aqui o meu número. Eu trabalho no centro de saúde até às cinco, mas depois estou sempre por aqui».

Durante as primeiras semanas, Manuel não lhe disse nada mas depois acabou por lhe telefonar. Ela apareceu, já de bata e tudo, pronta para mais limpezas e arrumações, mas depressa percebeu que o que Manuel queria era companhia. Ficavam a conversar enquanto ela passava a ferro e ele bebia e bebia. Quando deram por eles pareciam marido e mulher. O que tinha de acontecer aconteceu e Maria José nunca mais saiu lá de casa. Quanto ao álcool, estava tão habituada, que nem ligava. Mesmo com os copos, Manuel era um homem educado e, ao contrário de outros, nunca lhe levantara a voz, quanto mais a mão, o que era de louvar. Para mais, agora tinha um homem. Tivera de esperar pelos quarenta, mas finalmente poderia esfregar na cara de toda a vizinhança que afinal estavam errados. As gordas também têm quem as queira, quem as ame pelo que são, quem as trate bem. Para mais, ao viver com Manuel já não tinha de comer bolas-de-berlim com creme às escondidas, como fazia em casa dos pais. Manuel nunca fizera um único comentário ao que ela comia nem ao seu excesso de peso e decerto até a julgaria doente se alguma vez a visse com um prato de salada à frente. Sim, Manuel era um homem bom e por mais que fizesse questão de se fingir incomodada com as marcas de batom de outra mulher, Maria José sabia que, no fundo, Daisy nunca fora uma ameaça.

Daisy apelidava-se «dançarina exótica», embora quer ela quer todos nós saibamos bem que isso é apenas um eufemismo para «puta». Bom, podemos entrar agora na discussão dos níveis de putice a que uma mulher se pode sujeitar quando faz profissão de vender o corpo, os quais até posso enumerar, querem ver? Há a puta desgraçada, que vende sexo à beira da estrada, nas condições mais degradantes que se possa imaginar, exposta a intempéries e brutalidades do tipo de homem que está disposto a pagar só para se aliviar dentro de uma vagina seja onde for. Há a puta da casa ou alternadeira, que também tem de levar com todo o tipo de burgesso, a começar pelo patrão, mas que sempre está protegida das intempéries por um telhado e quatro paredes. Há a puta ao domicílio, que ganha melhor e, à partida, pode contar com uma cama e uma casa de banho, mesmo que seja de uma pensão de quinta categoria. Há a puta fina, que também trabalha ao domicílio, mas em locais de luxo e com direito a um pagamento que lhe permite fazer compras na Avenida da Liberdade. Há a puta artística, que faz filmes e outros números de entretenimento com parceiros condicentes com o cachê. E, por fim, há a puta dançarina, que não pratica o acto sexual em si, isto é, com troca de fluidos e penetração, mas que não deixa de, tal como as outras, fazer da sexualização do seu corpo o ganha-pão. De qualquer forma, o que interessa para a história, e respeitando a preferência da própria pela designação da sua actividade profissional, é que Daisy era uma dançarina exótica.

Manuel conheceu-a nos tempos em que ainda fazia madrugadas. Gostava de terminar a jornada à porta de um conhecido clube de *strip*, onde ficava a observar os corpos escandalosamente bem torneados das mulheres que, a partir das cinco da manhã, saíam do local. Gostava ainda mais de levá-las a casa. Inspirava aquele cheiro doce a suor e misturado com óleos aromáticos, e ia a viagem inteira a mexer no espelho retrovisor, ora para lhes observar as pernas, ora para lhes

observar os seios, ora para lhes observar os rostos enfadados, cansados, mas que, à parca luz que iluminava o meu interior, eram invulgarmente belos. Os cabelos compridos, os lábios cheios, a maquilhagem brilhante.

Íris, Ruby, Hannah, Alicia, todas as *strippers* daquele bar já tinham passado pelos meus bancos, mas nenhuma delas gostava de repetir a experiência a não ser que fosse estritamente necessário. Já era suficientemente brutal passar seis horas seguidas a serem olhadas lascivamente por homens que lhes pagavam, portanto, tudo o que não precisavam era de ser olhadas dessa forma no caminho para casa sem ganhar nada com isso. Para mais, àquela hora, era impossível Manuel esconder que tinha bebido, por mais que baixasse os meus vidros ou pendurasse árvores de cheiro no manípulo do volante, o que não era nada tranquilizador para aquelas mulheres que só queriam chegar a casa depressa para se livrarem do cheiro do tabaco, do *whisky*, do *aftershave*, da máscara que tinham de pôr todos os dias.

A primeira vez que Daisy se sentou nos meus bancos estava completamente desprevenida desta realidade. Não percebia por que razão as colegas estavam a empatar, com desculpas de fumar mais um cigarro ou terem-se esquecido do batom nos bastidores, e nenhuma delas se decidia a entrar no primeiro táxi da fila. Acabou por entrar, indiferente aos risinhos das outras, e assim que fechou a porta e indicou a morada para onde queria ir, percebi que era diferente de todas elas. Manuel também percebeu isso e, pela primeira vez, num acto subconsciente, não ajustou o espelho retrovisor para apreciar o seu corpo.

Notei imediatamente que estava a trabalhar há pouco tempo. Não só ali naquele clube, como na própria cidade. Olhava pela janela quase como uma turista, deslumbrada, sonhadora e com um sorriso de esperança. Precisamente o contrário de todas as outras dançarinas que transportei, cujos olhares eram nublosos, resignados e muitas vezes envergonhados. Não, o olhar de Daisy era vibrante. Não podia sentir vergonha do trabalho que tinha porque não deixava que ele a definisse. Era apenas uma maneira de sobreviver. A única que lhe servia por agora. Dentro dos seus olhos amendoados ainda havia sonhos, projectos, vontade de fazer algo mais digno. E embora o seu

sorriso pudesse parecer o de alguém que está iludido quanto ao que a espera, não era ingênua. Não sonhava encontrar um homem que um dia a tirasse dali, porque sabia que sair dali só dependia dela própria e que na prática estaria apenas a trocar de patrão. Não se tentava convencer de que aquela era a única maneira de fazer dinheiro, porque sabia que havia por aí muitos trabalhos para mulheres sem formação: nas fábricas, nas limpezas, nas cozinhas a descascar batatas; só que esses não pagavam tão bem. Não fingia gostar do que fazia, nem que dançar era um sonho de criança, porque simplesmente não era. Era apenas uma necessidade. Pela sua pulsação, senti que estava ansiosa por chegar a casa, mas com uma ansiedade que não vinha apenas do desejo de se despir da personagem que encarnava no clube. Vinha de algo maior e algo muito mais importante. Uma pequena tatuagem no pulso revelou-me o que era.

Entretanto, Manuel meteu conversa:

— Então, é a primeira vez por aqui?

— É, sim.

— Bem me parecia que nunca a tinha visto.

— Foi o meu primeiro dia, mesmo. Acabei de me mudar para Lisboa.

— E correu tudo bem? Quer dizer, trataram-na bem?

— Sim, foi melhor do que estava à espera.

— Desculpe a intromissão, mas eu levo sempre as meninas a casa, por isso acabo por ouvir as suas histórias. Sei que não é uma vida tão fácil como possa parecer, tá a ver? Daí a pergunta.

— Não tem mal. É só um trabalho. Mas obrigada pela preocupação.

— Não tem nada que agradecer, menina.

Manuel olhou-a pelo espelho retrovisor e nos seus olhos viu uma criança. Devia ter pouco mais de vinte anos. Sem saber bem porquê, deu-lhe uma súbita vontade de a proteger. Aos seus olhos, Daisy era linda, como eram todas as outras *strippers* que transportara antes, mas, curiosamente, não sentia por ela a atracção sexual que já sentira pelas outras. Surpreendeu-se ao perceber que a única coisa que Daisy lhe despertava era o desejo de protegê-la dos perigos da madrugada, dos

bêbedos, dos chulos, dos abusadores e até dos taxistas rebarbados que, como ele fazia às outras, poderiam olhá-la com lascívia. Quando parou o meu motor, estendeu-lhe o cartão de visita.

— Olhe, como é nova por aqui e não deve conhecer bem a cidade, fique com o meu cartão e chame-me sempre que precisar, dia ou noite, tá bem?

— Muito obrigada, senhor Manuel — respondeu Daisy, depois de ler o nome do taxista no pedaço de papel que lhe estendera. — Acho que vou chamá-lo várias vezes, sim.

— Faça isso. E não se acanhe, que eu sou sozinho, tá a ver?

Assim que proferiu estas palavras percebeu que podiam ser mal interpretadas. E se ela achasse que estava a fazer-lhe um convite, a insinuar que, por estar sozinho, precisava de companhia? Decidiu emendar imediatamente.

— Quero dizer, pode ligar à vontade, que não vai estar a interromper nenhum jantar de família ou coisa que o valha, tá a ver?

— Boa noite, senhor Manuel — disse Daisy, sorrindo.

— Boa noite, menina. Até amanhã.

Daisy fechou a minha porta gentilmente e dirigiu-se ao prédio escuro e em mau estado onde vivia. Manuel apenas arrancou comigo quando viu a luz do segundo andar acender-se, sinal de que Daisy estava em segurança. Vi-a espreitar pela cortina e sorrir. Ficou sensibilizada pelo cuidado de Manuel em se certificar de que tinha entrado em casa. Era bom ter alguém que se preocupasse com ela, mesmo que fosse um mero taxista com quem trocara meia dúzia de palavras. Depois, enquanto as minhas rodas iam percorrendo o asfalto humedecido pela madrugada, fiquei a imaginar o resto. Que terá pousado no chão a mochila cheia de *lingerie* provocadora e outros sensuais adereços, que terá tirado os sapatos para não fazer barulho e que, antes de entrar na banheira para se livrar daquela primeira noite de trabalho, terá ido pé ante pé até ao quarto onde, partilhando a sua cama, o filho dormia profundamente, depositando um beijo terno na sua face.

Manuel senta-se finalmente ao meu volante. São dez e oito da manhã. Desaperta o botão das calças, pouso o telemóvel num dos compartimentos da consola central e abro os vidros para deixar entrar o aroma a buganvílias que ainda se espalha pela rua. Enquanto arrumo a caixa dos trocos, a dona Idalina dá um toque no capô em jeito de bom dia. Vem da praça no seu passo sempre acelerado, embora não tenha nada nem ninguém à sua espera. No entanto, na cabeça da dona Idalina, desocupada de qualquer interesse que não sejam cusquices e intrigas, há sempre muito que fazer. No seu pequeno apartamento de dois quartos, no 12 A, o mesmo prédio de onde há pouco saiu aquela jovem mulher de aparência vulgar, há sempre persianas para lavar, tapetes para sacudir, sopa para fazer, meias para passajar, pêlos do gato para aspirar e muita conversa para pôr em dia com as outras mulheres do bairro.

— Olá, senhor Manuel, já vai pegar ao serviço?

— Tem de ser, dona Idalina, tem de ser...

— Vá com cuidado, não se esqueça de pôr o cinto — e, debruçando-se na janela, continua: — Olhe que ainda no outro dia o sobrinho da Inácia ia partindo o pescoço. Deram-lhe um toque por trás, coitado do rapazinho, mas parece que no fim só deu um jeito na coluna. Mas ainda andou três meses de colar cervical! Se tivesse cinto, tinha sido só um susto.

— Não me esqueço, obrigado.

— A sua Maria José já saiu?

— Já, sim, que ela pega às nove.

— Ai, pois é, coitadinha. E o senhor que chega todas as noites tão tarde. Mal se vêem, não é?

— É a vida — respondeu Manuel, percebendo o tom de recado que aquela pergunta tinha. — Olhe, e agora dê-me lá licença, que eu tenho de ir à minha.

Manuel arranca irritado. «Raio da mulher que se mete em tudo, livra! E quem manda a Maria José andar a queixar-se à frente daquela cusca? Deve ter sido conversa de café. Põe-se a fazer confissões à dona Emília e esquece-se de que esta está sempre ali ao lado, a fingir que não estava a ouvir nada, mas a apanhar tudo. Mas de que raio se queixa a Maria José? Já parei com as madrugadas e tudo! Deixo a Daisy no clube e venho logo para casa, coitada da miúda, que teve de arranjar outro motorista para o regresso. Que mais quer ela? Já sabia ao que vinha quando se meteu lá em casa. Tenho dois filhos para sustentar, que a outra puta quer é passeio e gastar dinheiro nos cabeleireiros. Se não fosse eu a dar uma ajuda aos miúdos, andavam para aí de qualquer maneira. Não quero que lhes falte nada, coitadinhos, que não têm culpa de serem filhos da puta. Mas a mim não me engana ela. Leva o dinheiro da pensão de alimentos à conta, que o resto eu prefiro dar em géneros. Assim, sei que os sapatos são mesmo para a Jéssica e o blusão de ganga é mesmo para o Ivo. Deve pensar que me engana mais alguma vez, aquela mula.»

Sim, a esta altura do campeonato já consigo ouvir os pensamentos do Manuel, o que nem sempre é necessariamente agradável. Na maior parte das vezes, é bastante irritante, porque me distrai de outros pensamentos mais interessantes, longe do ressentimento pela ex-mulher ou do fanatismo pelo Benfica. Os meus, os dos passageiros ou os da pessoa parada ao meu lado na fila de trânsito. E por vezes, nem são só os pensamentos de Manuel que me incomodam. São mesmo monólogos que enceta por minutos a fio. Sim, quando não tem um cliente no carro, Manuel vai a falar sozinho grande parte do dia. Por vezes, parece que sabe que estou a ouvi-lo, outras vezes, e à medida que o medronho se esvai da garrafa de metal, fala por falar, sem ele próprio encontrar o fio à meada.

Parámos.

É o primeiro cliente do dia. Um homem engravatado num fato de bom corte. Assim que abre a porta, entra uma nuvem de perfume caro. Não diz bom dia. Limita-se a indicar o destino: Hotel Ritz. Olha para o relógio. Ainda tem tempo. O pequeno-almoço com os fornecedores é só às dez e meia. Parece que é a nova moda corporativa. Já não há almoços nem jantares de negócios. Agora, os executivos juntam-se ao

redor de *croissants* e taças de fruta tropical. O homem remexe o interior da sua pasta de cabedal castanho, a imitar pele de crocodilo, e retira de lá uma aliança. Enfia-a no dedo e o gesto lembra-lhe que era para dizer qualquer coisa à mulher. Decide enviar-lhe uma mensagem. A ideia de ouvir a sua voz naquele momento provoca-lhe algum mal-estar. Depois do timbre quente da Cristina, que ainda lhe ecoa nos tímpanos, a voz da mulher seria como uma pedra de gelo que nos enfiam dentro da camisola. Cristina, Alexandra, Manuela, tanto faz como se chama a amante. O que salta à vista é que o caso não é ocasional. Só isso explica que, além de um porta-fatos, não traga nenhum outro objecto que remeta a uma noite passada fora de casa. Para a mulher, a desculpa é que o Ritz tem tudo do que precisa, e de excelente qualidade. Mas a verdade é que na casa da amante já existe uma escova de dentes, uma máquina de barbear e os demais utensílios de higiene pessoal. Disse-lhe que ia dormir no hotel porque a reunião da véspera estender-se-ia até de madrugada. Era o fuso horário oriental. A mulher compreendia. Compreendia sempre, desde que ele continuasse a pagar-lhe o cartão de crédito sem fazer perguntas.

O homem pega no telemóvel de última geração e o polegar começa a mexer-se freneticamente.

«Vou entrar agora em mais uma reunião. Desculpa. Para compensar a minha ausência de ontem, vou buscar os miúdos ao colégio. Bj Até logo.»

«Esta manhã estavas em fogo, minha vadia. Deixas-me louco!»

«Nuno, as pastas estão em ordem para a reunião? Estou a 5 minutos.»

«Adelaide, desmarque-me a reunião das 12h. Não vou chegar a tempo.»

«5ª feira vou almoçar-TE;)»

Depois, um olho pelos *emails*, pelas notícias do dia, pelo Instagram daquela modelo de *lingerie*, de volta aos *emails*, e nem o rio, que brilha esplendoroso, lhe consegue desviar o olhar. Manuel põe o rádio mais alto. Se é para levar com um mono mal-educado, mais vale ir a ouvir o que lhe apetece alto e bom som. No número 88 da Rodrigo da Fonseca, pára abruptamente. A travagem brusca é intencional. Não gosta de tipos armados ao pingarelho. É só dinheiro e fatos por

medida, mas depois, educação, nem vê-la. É nestas alturas que Manuel desejava ter taxímetro daqueles de antigamente, que davam para aldrabar. Cobrar-lhe-ia trinta euros por uma volta que não chegava aos dez, só porque sim. Uma nota de vinte estendida por entre os meus bancos interrompe-lhe o malévolos pensamento. O homem nem esperou que Manuel lhe dissesse o total. Também não esperou pelo troco, levantando o rabo do meu estofo sem dizer uma palavra. Manuel ficou estupefacto. Que tipo do piorio. Mas vendo bem, entre tanta gente sem educação que me entrava pela porta adentro, preferia estes snobes que pagavam a dobrar. Pelo menos, já ia poder ficar mais meia hora na conversa com os amigos depois de almoço, sem peso na consciência por não estar a circular. E depois de outras quatro corridas, foi precisamente com esses amigos que se encontrou na tasca do Zé Toino, onde todos os dias, religiosamente (excepto ao domingo, que um homem também tem de descansar), fazia uma pausa às duas e meia.

Quando entrava na tasca escura, encandeado pela luz do exterior, recebido pelo cheiro a azeitonas, vinho e fumo de grelhados que até a mim me entrava pela grelha, Manuel já sabia que, mesmo às cegas, bastava andar até à mesa do fundo que lá estariam os homens sentados, incluindo o próprio Zé Toino, que àquela hora podia finalmente abrandar um bocadinho. A debandada dos almoços estava em curso, pelo que naquela altura já empilhara os pratos sujos na janela que dava para a cozinha, já amarrotara as toalhas de papel enfeitadas de migalhas e gordura e já passara um pano bastante usado por cada uma das mesas. Podia enfim almoçar e dar dois dedos de conversa com os amigos.

O Álvaro e o Chico, funcionários públicos, esticavam-se com mais um café, mais uma amarguinha, mais uma desculpa para não voltar tão depressa ao trabalho, eles que esperem que precisam mais de nós que nós deles. «Eles» eram os utentes, que estavam há horas numa fila sem fim à vista. Vítor, viúvo e recém-reformado, era o primeiro a chegar e o último a sair, visto que nos dias que corriam pouco mais tinha com que ocupar o tempo. Aqueles encontros gastronómicos sempre lhe davam para gastar umas três horas de um quotidiano sem história e que, agora que não trabalhava, lhe parecia interminável. O

Teixeira, desempregado ainda a gozar do subsídio, aparecia só para o café, que era preciso poupar o mais possível, pois já não faltava muito para acabar a ajuda e empregos, na sua idade, nem vê-los. Seis homens de vivências e idades diferentes, mas que ali, na tasca do Zé Toino, durante cerca de uma hora, se entretinham numa camaradagem sincera, num encontro que metia futebol, alguma política e eventualmente mulheres. Que metia sopa, prato do dia e um copo de três à sobremesa. Que metia mesmo, nos dias mais afoitos, uma rápida jogatana de sueca. Depois, Manuel bebia um café bem forte, enchia a garrafa de metal com o medronho caseiro do Zé Toino e continuava a guiar pela cidade, atento à polícia, conduzindo devagar, fazendo sempre os piscas e parando em todos os sinais amarelos, que se o apanhassem com álcool tiravam-lhe a licença e aí, sim, é que iam ser elas.

Não, não ia ficar sem licença, era só o que faltava. Não era um bêbedo. Aquela garrafita de medronho, que lhe durava das três da tarde até às dez da noite, não o deixava sequer tocado, apenas mais relaxado para enfrentar o trânsito, pensava ele. Impedia-o de se entregar ao impulso de fazer uma ultrapassagem pela direita, parar o carro no meio da estrada para apanhar um cliente, passar um amarelo já a dar para o vermelho, não parar na passadeira quando via que quem esperava para atravessar era uma velhinha daquelas que de certeza ia demorar cinco minutos a passar para o outro lado da rua. Impedia-o também, como em tempos, de meter a cabeça de fora e insultar todos os condutores que não conduzissem como ele achava que se devia conduzir para não provocar engarrafamentos. Lei é lei, por isso convinha ser discreto e bem-comportado durante todas aquelas horas que faltavam até parar à porta de casa de Daisy. E ainda faltam várias horas. A preenche-las, outras tantas histórias vulgares que me entravam porta adentro. Mas antes do destino final, que era a porta do clube de *strip*, Manuel tem um outro serviço regular.

Para colmatar as madrugadas que deixara de fazer por respeito a Maria José, Manuel logo encontrou uma forma de ter um dinheiro certo ao fim do mês, já que as contas, essas, chegavam sempre no mesmo dia, indiferentes ao que restava na conta bancária depois de todas as despesas com licenças, gasóleo e manutenção. O serviço era simples: consistia em levar a empregada de um casal abastado de casa até ao colégio que os filhos destes frequentavam, recolhê-los e retornar ao ponto de partida, já que os pais nunca se despachavam a horas decentes para o fazer e os meninos não gostavam de andar no autocarro escolar, que, segundo eles, «era uma seca». E aí dos pais se contrariassem as suas adoráveis crias. A culpa que sentiam por só estarem com eles uma hora por dia era tão grande que cediam a quase todo o tipo de pedidos, inclusive este, que lhes custava trezentos e cinquenta euros por mês. A Daisy só cobrava cem euros para a levar de casa ao clube seis noites por semana. Era barato, Daisy já oferecera mais, mas Manuel declinara. Que ficava em caminho, que não lhe custava nada, que só não o fazia de graça por causa das fiscalizações. Na verdade, e embora não o quisesse confessar, transportar Daisy era o momento alto do dia de Manuel. A rapariga trazia para dentro do meu habitáculo toda a sua beleza e boa disposição, fazendo do trajecto de Campolide à 24 de Julho um autêntico deleite. Só que, até ao ansiado momento de desfrutar da companhia da bailarina, Manuel tinha, entre outras personagens, de aturar estes dois miúdos mal-educados que desconheciam as expressões «se faz favor» ou «obrigado» e não deixavam que a empregada saísse para os ajudar com as mochilas, não fossem os amigos que ainda estavam à porta do colégio vê-la ao lado deles.

Quando entravam e se atiravam para os meus estofos, começavam as exigências. «Olinda, aperta-me o sapato», «Olinda, dá-me um sumo», «Olinda, toma o casaco», «Olinda, desembaraça-me os auscultadores». Manuel tinha vontade de lhes mandar dobrar a língua,

mas, por outro lado, sabia que se os miúdos comesçassem a embirrar com ele, poderiam fazer queixinhas aos pais e lá se ia aquele dinheiro certinho ao fim do mês. Olinda, essa, não respondia. Obedecia calada, os olhos mortiços, resignados, o pensamento muito longe dali, na sua África natal aonde gostava de um dia voltar.

Olinda não fala muito. Sempre que pode anui com a cabeça para responder ao que lhe perguntam e, quando não tem como não usar as palavras, escolhe-as cuidadosamente e utiliza-as com muita moderação. E não é por timidez nem por não se dar bem com a língua; é simplesmente porque não sente nenhuma necessidade de se expressar oralmente. Foi criada com a severidade de um pai que não gostava que ninguém opinasse e muito menos que falasse sem que lhe fosse pedido e, como queria muito agradar ao pai, tentava estar o mais calada possível. Quando ele não estava, a mãe, as tias, as irmãs tagarelavam alegremente todo o dia, mas Olinda habituara-se a simplesmente escutar. Sorria muito com os olhos e com a boca inteira, os dentes muito brancos, mas não dizia nada. Assim, habituara-se a ouvir todos os sons à sua volta: os passos arrastados do pai, as cantorias da mãe, as discussões dos irmãos, mas também o pulsar da terra, o canto dos pássaros, o estalar dos troncos, o som do vento que traz chuva, o seu coração a bater.

Saber ouvir é, para mim, a maior das qualidades que um humano pode ter e talvez por isso Olinda seja a minha pessoa preferida. Tal como eu, ouve os maiores disparates, as maiores atrocidades, os maiores insultos, os monólogos mais aborrecidos e não responde. Ouve e, na sua inconsciente sabedoria, escolhe o volume com que as palavras lhe entram pelos ouvidos. Consegue camuflar a voz dos «patrõesinhos irritantes» com o ruído das minhas rodas no asfalto, com o som de um cartaz publicitário a virar dentro da caixa de luz, com o sacudir das asas de um pombo ali, no outro lado na praça. E, com superior habilidade, consegue reproduzir dentro da cabeça os seus sons preferidos, como se o seu cérebro fosse uma caixa de música que ela abre sempre que quer relembrar um momento. Quando a vejo a sorrir com o rosto virado para o meu vidro, sei que dentro de si está a ouvir a música da aldeia, o ladrar do cão da sua infância ou as gargalhadas dos filhos que não vê há quase três anos.

Chegámos à casa dos patrões, um condomínio com muros altos em pleno bairro da Lapa. Os miúdos descem do meu banco sem sequer dizerem um «até amanhã» e encostam-se à porta do prédio com ar enfadado, à espera que Olinda lhes abra a porta.

— Obrigada, senhor Manuel. Até amanhã.

— Adeusinho, Olinda. Fique bem.

E ela abre a porta e os miúdos malcriados entram a correr pela casa, sem limparem os pés, e as mochilas são deixadas ali mesmo para Olinda carregar e os casacos são largados no meio do chão e o cão é afagado à pressa, que a consola é mais importante. «Olinda, estou cheio de fome!», oiço um deles a gritar antes de a porta se fechar. E Olinda obedece, como em todos os outros dias. Entra, recolhe todos os objectos que decerto vão deixando espalhados pela casa e fica à mercê das ordens de duas crianças com menos de dez anos, esperando acertar no lanche que eles não especificaram mas que estão à espera de que ela adivinhe qual é. Desta vez, talvez tente um pão com marmelada e um copo de leite frio.

Manuel abana a cabeça enquanto avançamos rua fora. «Ai, levavam um tabefe, levavam. Já não são assim tão pequenos para se desculpar tamanha má educação. Mas também, se ninguém os educar, se ninguém os repreender, como vão saber? Deve ser assim que ouvem os pais a falar com a empregada e com todas as pessoas que provavelmente consideram estarem abaixo da sua condição. As crianças aprendem tudo com os pais e com os adultos que as rodeiam. Que gentinha! Tanto dinheiro e nenhuma educação», diz Manuel para consigo. Pois, é verdade, caro Manuel, e daí a falta de civismo que grassa por estas ruas, que nos arranca tantas vezes a esperança num mundo melhor. Ou, pelo menos, mais polido.

Finalmente, chegadas as dez da noite, assobiando de contentamento e de algum álcool a mais, Manuel dirige-me até à porta de Daisy. Chega normalmente mais cedo do que é suposto porque, por um lado, não se quer atrasar e nisto do trânsito há sempre imprevistos, por outro, gosta de contemplar a janela do segundo andar enquanto fuma um cigarro encostado ao meu capô. Àquela hora não há muito a registar nos outros prédios da rua. Há quem passe a roupa a ferro enquanto vê a novela, há quem engraxe os sapatos para a manhã seguinte, há quem lave o chão da cozinha, há quem tome um banho de espuma, há quem prossiga com os olhos colados num qualquer ecrã, anestesiado por programas populares ou notícias alarmistas. Cada um no seu ritual de quem dá o dia por terminado, enquanto para Daisy está tudo apenas a começar. Imagino-a a retirar os rolos do cabelo, penteando-o para ficar sensualmente volumoso, a verificar se as sobrancelhas estão bem depiladas e sem pêlos a crescer desalinhados, apesar de essa ser a última parte do corpo em que os clientes poderiam alguma vez reparar, a trancar as janelas e a porta da cozinha, a desligar o gás e a electricidade, minimizando o risco de acidente, deixando apenas um candeeiro a pilhas acesso no quarto, ao lado do qual deverá estar um copo de água e um pacote de bolachas, tudo de que o filho precisa caso acorde antes das cinco e meia da manhã, a hora esperada para o seu regresso.

Daisy sente uma enorme angústia por deixá-lo sozinho. Sabe que ele dorme profundamente, sabe que ele tem o número da vizinha e do clube, os únicos números para os quais está autorizado a ligar em caso de emergência, sabe que só em caso de doença súbita ou pesadelo acordaria, mas ainda assim todas as noites sente que está a brincar com o fogo. E se ele cai da cama e parte o nariz? E se faz xixi na cama? E se tenta abrir a janela para chamar ajuda e cai do segundo andar? E se alguém, além de Manuel e da vizinha do lado, a quem teve de pedir ajuda logo que se mudou e começou a trabalhar,

descobre que todas as noites ela deixa uma criança de cinco anos sozinha em casa para se ir despir num bar promíscuo? O mais certo seria ir parar à prisão e o filho a uma instituição qualquer, onde passaria o resto da infância e adolescência, porque não podia ser adoptado, mas também não podia voltar para a mãe enquanto esta não cumprisse a pena e tivesse as condições financeiras que os assistentes sociais consideram suficientes para criar um filho sem ter de o abandonar durante várias horas. Abandono, era disso mesmo que se tratava. Não há volta a dar. E a culpa invadia-a e todos esses ses atormentavam-na, mas Daisy sentia que não tinha alternativa. Como sustentar-se a si e ao filho, com um ordenado mínimo, que era o que receberia se encontrasse um emprego dito normal, numa loja, num restaurante, numa empresa de limpezas? Morando num bairro social? Numa zona degradada, onde o filho cresceria ao som de tiroteios, rusgas policiais e adolescentes problemáticos que abandonam a escola para se tornarem pequenos delinquentes? Não fora para isso que deixara Serzedelo. Já tivera a sua dose de pobreza e falta de oportunidades. Não pretendia estragar o filho dando-lhe mais do que o que ele precisa, mas queria ter dinheiro para que ele estudasse, para que tivesse ténis para a aula de educação física e material para a aula de educação visual, para que pudesse andar na natação ou ter aulas de música. Sobretudo, para que não sentisse na pele a vergonha de ter sempre de seguir a aula pelo livro do colega do lado, levar faltas de material por não ter mais do que um caderno e um estojo na mochila ou ir para a fila das refeições grátis do refeitório, uma espécie de sopa dos pobres na versão escolar, para os alunos que nem as senhas do almoço conseguem comprar. Não. Preferia despir-se, noite após noite, preferia ser objectificada, insultada, e até agredida por clientes e patrões, preferia correr o risco de alguém a acusar de abandono de um menor, preferia tudo isso a permitir que o filho passasse um só dia de uma infância como a sua.

Alheio às angústias de Daisy, fumando mais um cigarro enquanto se balança ao som da Rádio Amália, Manuel repara num sem-abrigo que acaba de chegar e começa a perfilar os seus pertences, que se resumem a uma caixa de guitarra e uma mochila de campismo, num recanto criado pela junção do prédio de Daisy com o do lado. Nunca o

tinha visto antes e também não estava a gostar nada do que estava a ver. Parecia-lhe um rapaz novo, não tinha aquele aspecto sujo e malcheiroso de outros indigentes, nem sequer tinha um ar muito ameaçador, mas claramente preparava-se para passar a noite ali, mesmo à entrada do prédio da sua Daisy e isso é que não lhe parecia nada bem.

Quando Daisy se acercou de nós, com o coração apertado e o sorriso forçado de quem encarna a personagem que terá de interpretar nas próximas seis horas, exclamando no seu tom doce «Boa noite, senhor Manuel!», o meu taxista ainda está a olhar fixamente para o sem-abrigo. Só alguns segundos depois responde.

— Boa noite, menina, tás boazinha? Ai, desculpa lá, nem te abri a porta — diz ele, atirando o cigarro fora e entrando para o lugar do condutor.

— Ora, senhor Manuel, não tem mal nenhum. Eu sei abrir a porta sozinha.

— Estava aqui distraído, por causa daquele sujeito à tua porta.

— Qual sujeito? — pergunta Daisy, surpreendida.

— Aquele sem-abrigo, não estás a ver?

— Oh, sim, o João. Não se preocupe. É inofensivo.

— Ah, mas então conhece-lo? — pergunta Manuel, dando à ignição.

— Sim, já dorme aqui há coisa de um mês. Só que realmente nunca o tinha visto por cá tão cedo. Normalmente já está instalado quando chego a casa. Será que está doente?

— E não tens medo? Não queres que o mande embora daqui?

— Ai não, senhor Manuel, nem pensar. Deixe lá estar o rapaz, que não faz mal a ninguém. Só vem aqui dormir, coitado, e na maior parte das vezes, quando vou levar o Samuel à escola, já partiu.

— Não sei. Tu aqui sozinha, com uma criança e um marmanjo à tua porta... Já viste se te tenta assaltar ou pior ainda? — indaga Manuel.

— Não se preocupe. Eu sei bem tomar conta de mim. Ele é mesmo inofensivo. É músico, não vê que anda sempre com a guitarra atrás?

— Quem vê caras não vê corações. Pode parecer inofensivo e um dia estar pedrado ou coisa assim e tornar-se violento, tás a ver?

— Não. O João é bom rapaz.

— Então já se conhecem assim tão bem que até já sabes o nome dele e tudo, é? — pergunta Manuel, sarcasticamente.

— Mais ou menos. Quer dizer, não se pode dizer que sejamos amigos, mas vamos trocando umas pequenas conversas e eu até já lhe deixei fruta, pão, gel de barbear, pasta de dentes, essas coisas que para quem vive na rua fazem sempre falta.

— Ora, tu tens com cada uma! Assim é que ele não te sai da porta!

— Não faz mal.

— Não devias fazer isso. Estas pessoas deviam ir para abrigos, e não andar a dormir às portas de casas de famílias. Dormir, urinar e sabe-se lá mais o quê.

— Esses abrigos não são assim tão bons como possa pensar. Às vezes, é mesmo melhor ficar na rua.

— Como é que sabes? Não me digas que, além de bonita e esperta, também fazes voluntariado e queres salvar o mundo?

— Não. Antes de salvar o mundo, tenho de me salvar a mim própria, senhor Manuel.

— Então como sabes que os abrigos não prestam? Cá para mim, deve ser melhor que dormir ao relento.

— Porque já passei várias noites num.

Manuel abrandou a marcha, que era a sua maneira de mostrar aquilo que não sabia dizer. Estou aqui. Estou a ouvir-te. Mas Daisy não quis falar de um tempo do qual só tinha más memórias.

— Desculpa, não sabia... — acabou por murmurar.

— Não faz mal. Foi há muito tempo — respondeu Daisy, encolhendo os ombros. — Mas isso agora também não interessa nada.

— Pois não — concordou Manuel, que queria tudo menos deixar Daisy desconfortável. E lançando a mão ao auto-rádio perguntou: — Queres que mude para a tua música?

— Não, deixe estar. Este fado até é bonito.

— Oh se é! *Foi Deus*.

— Foi Deus o quê?

— Nada, menina. É só o nome da música — disse Manuel,

sorrindo.

— É bonita.

E embalados pela voz de Amália, chegaram ao destino. O destino onde todas as noites Daisy chora a dançar.

Só depois da conversa de Manuel e Daisy me ter chamado a atenção para o sem-abrigo percebi que já o tinha visto antes. Claro, se passo dia e noite a cirandar por todas as ruas e ruelas da cidade, é quase impossível não me cruzar com todas as caras que fazem parte do cenário. Caras que também me contam histórias.

Este rapaz em particular costumo vê-lo ali pela Rua Garrett, que é uma das ruas onde acabamos por ir parar todos os dias graças aos turistas. Costuma estar à porta de uma das lojas de roupa, com a sua guitarra, a cantar por uns trocos. O sítio é bom para o negócio, sobretudo aos fins-de-semana, mas a concorrência também é muita. Precisamente nos dias mais concorridos, se está mau tempo, mete-se no metro, escolhe uma estação onde poisar e por lá fica até ao fim da hora de ponta; se o tempo permite, começa a descer pela Rua do Carmo em busca de outros lugares movimentados: a estação do Rossio, a esplanada da pastelaria Suíça, a Rua Augusta, a encosta do castelo, um dos miradouros da cidade. A maioria das músicas que toca e canta são clássicos populares dos Beatles, Bob Marley, REM, Coldplay. Mas pelo meio vai sempre pondo um dos seus originais, que na minha modesta opinião de automóvel, com milhares de horas a ouvir rádio, desde as estações mais clássicas ao gosto do Manuel, até às mais radicais, ao gosto de um qualquer cliente que se dá ao trabalho de lhe pedir que mude a frequência, até são bastante bons.

João, assim se chama o rapaz, segundo nos disse Daisy, também sabe que é bastante bom. Foi por isso que decidiu largar tudo e vir para a grande cidade atrás do seu sonho de se tornar músico profissional. Parece-me ter dezanove anos e, mesmo depois de alguns meses a viver na rua, não desiste. Nem vai desistir. Está-lhe no sangue. É a única coisa que quer fazer na vida e, quando assim é, torna-se difícil lutar contra o destino. É que, segundo já percebi, há três tipos de pessoas no que toca a vocação ou ambição profissional: as que têm vários interesses, nenhum deles particularmente arrebatador, mas que

por isso mesmo conseguem adaptar-se a vários empregos e funções sem pensar muito no assunto; as que não têm interesses nenhuns e que simplesmente fazem o que lhes dizem, o que conseguem, o que é para fazerem, ambicionando pouco mais do que um ordenado ao fim do mês; e as que só têm uma paixão na vida, tão grande e tão forte, que não conseguem sequer imaginar fazer outra coisa, o que na maioria das vezes apenas lhes traz frustração, dissabores e precariedade. Neste terceiro grupo estão os artistas e está, consequentemente, o João.

Mais tarde, Daisy contou-nos que ele veio para Lisboa mal acabou o décimo segundo ano. Agarrou em todo o dinheiro que economizou nos dois anos anteriores, altura em que começou a congeminar tamanho plano, e foi despedir-se dos pais. Entre a incredulidade e o medo de o perderem para sempre, certos de que nada o demoveria, os pais preferiram dar toda a ajuda possível: quinhentos euros e o contacto de um amigo que o poderia acolher nas primeiras semanas, até ele arranjar uma casa e um trabalho. João ficou grato pela ajuda e prometeu ligar todos os dias, embora a promessa tenha esmorecido ao longo do tempo e actualmente só ligasse à mãe uma vez por semana.

O amigo do pai recebeu-o muito bem durante umas semanas, mas a cidade, nem tanto. Era difícil encontrar trabalho, sobretudo um trabalho que lhe permitisse continuar a compor e a ensaiar. Trabalhou em cafés, em oficinas, e percebeu que com o que ganhava nunca conseguiria ter uma casa. Um quarto já era bem bom. Era difícil fazer amigos, porque os miúdos da idade dele ou estudavam ou já tinham os seus grupos criados e fechados. Para mais, João não frequentava os mesmos lugares que eles e quando entrava num bar não era para beber umas cervejas, mas antes para perguntar se podia tocar ali. Era difícil alguém contratá-lo como músico, porque os poucos bares que tinham música ao vivo queriam bandas com um mínimo de reputação, que lhes trouxesse mais clientes, e não um miúdo quase imberbe, a tocar sozinho. E era ainda mais difícil não ficar frustrado com qualquer emprego que ia tendo e que sentia que apenas servia para lhe sugar o tempo. Empregos onde não dava o seu melhor porque a cabeça estava sempre entre notas e rimas e que acabavam assim que chegava o prazo estipulado no primeiro contrato.

No último dia do último trabalho que teve, num talho em Alvalade,

assim que se livrou para sempre da bata ensanguentada, João pegou na guitarra e pôs-se a tocar na rua. Foi então que percebeu que conseguia ganhar algum dinheiro assim. Pelo menos o suficiente para comer e dormir. Fez trinta euros só naquela tarde. Estava mais confiante do que nunca. Não podia contar aos pais que era músico de rua, seria um desgosto grande demais, mas na verdade nunca tinha sido mais feliz.

Ao fim de uns meses, decidiu que tinha de fazer uma demo para enviar às editoras. Tinha vários originais e a certeza de que, se um produtor o ouvisse, não hesitaria em contratá-lo. Gastou tudo o que tinha na conta para alugar um estúdio e poder gravar os seus originais. Enviou a tal demo para todas as editoras que conhecia e também para algumas rádios de norte a sul do país, na esperança ingénua de que as coisas se passassem como nos filmes, e ficou à espera da grande oportunidade. Aquela que nunca surgiu. No país dos amigos e conhecidos, as centenas de demos que as editoras recebem nem sequer são ouvidas. E as rádios têm, na sua maioria, um alinhamento para cumprir.

Nesse mês, não conseguiu pagar o quarto. Tinha dez euros no bolso. Cinco para carregar o telemóvel, que a mãe dava-lhe uma coisa se não lhe ligasse, e cinco para comer. Os trinta euros por dia que por vezes conseguia fazer, havia dias em que não passam de metade. Eram poucos os lisboetas que se dignavam a deixar uma moeda e quanto aos turistas, há um limite para o número de trocos que deixam aos inúmeros músicos de rua, homens-estátua ou simples pedintes que se cruzam no seu caminho. Também não contara com os assaltos, com as cordas que se partem, com a polícia que o obrigava a fugir, que isto de receber uns trocos sem pagar impostos era noutros tempos. No mês seguinte, também não teve como pagar a renda, e como já era o segundo atraso de seguida, o senhorio pô-lo na rua, sem sequer hesitar. Não lhe interessava se era bom rapaz, se já lhe conhecera a mãe, que viera uma vez de visita e certificar-se de que ele vivia num sítio em condições, se não se metia em drogas, se um dia ia ser um grande artista. Não paga, vai para a rua, que há mais quem queira um quarto às portas do metro, nem que sejam os turistas. E na rua o João ficou, porque sem trabalho não lhe alugavam um quarto decente, mas

ele não estava disposto a voltar para a escuridão de um trabalho precário. Não estava disposto a desistir quando sentia que estava muito perto de realizar os seus projectos. Viveria na rua, sem tecto, sem cama, mas com a guitarra e com a alma cheia de música.

Por vezes, usava os abrigos comunitários para tomar banho, por considerá-los demasiado sinistros para pernoitar, mas a maioria das vezes fazia a higiene na casa de banho da biblioteca, onde passava a manhã a escrever. Ali tinha o silêncio impossível de encontrar nas ruas; tinha os livros para inspiração e acima de tudo tinha um certo calor, não apenas aquele proporcionado pelas paredes e tecto do edifício público, mas principalmente o que vinha das pessoas que por ali circulavam. Da hora de almoço à hora em que as ruas começavam a desertar, tocava até lhe doerem os dedos. E por fim, ia dormir à porta de Daisy, porque o prédio tinha uma entrada recuada, onde podia deitar-se sem dar nas vistas. Tinha demorado várias semanas a encontrar aquele lugar limpo e discreto, sem outros sem-abrigo a disputá-lo. Semanas assustadoras, em que vira coisas que não sonhara ver. Adolescentes fugidos de famílias de acolhimento, bêbedos violentos, loucos varridos e até uma senhora que estava morta há dois dias debaixo de umas caixas de cartão sem que ninguém tivesse dado pela sua falta.

Era uma rua muito pouco movimentada de Campolide, a Calçada dos Sete Moinhos. Desde que não fizesse barulho e não deixasse um rasto de mau cheiro, acreditava que ninguém o incomodaria. Aguentava por isso a bexiga cheia toda a noite, não deixava nem um lenço de papel no chão, levanta-se aos primeiros raios de sol para não ser visto e tentava ser sempre discreto, sempre educado, sempre cuidadoso com a sua aparência. Sim, Daisy tinha razão. O João era inofensivo e a única coisa que queria daquele recanto era uma certa segurança que lhe permitisse descansar sem sobressaltos.

No entanto, Manuel não achou o mesmo.

Ao chegar ao clube, Daisy despediu-se carinhosamente de Manuel, como sempre fazia. Apoiava-se entre os dois bancos da frente e pespegava um beijo na bochecha do taxista (daí a recorrente marca de batom à qual Maria José torcia o nariz). Depois, lançava um sorriso e um «durma bem» antes de fechar a porta e correr para o interior do antro onde trabalhava. Manuel esperava que ela entrasse, conquanto houvesse seguranças à porta, e conduzia até casa com um sorriso.

No entanto, naquela noite não havia sorriso no rosto de Manuel, nem este pretendia dirigir-se a casa. Encorajado pelo álcool que bebera durante toda a tarde e levado por um incontido sentimento de protecção, depois de deixar Daisy no clube, Manuel voltou atrás, até à rua dela, com o intuito de confrontar o tal sem-abrigo e dizer-lhe que era melhor procurar outro poiso e deixar de vez a porta da sua protegida. Detestava indigentes e não se deixava sensibilizar por histórias de coitadinhos, que tiveram azar, que são boas pessoas. Trabalhava desde os dezassete anos e ficava revoltado quando via gente nova a viver na rua. Ainda compreendia os velhos, os drogados, os mutilados físicos ou mentais, agora malta nova é que não. Tinham bom corpo para trabalhar e, se não o faziam, era porque não estavam para isso.

«Era só o que me faltava, levar com este gajo à porta da rapariga todas as noites. Um rapaz novo, deve ser pela idade dos meus filhos, e já armado em malandro, a viver às custas dos outros? É por estas e por outras que não percebo porque acabaram com o serviço militar obrigatório. Vadiagem desta, era dois aninhos de tropa e endireitavam-se logo. Pelo menos aprendiam alguma coisa, um ofício. Se não aprendessem nada que lhes valesse uma profissão, sempre ficam a saber fazer uma cama e a ter respeito pelos mais velhos. Vadios de um cabrão. Só querem é boa vida, telemóveis, música, bebedeiras com os amigos, que eu bem os via aí aos caídos, quando fazia madrugadas. Mas trabalhar, que é bom, é para o preto. Depois,

quando dão por si, se não têm paizinhos para os sustentar, vão para a rua mendigar. Uns cantam, outros fazem números de circo, porque a vida para eles é mesmo uma festa, mas dar no duro é que não dão. E daí a começarem a gamar é um instante. Uma carteira aqui, um relógio ali. Já estou mesmo a ver onde isto vai parar. Não. Com a Daisy é que este gatuno não se vai meter. Capaz de entrar pela casa da rapariga e roubar-lhe o pouco que tem. Ou pior! Era só o que faltava! Vai já levar um apertão que é para ver se se põe na alheta. Bom rapaz, diz ela. Bom rapaz sou eu, que me farto de trabalhar e não devo nada a ninguém. E oh se podia estar melhor! Atão não podia? Não falta aí é quem queira ser motorista para trabalhinhos sujos. Mas eu não. Eu cá é tudo preto no branco. Não quero cá confusões. Gosto pouco de bandidagem. E estes sem-abrigo é o que são. Bandidagem, também. Não roubam hoje, mas roubam amanhã quando estiverem cheios de fome e frio. E depois é banhos quentes, é sopa dos pobres e a malta que trabalha a pagar isso tudo. Eu dava-lhes o abrigo, dava.»

Manuel nem se dava conta de que estava a falar alto. Ainda que não estivesse, eu saberia que era exactamente isso que estava a pensar. Quanto mais efusivos os protestos, mais acelerava pelas ruas, à hora pouco movimentadas, até entrar pela Calçada dos Sete Moinhos em velocidade excessiva. Parou à porta da Daisy, mas João não estava lá. Mal sonhava que, pouco depois de partirem, tinha entrado para dentro do prédio e que era a própria Daisy quem deixava a porta aberta, para que ele pudesse dormir no armário do condomínio, dois metros por um, aninhado entre a vassoura, o balde e demais instrumentos de limpeza das zonas comuns do prédio. Na conversa que tiveram pouco antes, Daisy omitira essa parte ao perceber que Manuel não estava a levar a bem a situação.

Saiu do lugar de condutor e andou para a frente e para trás pela rua a ver se encontrava João abrigado num outro edifício, enquanto fumava freneticamente um cigarro e sorvia uns resquícios de medronho da garrafa. O silêncio imperava. Nem à janela se via vivalma. Irritado, voltou a sentar-se pesadamente no meu assento, sempre de olhos postos na porta de Daisy. Não reparou que, do outro lado da rua, um carro estacionava. Não reparou no homem alto e com ar cansado que saiu do mesmo. O fato amarrotado por demasiadas

horas à secretária, a alça da mala do computador pendurada no ombro, pesando, puxando-o para baixo, enquanto a mão procurava o botão certo da chave para fechar a viatura. Manuel não reparou que o homem atravessava para o lado da rua onde eu estava estacionado, distraído, a responder a uma última mensagem no telemóvel, para poder desligá-lo quando entrasse finalmente em casa, ansiando por abraçar a mulher e espreitar o filho de doze meses que há muito dormia numa cama de grades azul.

Cansado de esperar e procurar alguém que talvez já nem estivesse ali, Manuel ligou-me o motor, engatou a marcha-atrás e, sem sequer olhar pelo retrovisor, guinou o volante para a direita para sair sem mais manobras, acelerando ao mesmo tempo. No seu estado de embriaguez, sentiu que deu um toque em qualquer coisa atrás de mim, mas seguiu indiferente. «Já está, já está, o que vou fazer a esta hora? Se o meu carro tiver alguma coisa é culpa minha, se for o do outro, azar o dele. Não vou ficar aqui à espera que apareça. Que se lixe. É para isto que serve o pára-choques.» Arrancou direito a casa. Já passava da hora. Maria José não tardaria a ligar, preocupada.

Porém, não foi um pára-choques de outro veículo que senti embater na minha traseira. O que senti foi uma massa, uma massa que estalou e caiu. Um corpo. O corpo do homem que só queria chegar a casa depois de mais de doze horas a trabalhar. O homem que atravessou para o outro lado da rua sem verificar se vinha algum carro, que não ouviu o meu motor a arrancar, porque a única coisa que importava era responder a uma última mensagem. O homem que ficou momentaneamente esmagado entre mim e o carro que estava atrás, até cair no asfalto, logo que o Manuel me fez arrancar, surpreendido pela dor, desamparado. Sem perceber o que lhe estava acontecer, sem tempo para se proteger da queda, bateu com a cabeça no lancil do passeio e teve morte imediata.

Impelido por uma força maior, a mesma que fez com que não matasse a mulher quando esta o encornou e que diariamente o ajuda a não atropelar os clientes que fogem sem pagar, não insultar «os condutores de domingo que se atravessam no caminho» e pagar os impostos a horas, Manuel decidiu voltar atrás para ver se de facto tinha feito algum estrago em carro alheio. De certeza que não tinha

nem um risco, mas se tivesse, queria deixar um bilhete com o seu número de telefone. Era um homem civilizado. Passou devagar. Abriu o vidro para ver melhor e notou que o pára-choques do tal carro onde julgou embater não tinha absolutamente nada. Parou-me, debruçou-se na janela e viu o corpo do homem no chão. Uma poça de um líquido escuro e viscoso por baixo da cabeça. Manuel endireitou-se no banco e começou a hiperventilar. «E agora? O que é que eu faço? E agora? O que é que eu faço?» eram as únicas palavras que lhe invadiam o pensamento. Decidiu avançar lentamente, dar o menos possível nas vistas. Não estava ninguém na rua, nem o merdas do sem-abrigo. Não estava ninguém à janela. Não estava ninguém a ver. Continuámos a subir a rua e, ao avistar uma cabina telefónica, objecto obsoleto nos dias que correm mas que ainda vai existindo, Manuel decidiu parar e chamar uma ambulância. Não o faria do telemóvel, não fosse alguém localizar a chamada e descobrir que era ele o anónimo. Sabia lá se cruzavam as informações neste tipo de casos.

Deu as indicações aos paramédicos e seguiu até ao rio, repetindo a si próprio: «Será que está morto? Morto? Não pode estar morto. Deve estar só desmaiado. Não fui eu que o matei, não fui eu que o matei. Foi o passeio. Ele morreu porque caiu e bateu com a cabeça no passeio. Eu só lhe dei um toque e estava estacionado, não pode ter sido assim com tanta força. Foi o suficiente para o fazer cair, mas não para o matar. Não pode ter morrido. Ninguém morre assim. Deve ter batido com a cabeça no passeio. Porque é que teve logo de bater com a cabeça na merda do passeio? Mas de onde é que ele apareceu? Não havia ninguém na rua! Nem o filho da puta do sem-abrigo! A culpa é dele. Não fui eu. Eu não o matei. Será que o matei? Será que morreu? De onde é que ele apareceu? Foi um acidente. Foi um acidente. Foi um acidente.»

O telemóvel tocava. Era Maria José. Já passava uma hora da hora a que deveria chegar a casa, mas Manuel não podia atender. Tinha de fazer uma coisa primeiro. Seguindo sempre junto ao rio, Manuel parou no estacionamento abandonado do Jardim do Tabaco e desfez-se da garrafa que carregava sempre consigo. Era o fim. Não beberia mais. Tinha batido no fundo. Se estivesse sóbrio, teria visto o homem. Se estivesse sóbrio, teria ido directo para casa depois de deixar Daisy. Se

estivesse sóbrio, poderia ter chamado a polícia. Um peão atravessou-se por trás dele, não pela frente. Estava a fazer marcha-atrás. Não estava em cima da passadeira. Não tinha culpa. O carro nem uma moosa tinha, pelo que não fora um embate grande. Não lhe tirariam a licença. Mas, como estava alcoolizado, poderiam acusá-lo. Teria de se dar como culpado. Teria de entregar a licença, o carro, a vida. Se ao menos estivesse sóbrio... E estaria. Jurava às tágides que estaria, enquanto as lágrimas teimavam em não cair. Só havia aquele choro em seco, abafado pelo vento e pela ondulação do Tejo: hãaaaaaaa, hãaaaaaaa, hãaaaaaaa.

Culpa

A manhã chegou para tirar Manuel da escuridão. Não pregara olho a noite inteira. Quando entrou em casa, na véspera, tinha Maria José à espera. Vi-a à janela com um ar apreensivo, as mãos a apertarem as golas do roupão cor-de-rosa para esconder o nervosismo. Parece que a estou a ouvir: «Onde te meteste, homem, que estava para aqui raladíssima? Porque não me atendeste o telefone? Estou a tentar ligar-te há duas horas. Não me digas que andas outra vez na má vida? Estiveste a beber, não é verdade? Ai homem, qualquer dia matas-te naquele carro, valha-me Deus». E parece que estou a ver o Manuel a inventar uma desculpa qualquer, sem tirar os olhos do chão: que ficara sem gasolina, que tivera de andar a empurrar o carro, que o telemóvel estava sem som, como sempre, para não incomodar os clientes, mas no bolso do casaco, em vez de estar na consola, que só dera por ele quando já estava a chegar a casa. Maria José, aliviada por ter o marido de volta, decerto não fez mais perguntas. O homem estava vivo e não se tinha metido em problemas. Isso bastava-lhe para dormir descansada, que foi o que fez.

Os sentimentos que invadiam Manuel oscilavam entre a culpa e o medo. Culpa por saber que, mesmo sem querer, provavelmente matara um homem, culpa por estar embriagado, culpa por ter cismado em ir atrás de um miúdo sem-abrigo que no fundo não fizera mal a ninguém. Uma culpa que o fazia querer voltar lá, àquela rua, falar com a família daquele homem, explicar que simplesmente tirara o carro do lugar, que o homem devia ir distraído, que já se sabe que não se deve passar por trás de um carro ligado, está sempre a dizer isso aos clientes, aos amigos, aos filhos. Que o fazia desejar ter a coragem de assumir a responsabilidade, dar a explicação que certamente a família procurava desde o instante em que alguém lhes ligou ou bateu à porta para dar a trágica notícia. Só que aí surgia o medo. E se o acusassem de homicídio? Quantos anos iria preso? E se não fosse preso mas lhe tirassem o táxi? Trabalhara a vida toda para ter a sua

própria licença, para não depender de ninguém. Foram sessenta mil euros na altura, mais o carro, o curso, tudo por água abaixo porque um indivíduo distraído resolveu passar por trás do táxi quando ele fazia marcha-atrás. E o que teria feito se estivesse sóbrio? Teria visto o homem a aproximar-se da viatura? Teria olhado pelo retrovisor antes de engatar a mudança? Teria ficado no local até a ambulância chegar? E se afinal alguém tivesse visto a cena? Alguém que estivesse à janela, em silêncio? E se a polícia lhe viesse bater à porta? Nada. Não podia fazer nada. Se e quando tal acontecesse, logo veria. Uma coisa era certa: nunca mais tocaria numa gota de álcool. Nunca mais.

Quando o despertador de Maria José tocou, imagino-o a fingir estar a dormir profundamente para evitar conversas. Só quando a ouviu bater a porta é que saltou da cama e se enfiou no chuveiro, onde provavelmente, sempre que fechava os olhos, via a poça de sangue a derramar pelo passeio; onde esfregava a pele com força, como se a água fosse lavar essa memória, empurrá-la pelo ralo, afogá-la no esgoto, como se não soubesse já que ela nunca o abandonaria.

Saiu de casa e foi ao quiosque do senhor Artur comprar cigarros e o *Correio da Manhã*, que folheou rapidamente até à secção dos crimes para ver se havia alguma notícia sobre o assunto. Nada. Respirou fundo e entrou no café da dona Emília para tomar o pequeno-almoço, coisa que raramente fazia. Gostava das suas torradas no ponto em que a sua torradeira as deixava, nem mais nem menos. E gostava também da sua manteiga *Vigor*, do café de saco que Maria José deixava feito, ao qual juntava um dedo de leite gordo, apenas isso. Mas naquele dia apetecia-lhe algo diferente. Provavelmente porque queria livrar-se do travo amargo que tinha na boca. Sentou-se a uma das duas mesas de plástico embranquecido pelo sol que havia no exterior do café, ao que dificilmente se poderia chamar esplanada, e pediu um *palmier* simples e um galão, na esperança de se livrar do tal gosto.

Como que atraída pela visita inesperada, Idalina apareceu à sua frente.

— Ah! Senhor Manuel! Bons olhos o vejam!

— Bom dia, dona Idalina — retorquiu Manuel, sem entusiasmo.

— Por aqui a esta hora? Deve estar um burro para morrer — disse ela, sentando-se na cadeira a seu lado. — Não me diga que a Maria José não lhe deixou o pequeno almoço pronto?

— Nada disso. Apeteceu-me variar. Foi só.

— Não está com boa cara. Estará a ficar doente?

— Sinto-me muito bem, mas obrigado pela preocupação — respondeu Manuel, pegando no jornal para ver se ela se ia embora.

— Mas olhe que está com olheiras. Anda a dormir mal? O senhor nem sequer se levanta cedo, como a Maria José, coitada, que às oito e pouco já está na paragem. Ou são preocupações? O negócio está mau, é isso?

— Não, dona Idalina. Está tudo bem — voltou a responder, desta vez mais secamente. Lá estava ela a fazer perguntas atrás de perguntas, a tentar tirar nabos da púcara, raio da mulher, sempre a meter-se na vida dos outros. Será que não tinha mais nada que fazer?

Dotada de um enorme talento para a cusquice, Idalina continuou a falar. Quanto mais inundasse os seus interlocutores com *fait-divers* entediantes, mais depressa lhes adormecia a parte do cérebro que preza a intimidade, levando a que inevitavelmente acabassem por deixar escapar alguma inconfidência. Mas Manuel, não. Ele já a conhecia de outras andanças, quando frequentava a sua casa, nos tempos em que era a melhor amiga da ex-mulher. Tanto que ouvira sair da boca daquela personagem, das mentiras mais inocentes aos boatos mais difamadores. E a outra, «a vaca», como Manuel lhe chamava, dava-lhe trela, achava-lhe graça, puxava-lhe pela língua, o que deveria ter sido suficiente para ele perceber que não era boa.

— Bom, estou para aqui a falar mas eu é que não dormi nada bem — continuou Idalina. — Então não é que me entrou um ratito pelo quarto adentro? Eu bem digo ao meu Carlos para ter sempre a porta do quintal fechada, mas ele ora entra, ora sai, ora entra ora sai, e a porta sempre escancarada. Olhe, foi cá um susto, valha-me Deus. Primeiro ouvi um chiar. Depois ouvi as patinhas a andar no soalho, tictictictictic, e quando abri os olhos, só vi uns pontinhos a cintilar, que eram os olhos do magano, a olhar para mim. Comecei logo a gritar: «Ó Carlos! Ó Carlos!», mas vi logo que o melhor era ser eu a resolver o problema, que aquele, primeiro que acorde, podia cair a

casa. Saí da cama devagarinho, peguei no meu chinelo e pumba! Acertei-lhe mesmo! O meu gato é que não ficou nada contente. Preferia ter sido ele a apanhá-lo, mas àquela hora da noite não ia ficar ali a assistir ao jogo do gato e do rato.

— Hum-hum — soltou Manuel, enquanto se fingia cada vez mais interessado na página de desporto.

— Está a ler sobre o seu Benfica, não é? Andam a portar-se muito bem, não andam? Haja alguma coisa para nos alegrar. O meu sobrinho anda todo contente, é daqueles que vai aos jogos todos, sabe? O senhor Manuel não vai?

— Agora já não. Tenho de ter cuidado com o coração.

— Ah, pois, enerva-se muito, não é? Pois, olhe, o meu sobrinho, até aos jogos lá para o norte ele vai. Pertence àquela claque mais antiga, os Diabos Vermelhos. E por falar em diabo — disse, mudando drasticamente de tom —, ele acaba de dobrar a esquina. Vou-me já embora daqui! — E, levantando-se da cadeira como se esta tivesse uma mola, desapareceu apressadamente.

O dito sujeito era o homem do 12 A, ou seja, o vizinho de Idalina. Chamava-se Fernando, era solteiro e, segundo a própria apregoou durante anos, muito bom rapaz. Tinha-se mudado para o bairro depois de a namorada o deixar e Idalina prontificara-se a cuidar dele. Fazia-lhe limpezas, levava-lhe pão e fruta todos os dias, às vezes uma carne assada, que dá sempre jeito ter no frigorífico, pois é só aquecer, meter dentro de um papo-seco e fica o jantar feito, engomava-lhe as camisas e até lhe dava opiniões sobre as raparigas que ele levava para casa e que raramente deixava que pernoitassem por lá. Era educado, trabalhador e, segundo Idalina, fazia muito bem em andar a divertir-se com várias raparigas antes de casar. Assim, um dia, quando casasse, já não tinha necessidade de fazer das dele. E era uma maneira de esquecer mais depressa a serigaita que o deixara. Fernando dava-lhe conversa, que era meio caminho andado para a ter nas palminhas, e respondia-lhe a todas as perguntas, alimentando o seu já de si rico imaginário.

Com o tempo, Fernando passou a ser da casa. Idalina era como aquela tia amorosa que está sempre a estragar os sobrinhos com atenções. E como o rapaz perdera a mãe muito cedo e a pouca família

que tinha vivia em Viana do Castelo, terra que apenas visitava pelo Natal, agradecia a hospitalidade e, de vez em quando, lá aceitava um convite para almoçar, passando depois parte da tarde a falar de futebol com o marido de Idalina. Era nessas ocasiões que se cruzava com Carla, a filha do casal, uma adolescente sonsa, que com o tempo desenvolvera uma paixoneta por ele. Segundo confidenciara a Manuel nas muitas viagens que fazia connosco, era precisamente na altura em que ele chegava que a rapariga fazia questão de ir tomar banho, para depois se passear demoradamente entre a casa de banho e o quarto, só com a toalha à volta do corpo, ou que tropeçava mesmo ao seu lado, para que ele a agarrasse. Fernando fingia não perceber, embora não ficasse indiferente. Que homem fica indiferente perante uma lolita, bem-comportada quando os pais estavam a olhar e extremamente provocadora quando estes viravam costas? Dizia-se encurralado entre o dever de lhe dar para trás e a certeza de que para o fazer teria de deixar de frequentar a casa, e consequentemente explicar a Idalina as suas razões, o que por sua vez iria resultar numa Idalina em fúria a chamar-lhe mentiroso.

Carla era filha única e a menina dos olhos da mãe. Era bonita, era boa aluna e Idalina fazia questão de gabar todos os seus feitos e qualidades. «A minha Carla tem tanto jeito para o desenho», «a minha Carla só teve cinco este período», «a minha Carla foi convidada para fazer parte do coro», «a minha Carla foi escolhida para a marcha». Irónico era que a mulher que achava que sabia tudo o que se passava no bairro não soubesse o que se passava debaixo do seu nariz. Carla fumava às escondidas, Carla namorava às escondidas, Carla esperava que a mãe adormecesse e saltava o muro do quintal do rés-do-chão para ir sair à noite com os amigos. Carla, com o tempo, perdeu a vergonha e começou a fazer marcação cerrada a Fernando, que eu bem a via. Espalmava-lhe os seios no peito quando o ia cumprimentar, soltando um pequeno gemido ao beijar-lhe a face, passava com a língua nos lábios quando a mãe virava costas, dobrava-se de forma provocadora, fingindo apanhar qualquer coisa do chão, se o via sentado na esplanada do café. E, num domingo em que os pais saíram para um almoço na quinta de uns amigos em Santarém, Carla tocou à porta de Fernando e (segundo me pareceu pelos gemidos que

chegavam cá abaixo) consumou toda a paixão acumulada ao longo de dois anos de provocações. Consumou uma, duas, dezenas de vezes ao longo de alguns meses, até que um dia Idalina descobriu e teve um desgosto de morte.

Durante um dia, não saiu da cama. Disse o marido a quem perguntou que estava com uma terrível enxaqueca. Eu vi logo que aquilo era treta, que Idalina até febril fazia questão de ir ao café e à mercearia, para que nenhuma novidade lhe escapasse. E senti também uma grande agitação vinda do interior do seu rés-do-chão assim que a filha chegou da escola. Tenho a certeza que a sonsa da miúda permaneceu impávida e serena, de olhos fixos no chão, enquanto a mãe desfiava um rol de acusações interrompido por vários «que fiz eu para merecer isso, Carla Sofia?», «matas-me de desgosto, Carla Sofia», «não te quero a voltar a falar com aquele indivíduo, ouviste?», «se o teu pai sabe, mata-te a ti e a ele».

O problema que se pôs então foi como cortar relações com Fernando sem ter de contar o motivo a toda a gente. Sim, porque o bairro inteiro ia estranhar se Idalina, de um dia para o outro, deixasse de tratar Fernando como o filho que nunca teve. Mas confessar a verdade era o mesmo que apregoar que a filha, uma menina tão boa, tão perfeita, tão melhor que as filhas dos outros, era afinal uma promíscua, que se enfiara na cama com um homem mais velho. Tinha de fazer a coisa sem dar nas vistas. Não podia correr com ele do prédio porque não era a senhoria. Não podia mudar de casa porque teria de explicar ao marido por que razão de repente queria sair do lugar onde sempre viveram. E também não podia fingir que estava tudo como antes.

Durante dias, vi-a passar rua acima rua abaixo, o sobrolho franzido, os olhos irados, até resolver que a solução passava por escrever uma carta a Fernando, carta essa que ele trazia no bolso de trás das calças no preciso dia em que a recebeu. Não sei ao certo o que continha, mas, conhecendo Idalina como conheço, presumo que fosse uma espécie de ultimato, em que lhe pedia que nunca mais dirigisse a palavra nem a si nem à filha, que se mantivesse longe da sua vista e da sua porta e que, caso o marido o convidasse para ir lá a casa, declinasse gentilmente e inventasse uma desculpa verosímil. Ah, e que

não se esquecesse de lhe devolver os *Tupperwares* que tinha em sua casa. Sim, Idalina queixava-se sempre à vizinhança de que o Fernandinho se esquecia sempre de lhe devolver os *Tupperwares*, um delito maior para qualquer dona de casa.

Independentemente do conteúdo exacto da missiva, o que é certo é que desse dia em diante Fernando fez o que pôde para evitar cruzar-se com qualquer um dos três elementos da família. Sabia que, no fundo, tinha agido mal, não por ter tido um caso com a miúda (que, para todos os efeitos, à data da consumação já era maior de idade), mas por ter traído a confiança do casal que tão bem o acolhera. O seu olhar, contudo, dizia-me que não estava arrependido. Tinham sido umas belas fodas e ia ter saudades da Carla Sofia. Pelo menos até encontrar uma substituta à altura, o que não demorou muito.

Com o tempo, a vizinhança foi-se apercebendo do afastamento, até porque Idalina nem sempre conseguia conter um olhar de desprezo ou um «só me faltava agora este» quando Fernando aparecia e, sabendo-o um devorador de mulheres, juntando dois mais dois, muitos adivinharam o motivo. Ainda, assim, contra o que seria de esperar, sobretudo das pessoas que até tinham razão de queixa por terem alguma vez sido alvo da cusquice de Idalina, ninguém teceu comentários. Estranhas, as pessoas. Estranhas e surpreendentes. Ou então, não. Acredito que o silêncio e deixar o caso passar despercebido não foi tanto por piedade de Idalina, mas sim por respeito ao marido, um homem discreto e calado, amistososo e educado, que nunca soube nada do sucedido. E também porque, ao contrário dos pais, os vizinhos sabiam que Carla Sofia não era uma santa. Era apenas uma típica adolescente, livre e descomprometida, que tinha decidido divertir-se com alguém que conhecia e em quem confiava. E se não servira para mais nada, ao menos o episódio servira para acabar com a gabarolice de Idalina, o que tinha sido um alívio para toda a gente. Nunca mais se ouvira aquela mulher começar uma frase com «a minha Carla». Só quando ela casou com um engenheiro. Mas isso foi muitos anos depois.

Desviando o olhar de uma Idalina em fuga, Fernando pegou na chávena de café que a dona Emília tinha acabado de servir e sentou-se na mesa de Manuel.

— Então, Manel, é este fim-de-semana que consolidamos a liderança? — perguntou, com um piscar de olho.

— Não sei...

— Eh pá, estou com uma fezada de que os lagartos encostam nesta jornada.

— Deus te ouça — respondeu Manuel.

— Isto não tem nada que ver com Deus.

— Pois, se calhar não. Mas estás muito optimista. Eu cá não entro em euforias.

— Eh lá, deve ser a primeira vez que estou mais entusiasmado do que tu ao falar do Benfica.

— Não é isso, é que... Bom, tenho de ir andando — afirmou, levantando-se de repente.

— Já? — estranhou Fernando. — Vais para onde?

— Nem sei. Vou começar agora a volta, mas ainda não decidi por onde. Queres boleia, é?

— Boleia, não, que amigos, amigos, negócios à parte. Pago-te a volta.

— Então vá, anda daí.

Manuel queria tudo menos guiar-me naquela manhã, mas era preciso não levantar suspeitas. Tinha de fazer um esforço para manter a rotina, como se nada tivesse acontecido. Fernando queria ir até ao Saldanha, onde tinha uma reunião, e Manuel levou-o, fingindo durante todo o caminho estar a ouvir o que o outro lhe dizia. Continuava a falar sobre o Benfica, o que, num dia normal, teria resultado numa alegre conversa e deixaria Manuel com um sorriso de

orgulho, como se ser um adepto fervoroso lhe desse direito a algum mérito nos êxitos que a equipa estava a ter esta época. Só que, naquele momento, o único vermelho que conseguia ver era o do sangue do tal homem espalhado no lancil do passeio.

— Está tudo bem, Manel? — perguntou Fernando, espantado com a sua indiferença e sobretudo com a pressa com que conduzia. Quando o assunto era o Benfica, Manuel costumava esquecer-se do tempo, guiando mais devagar para fazer durar o momento.

— Sim, claro que sim — respondeu Manuel, prontamente. — É só uma dor de cabeça com que acordei esta manhã. Tão grande que nem me apetece falar.

— Eh pá, o melhor é tomares já alguma coisa, senão só vai piorar.

— É isso. Vou parar ali na farmácia. Aqui está bem? — perguntou, parando-me quase à porta do Monumental.

— Está óptimo. Toma lá sete euros, não preciso de factura.

— Deixa lá isso, Fernando.

— Nem pensar! Contas são contas. Vá, as melhoras — e fechou a porta, afastando-se para o lado oposto da rua.

Manuel seguiu até ao Marquês e depois começou a subir a Duarte Pacheco. Podia ter virado para o Ritz ou para a Castilho, onde há sempre gente à procura de táxis. Mas não. Continuou a subir a rua, ignorando os potenciais clientes que lhe faziam sinal para que parasse, dirigindo-se a Campolide. Só parou no local onde tudo acontecera.

No lancil do passeio, a mancha de sangue ainda não tinha sido totalmente removida. O prédio de Daisy, banhado pela luz do dia, parecia-lhe maior e mais caloroso. Ali havia vida, vizinhos atarefados, floreiras, um gato a dormir contra o vidro e, àquela hora, a janela do seu quarto era a única que tinha as persianas fechadas, sinal de que estaria finalmente a descansar. Manuel continuou a observar as fachadas e não foi preciso muito para descobrir onde morava o homem que, agora com toda a certeza, matara na véspera. Numa janela de um terceiro andar estava um indivíduo vestido de preto a fumar freneticamente. Viam-se outros vultos vestidos de negro no interior do que parecia ser a cozinha. À porta desse mesmo prédio,

estavam três pessoas, cabisbaixas, a conversar. A vizinhança já se tinha dado conta do sucedido. Uns devem ter dado pela ambulância na véspera, outros pelo grito de horror da viúva, outros ainda inteiraram-se da situação às primeiras horas da manhã, no café, no elevador, na garagem.

Manuel começou o seu choro sem lágrimas, interrompido abruptamente por uma mulher dos seus sessenta anos que me batia com os nós dos dedos no vidro. Queria saber se estava de serviço.

— Sim, senhora, pode entrar — respondeu, atrapalhado. Recusar o serviço seria dar muito nas vistas, que era precisamente o que não queria nem podia fazer. Por que raio estaria um táxi parado naquela rua, com o condutor lá dentro, àquela hora do dia, se não fosse para trabalhar?

A mulher ficou a segurar-me a porta enquanto uma outra, mais jovem, a cara tão inchada que nem os óculos escuros o conseguiam disfarçar, entrou. Não disse nada. Nem bom dia. A que segurava a porta entrou também, dando indicação do destino.

— É para a Igreja do Santo Condestável, em Campo de Ourique.

Manuel recebeu aquelas palavras como um murro no estômago. Olhou pelo retrovisor para aquela que tinha a certeza de ser a viúva do homem que matara e sentiu-se nauseado. O seu rosto, ainda que escondido por trás de uns óculos escuros, mostrava o assombro da perda, a incredulidade. A mulher que a acompanhava era a mãe e, ao contrário da viúva, não chorava para dentro. Fungava, limpava as lágrimas e o pinga que ia escorrendo do nariz com o mesmo lenço húmido e encarquilhado, enquanto murmurava alguns «Deus nos ajude», «tens de ser forte, minha filha», «tens de pensar no menino». E a mulher, que ainda há umas horas era feliz, olhava o vazio, como se estivesse a assistir a um filme que não era o dela. Tudo lhe parecia demasiado surreal. Demasiado distante da banalidade de todas as outras manhãs, de todos os outros dias, dos últimos anos. As pequenas preocupações do quotidiano, quem leva o miúdo à creche, o que te apetece para jantar, não te esqueças que tens camisas na lavandaria, olha que ele acabou de deitar o teu telemóvel para o cesto dos

brinquedos, já pagaste a renda?, eram agora substituídas por perguntas téticas vindas de todos os lados. Queriam saber se os órgãos eram para doar, se já ligara para o banco, se já ligara para a empresa, se já desligara o telemóvel, se já escolhera a roupa dele. Qual roupa? Para o enterro. Aquele fato melhorzinho que ele usava para casamentos. A gravata azul-escura, não, azul-clara. Ficava-lhe tão bem a gravata azul-clara.

Manuel levou as duas mulheres até ao destino. As mãos tremiam-lhe quando aceitou a nota com que pagaram a corrida. Seguiu-as com o olhar enquanto subiam os degraus da igreja. Outras pessoas esperavam por elas. Alguém abraçou a viúva com muita força. Ela deixou-se desfalecer nesse abraço. Podia ser o irmão. Talvez o melhor amigo dele. Era indiferente. Manuel tinha agora a imagem clara do que era uma família destruída. Já passara por várias mortes, já assistira a muito sofrimento, mas nunca um sofrimento provocado por si. E no meio daquilo tudo ainda havia uma criança. Uma criança que ia crescer sem o pai. Recomeçou a chorar, hãaaaaaaa, hãaaaaaaa, hãaaaaaaa, e só quando sentiu alguém abrir-me a porta, uns bons cinco minutos depois, é que parou.

— Bom dia, é para a Avenida do Brasil, número 250, se faz favor.

Manuel obedeceu, mudo, de olhos fixos na estrada para que o cliente não se apercebesse do seu sofrimento. Havia gente muito indiscreta, que se punha logo a fazer perguntas e a dar conselhos sem ninguém lhes pedir. Ou pior: gente que aproveitava uma deixa para falar de si própria, como se os seus problemas fossem maiores ou mais importantes. A tal ideia que a maioria dos humanos têm enraizada de que a sua vida é o centro do mundo. Felizmente, o passageiro também não estava interessado em conversas de circunstância. Estava entretido com o ritmo nervoso do trânsito matinal, quando todos têm pressa para chegar a algum lugar, e batia o pé ao compasso da música que tocava no auto-rádio. «Over the Rainbow.» Era a música que estava a tocar quando convidara a mulher para dançar pela primeira vez, há uma vida. O homem sorriu com essa memória feliz. Hoje levar-lhe-ia flores. Escreveu na agenda, para não se esquecer.

Pelas dez e meia da noite, Manuel viu-se obrigado a voltar ao malogrado lugar. Tinha de ir buscar Daisy. Levou toda a tarde a pensar em cancelar o serviço. Não sabia se estava preparado para ser novamente confrontado com o local do seu crime. Uma parte de si queria esquecer que aquele sítio sequer existia. Nunca mais subiria aquela rua, nunca mais aceitaria levar alguém àquele bairro, nunca mais teria de olhar para aquele passeio, aquela fachada, aquela mulher que fizera viúva. Mas outra parte estava grata por ter uma desculpa para continuar a ir ali. Via essa desculpa como uma forma de se inteirar do estado da viúva, não naquele dia em concreto, pois qualquer pessoa consegue calcular a dor de alguém que acabou de perder o chão, mas a longo prazo. A obrigação que tinha de ir buscar Daisy seis noites por semana podia ser uma oportunidade para se ir inteirando de como a viúva se estava a aguentar conforme o tempo fosse passando. E, à distância, viver aquela dor com ela.

Não queria esquecer aquela mulher, nem podia ignorá-la. Sentia-se um cobarde por não confessar o que tinha feito, mesmo tendo sido o mais casual dos acidentes, e precisava de infligir a si mesmo algum castigo por essa cobardia. Para mais, acreditava que assistir diariamente ao luto da viúva ajudá-lo-ia a fazer o seu. À medida que ela melhorasse, que ganhasse forças, que lutasse para refazer a vida, também a sua culpa diminuiria. Porque uma coisa era certa: chegaria o dia em que ela voltaria a sorrir e, quem sabe, talvez se voltasse a apaixonar e a casar. Era tão nova. Queria lá estar nesse dia. Tinha de lá estar. Faria disso missão.

Daisy entrou, com menos alegria do que nos outros dias.

— Ai, senhor Manuel, hoje estou um bocadinho impressionada. Então não é que ontem morreu aqui um homem mesmo à porta?

— Não me digas — exclamou Manuel, fingindo-se surpreso.

— É verdade. Ainda ninguém sabe muito bem o que aconteceu. Quando a ambulância chegou, estava caído no meio do chão. Parece que bateu com a cabeça no passeio e teve morte imediata.

— Que horror, coitado do homem. Mas como é que ele caiu? Alguém sabe? — perguntou Manuel, tentando perceber se havia alguma suspeita que pudesse temer.

— Não, ninguém viu nada. A polícia já bateu a todas as portas. Aliás, ontem, quando cheguei a casa, ainda andava aí um carro e interrogaram-me no momento em que pus a chave na porta. No fim, pela conversa da vizinhança, só percebi que o sujeito de alguma maneira tropeçou, caiu desamparado e teve logo o azar de bater com a cabeça. Ou então pode ter sido um ataque cardíaco que o fez tombar.

— E não poderá ter sido outra pessoa? A empurrá-lo, ou assim, quero dizer.

— A polícia ainda está a investigar, mas não havia nenhuma marca no corpo. Apenas uma nódoa negra na coxa, que provavelmente foi de ter batido no carro que estava ali estacionado antes de cair. Já viu? Uma pessoa vai muito bem a andar na rua, à porta de casa, cai no meio do chão e morre na hora. Fogo!

— Realmente, é um azar do catano. É como a minha mãezinha dizia: basta estar vivo.

— O pior foi o João, que ficou até às três da tarde de hoje fechado na arrecadação. Não o podia tirar de lá com a polícia toda na rua. Iam querer interrogá-lo e de certeza que o tomavam logo como suspeito.

— Qual João?

— O meu amigo, o sem-abrigo.

— Mau, então agora são amigos?

— Senhor Manuel, eu sei que desaprova, mas, sim, somos amigos. E além disso, eu deixo o João dormir na arrecadação do prédio há algum tempo. Não sou capaz de o ver na rua.

— O quê? Enlouqueceste?

— Não é bem uma arrecadação, é a despensa onde a senhora das limpezas guarda as coisas.

— E por que raio fazes isso, rapariga? Já não te disse que isso é perigoso? E se ele for um drogado? E se começar a assaltar as casas dos teus vizinhos? Tu não pensas nisso?

— Calma, senhor Manuel. O João é bom miúdo. Não é um sem-abrigo qualquer.

— Daisy, mulher, tu és uma ingénua. Tu sabes lá o que há aí de bandidagem. Eu fiz as noites e madrugadas nesta cidade durante muitos anos, conheço bem o pior de que o ser humano é capaz quando está drogado, quando está bêbedo, quando precisa de dinheiro.

— Ele não é drogado, garanto-lhe! É só um miúdo de dezanove anos. E além disso, isto é uma situação temporária. Ele é músico. Contou-me tudo, mas nem precisava.

— Ai não?

— Não. Eu tenho grande consideração pelos sem-abrigo e sei distinguir os bons dos perigosos a quilómetros de distância.

— Ai sim? Como?

— Não interessa.

— Claro que interessa! — insistiu Manuel.

— Porque também já vivi na rua. Pronto. É isso. Agora já sabe.

Manuel não soube o que responder. Ficou alguns momentos em silêncio, ponderando se seria mais prudente fazer algumas perguntas ou deixá-la decidir se desta vez queria ou não desenvolver o assunto.

E desta vez Daisy quis falar. Contou-lhe que fora parar à rua quando fugira de casa da tia em Serzedelo, onde vivia desde que o pai a abandonara aos oito anos, quando emigrou de vez para a Alemanha após a morte da mãe. Ele já trabalhava por lá há vários anos, desde que Daisy tinha uns quatro, regressando a casa somente no Natal e no Verão. A mãe sempre se recusara a acompanhá-lo na aventura da emigração, porque na verdade vivia melhor sem ele, sem gritos, sem violência, sem medo. Desculpava-se com a língua difícil de aprender, com a filha que ia estranhar, com as saudades da sua aldeia, e o pai, na verdade, também nunca insistira para que o acompanhassem. Mais tarde, Daisy percebeu que ele provavelmente conheceu outra mulher enquanto a mãe ainda era viva, o que explicava a razão pela qual se casara meses depois da sua morte, concebera outros filhos e relegara Daisy para visitas muito esporádicas. A tal tia, solteirona e amargurada, até gostava dela, mas gostava ainda mais de dinheiro e,

pese embora o pai de Daisy enviasse todos os meses uma quantia considerável para as despesas da filha, desde logo pôs Daisy a fazer umas horas na fábrica onde trabalhava, que sempre era melhor que a deixar ao deus-dará na aldeia. O dinheiro que a miúda levava para casa era para compensar o muito que comia, a água que gastava a tomar banho todos os dias, como se fosse necessária tanta higiene, a roupa, o passe, os pensos higiénicos e outras coisas do género que uma rapariga precisa a partir de certa idade e que, parecendo que não, aumentam a despesa.

Quando fez dezasseis anos, e porque a escola não era o seu forte, decidiu abandonar os estudos e começar a trabalhar a tempo inteiro na dita fábrica. Já estava habituada àquela rotina e àquelas pessoas e, verdade seja dita, não pensava muito no futuro. Tudo correu bem durante uns meses, até Daisy começar a querer namorar, a querer sair e a querer gastar o ordenado nas suas coisas. A tia recusava-se a aceitar tal independência. Queria que o ordenado da sobrinha continuasse a ser depositado na conta dela e, depois, ela decidia que parte lhe dava, à laia de mesada. Um dia, Daisy fartou-se. Foi ter com o dono da fábrica e exigiu que lhe depositasse o ordenado numa nova conta, a sua. Quando a tia descobriu, fez uma peixeirada tal que até lhe queria bater, e Daisy, no auge da sua indignação adolescente, decidiu partir.

Escolheu mudar-se para o Porto, a grande cidade, entusiasmada pela aventura, deslumbrada pelo sentimento de liberdade que em poucas semanas se esfumou. Não demorou muito a render-se à evidência de que o dinheiro que tinha amealhado, que na altura da fuga lhe parecera muito, não chegava para pagar um quarto por semanas a fio e que o nono ano de escolaridade não lhe abria nenhuma porta. Como não conhecia ninguém na cidade a quem pedir um sofá para pernoitar ou uma ajuda para arranjar emprego, viu-se rapidamente a viver na rua.

A situação durou cerca de um ano, um ano em que aprendeu a sobreviver e em que conheceu o melhor e o pior da espécie humana. Tentaram violá-la, extorqui-la e houve até um funcionário de um abrigo que lhe sugeriu prostituir-se. Assegurara-lhe que ela era «boa como milho» e que ganharia mais que muitas doutoras. Daisy resistiu

a todas as propostas, a todos os abusos, e foi conseguindo escapar à degradação daquele submundo graças a uma força interior que lhe dizia que ia correr tudo bem e que não havia nada que não pudesse superar. Acreditava que era a voz da mãe a guiá-la e, por isso, nunca perdeu o sorriso. Sim, Daisy sabia bem o que era viver na rua, o que era procurar um lugar seguro, o que era levar com cuspidelas em cima enquanto dormia, o que era acordar com um pontapé. Sim, Daisy sabia ver à distância quem eram os malandros, quem eram os drogados e quem eram os loucos. Como também sabia ver quem eram os solitários, os abandonados, os que só precisavam de uma pequena mão que os ajudasse a sair dali antes que fosse tarde demais.

Os trabalhos que teve durante esse ano a viver na rua, e que, embora não lhe permitissem ganhar o suficiente para ter um tecto, lhe permitiam não andar a roubar, ou eram em feiras ou em lugares duvidosos, daqueles onde não faziam perguntas e onde pagavam em dinheiro ao final de cada jornada, porque a verdade é que não havia muita gente que desse emprego a um sem-abrigo, ainda que este se apresentasse na forma de uma jovem muito bonita e de aparência cuidada. O último desses lugares foi um bar de alterne, onde foi contratada para a limpeza, embora o patrão desde logo tenha tentado convencê-la a juntar-se às suas meninas. Daisy resistiu sempre às ofertas e insinuações, preferindo limpar casas de banho e quartos nojentos. Só quando começou a namoriscar o porteiro do bar, e por insistência deste, é que cedeu a experimentar o varão, deixando claro que não faria nada além de dançar e beber uns *drinks* com os clientes. Foi um sucesso imediato, o que fez com que a pressão para alternar viesse agora também dos clientes, que depois de a verem dançar não se conformavam em não a poder levar para um quarto. A sua determinação em resistir a todos os convites, alguns com ofertas de quantias avultadas de dinheiro, ganhou-lhe o respeito das outras mulheres, que, em vez de a invejarem, a protegiam. Ao pé delas, Daisy parecia saída da capa de uma revista, mas as outras sabiam que isso só as ajudava no negócio. Daisy era como que o isco. Enchia a casa de homens que se babavam ao vê-la no varão e que depois, já loucos de desejo, depressa procuravam uma das outras para se satisfazerem.

Daisy apercebeu-se de que até nem desgostava assim tanto de

dançar. Na verdade, chegava a ser engraçado encarnar aquelas personagens ousadas e hipersexualizadas, ser o centro das atenções e sobretudo estar rodeada de mulheres, cuja camaradagem a ajudava a não perder a sua fé em Deus e na humanidade. Era uma forma de sobrevivência entre a classe: todas sabiam que nenhuma delas estava ali por prazer. Ninguém sonhara ser *stripper* e muito menos puta. Não era propriamente uma carreira de que se pudessem orgulhar, mas era uma maneira de ganhar bom dinheiro enquanto o corpo permitisse, dinheiro que de outra forma, tendo em conta as suas histórias miseráveis e escolaridade quase inexistente, seria impossível de ganhar. A maioria delas faziam-no pelos filhos, que de outra forma não teriam o que comer ou vestir, mas muitas faziam-no para pagar dívidas a máfias, para alimentar vícios de droga ou para desgraças similares. Mas ali, no vestiário do bar, onde se besuntavam de óleos aromáticos e purpurinas, não havia julgamentos, não havia perguntas. Apenas abraços quando as lágrimas caíam fosse por que razão fosse, apenas encobrimento quando uma delas faltava ou não queria fazer determinado trabalho, apenas cumplicidade.

Além de ter aprendido a aceitar de cabeça erguida a sua profissão, Daisy sentia-se protegida pelo namorado, o tal porteiro. Sabia que com ele por perto estava sempre a salvo dos clientes mais insistentes e que tinha quem a levasse a casa em segurança. E gostava tanto dele. Muito mais do que ele gostava dela. E precisava tanto dele. Incomparavelmente mais do que ele precisava dela. Tinha crescido sem o pai e sem qualquer figura paterna por perto. Passara demasiado tempo a fugir de homens na rua. E agora, quando ele a abraçava ou quando ela se aninhava no seu colo, sentia-se confortada. Era na casa dele que vivia e de bom grado lhe dava metade do dinheiro que ganhava. Mas não por ingenuidade. Apenas por estar escaldada da experiência que tivera com a tia e com tantas outras pessoas que um dia parecem querer-nos bem e no dia seguinte só nos prejudicam. Ao contribuir para as contas, estava a garantir a sua independência, mesmo tendo a noção de que estava a pagar mais do que realmente precisava. No dia em que quisesse sair, não lhe deveria nada.

Só que esse dia não chegou. Chegou antes outro: o dia em que ele quis que ela saísse de casa. Não estava nos seus planos ficar com Daisy

para o resto da vida e não seria uma gravidez que o obrigaria a alterá-los. Tinha vinte anos, estava apenas a divertir-se com uma gaja boa, tão boa que no «mundo real» nem olharia para ele. O que seria casar com uma mulher da vida, o que diria a santa da sua avó, cujo sonho era vê-lo casar pela Igreja com uma rapariga discreta, católica, de famílias de respeito. Ter um filho com Daisy significava nunca mais se livrar dela. Tratou de espalhar a notícia no bar e em menos de um mês, Daisy viu-se outra vez sem trabalho e sem tecto.

Por amor ao filho que ainda não nascera, jurou nunca mais se entregar a um homem, engoliu vários sapos e todo o orgulho e voltou para casa da tia, onde viveu submissa à vontade da mesma, trabalhando na fábrica e entregando-lhe parte do dinheiro, durante cinco anos. Mal ou bem, era família, mal ou bem, a tia ajudava-a a tomar conta da criança, mal ou bem, o filho estava melhor ali, num ambiente familiar, do que num bairro degradado de uma cidade, enfiado todo o dia numa creche ou numa instituição.

Anos depois, num passeio pelo Porto durante as férias de Verão, Daisy encontrou uma das mulheres com quem trabalhara no bar de alterne. Tinha-se mudado para Lisboa, onde ganhava três vezes mais e onde, segundo dizia, não faltava trabalho. Desafiou Daisy a juntar-se a ela, garantindo-lhe que ali poderia realmente ter uma vida melhor. Agora que era mãe, Daisy estava relutante em voltar à vida da noite, mas depressa percebeu que era a única hipótese que tinha para dar ao filho uma vida com mais oportunidades, longe de uma aldeia cada vez mais envelhecida e sobretudo longe de um ordenado mínimo. Poupou o mais que conseguiu e, quando achou que o filho já tinha idade para ficar sozinho em casa durante umas horas da madrugada, decidiu ligar à amiga e vir para Lisboa. O resto da história, já Manuel conhecia.

Este desabafo foi a confirmação do que eu senti logo no primeiro dia em que Daisy se sentou nos meus estofos. Ela era diferente das outras. Ela era sábia. As horas a observar a espécie humana, olhos nos olhos, sentindo a vibração de cada um, actividade em desuso na era das tecnologias, dão-nos mais conhecimento do que uma licenciatura em psicologia e em sociologia juntas. Daisy estivera lúcida, atenta, mas camuflada por entre os recantos da cidade, o que lhe permitiu ver, ler e ouvir tudo o que um ser humano contém mas não gosta de

revelar. A verdadeira natureza humana no que ela tem de melhor e de pior. As fragilidades, as inseguranças, a essência. Tudo o que vos ensinaram a esconder. Com vinte e poucos anos, Daisy tinha a sabedoria de várias gerações.

Depois do relato, Manuel olhou-a fixamente pelo retrovisor. Tinha vontade de parar o carro e abraçá-la.

— Conclusão, senhor Manuel, nem toda a gente vive na rua por ser preguiçoso, drogado ou maluquinho e a maioria conseguiria sair de lá se tivesse um anjo da guarda. Eu tive a sorte de conseguir sair a tempo e agora tenho a oportunidade de retribuir, ajudando o João.

— Pronto, Daisy, já percebi — disse Manuel por fim. — Ajuda lá o rapaz como entenderes, que eu não volto a falar no assunto. Mas se alguma vez ele for indelicado ou tentar abusar da tua bondade, tu não me escondas, tá bem?

— Combinado! — exclamou Daisy com um sorriso, dando-lhe o beijo habitual.

Tínhamos chegado ao nosso destino. Aquele primeiro dia de medo, de culpa, de angústia e contradição chegou ao fim. Manuel podia regressar a casa, onde Maria José o esperava com um sorriso e um guisado, longe de saber que ia partilhar a cama com um assassino. E Manuel chorou sem lágrimas durante todo o caminho até aos Olivais, porque apesar de tudo sabia que, além de Maria José, também o esperava mais uma noite em branco.

Para Manuel, depressa começaram a não bastar aquela meia dúzia de minutos que tinha para observar a janela da viúva enquanto esperava que Daisy descesse. Até porque, muitas vezes, nesses precisos minutos, a mulher nem sequer se aproximava da cozinha. Manuel sabia que ela estava em casa, porque via luz no apartamento, mas nada mais que isso. Então começámos a chegar à Calçada dos Sete Moinhos cada dia mais cedo. Primeiro às dez, depois às nove e quarenta, nove e meia, até que hoje em dia chegamos pelas sete da tarde. Ou seja, logo depois de deixarmos Olinda e os miúdos mal-educados na casa da Lapa, ficamos de plantão naquele lugar, a observar aquela mulher triste, até Daisy descer sorridente para tirar Manuel da dor da culpa. São três horas e meia estacionados no lado oposto ao do prédio da viúva, durante as quais Manuel finge ler o jornal quando na verdade está a tentar vislumbrar qualquer movimento que surja no terceiro andar. Não aguenta o peso de ter roubado o sustento, o apoio, a alegria àquela frágil mulher. Sente que desta forma a protege e que está ali se ela precisar. Inventa para si próprio razões que justifiquem a sua vigia: porque o menino pode ter um acidente e precisar de ir depressa para o hospital, porque um ladrão oportunista, sabendo-a sozinha, pode tentar assaltar a casa, porque o quadro da electricidade pode estoirar e ela não saberá como ligá-lo. Pelo menos durante três horas e meia, é o seu vigilante. São menos três horas e meia de trabalho, e não é que o dinheiro não lhe faça falta, mas Manuel sente que é o preço a pagar pelo seu crime. Os meses passam e Manuel não arreda dali.

Entretanto, olhando para a janela onde outrora se viam flores e sorrisos, podemos agora ver a mulher sentada na cadeira da cozinha a chorar. Não são meras lágrimas de saudade. São lágrimas de raiva, de medo, um aperto no coração. O não ter ninguém que a abraça e diga «pronto, já passou», como ela faz ao filho quando ele se magoa. É que, depois das primeiras semanas de luto, durante as quais as visitas e as

respectivas palavras de encorajamento abundaram, ficara um vazio que nada poderia alguma vez preencher. Um vazio que ninguém lhe dissera que ia ser assim tão difícil de superar.

Imagino esse vazio a aumentar à medida que se depara com as pequenas coisas do quotidiano, tão pequenas como arrumar os carrinhos de brincar do filho numa caixa de plástico. Aí sim, a falta do marido deve doer. Não nas ocasiões especiais, não nas novas conquistas que a criança vai fazendo, não nas tardes de domingo no sofá, mas ali, naqueles pedaços de vida. Lavar a loiça, pôr a roupa na máquina, escolher um filme para ver ao serão, mudar a lâmpada do candeeiro do quarto, a passagem pela mercearia antes de vir para casa porque não há cebolas, verificar o ar, a água, o óleo do carro, puxar o fecho do vestido, lembrar que o telemóvel ficou na mesinha de cabeceira, tomar o pequeno-almoço juntos, passas-me o leite, se faz favor?, ajudar a enfiar o edredão dentro da capa, fazer a papa do miúdo, dar papa ao miúdo, mudar a fralda do miúdo, pedaços de vida. Porque as ocasiões especiais, os natais, os aniversários, são apenas momentos que passam, dias que acabam, mas as tarefas comuns não passam nem acabam. Estão lá diariamente para lhe lembrar que a vida continua. E a mulher chorava, porque não queria que a vida continuasse.

O plano não era certamente casar, ter um filho e ficar sozinha. Faltavam os outros filhos e as férias de Verão e vê-los crescer, juntos, e ensinar-lhes a serem boas pessoas, mas com ambição, que o mundo não se compadece com os bonzinhos, e ensinar-lhes a serem educados, mesmo perante a má-educação, e vê-los tornarem-se adultos, juntos, e envelhecerem de mãos dadas, juntos. E agora? Quem ia ensinar o miúdo a andar de bicicleta? Quem ia levá-lo aos treinos de futebol? Quem ia construir pistas imaginárias para os malditos carrinhos? Quem ia explicar onde estava o papá? E a mulher chorava porque não queria ter de explicar.

Os amigos, decerto cada vez mais ausentes, porque ninguém gosta de ser confrontado com a tristeza profunda nem de sentir aquele tipo de pena que não se consegue disfarçar, a perguntarem «como estás?». A mulher cada vez mais só, com vontade de responder «estou viva, a lutar para conseguir sair da cama todos os dias, porque tenho um filho

que precisa de mim». E então chorava porque não queria estar viva, embora também não quisesse estar morta. Queria apenas que tudo voltasse a ser como antes.

O peito molhado, os dedos enrolados no pano da loiça, na memória talvez todas as vezes em que não lhe dissera que o amava, em que não lhe dissera que não sabia viver sem ele, todas as vezes em que o chateou por deixar a roupa espalhada no chão, quando tudo o que queria agora era poder ter a roupa dele espalhada no chão, muita roupa, todos os dias. E a mulher chorava porque já não havia roupa, nem no chão, nem nas gavetas, nem nos armários. Até que levantou a cabeça e fez uma expressão de alerta. O filho deve ter choramingado, lá ao longe, no quarto, a chucha caiu, está tudo bem, mais um pedaço da vida que continua, indiferente à sua dor. E a mulher volta de novo ao pano, cabisbaixa, porque sente que essa dor nunca irá passar.

Faz isto noite após noite na cadeira da cozinha. Até que nós partimos, levados pela alegria de Daisy e a deixamos ali com o seu pano e as suas lágrimas. Aposto que, quando o sono ou o cansaço a vencem, se deita no sofá, liga a televisão para disfarçar o silêncio e deixa-se adormecer longe da cama vazia. Mas todas estas coisas não sabe Manuel, que não se apercebe do seu choro e que acha que ela se senta na cozinha a ler, a coser, a limpar a loiça ou a descascar feijão. E ainda bem que não sabe, porque tenho a certeza de que não teria aguentado assistir a tamanha dor.

Naquelas horas de vigilância secreta, Manuel começou a aperceber-se de que não há nada que uma mãe não faça pelos filhos, o que consequentemente lhe recordou que tinha dois aos quais não dava a devida atenção. Olhando para a janela da cozinha do terceiro andar, Manuel assistia a fragmentos da luta diária que a viúva travava para sorrir quando lhe apetecia chorar, de modo que a criança não sentisse a sua profunda tristeza nem a falta do pai. Olhando para a janela do segundo andar, dois prédios ao lado, via Daisy a certificar-se de que o filho dormia profundamente antes de sair para sacrificar a sua dignidade na esperança de lhe proporcionar uma vida com mais oportunidades. Lembrava-se ainda de Olinda, a tímida e reservada Olinda, que aguentava calada a má-criação de crianças alheias para poder sustentar as suas lá longe em São Tomé. Coitada da Olinda, pensava Manuel, embora nunca a tivesse ouvido queixar-se.

Inteiramo-nos da sua história numa noite de chuva torrencial. Tal como em todos os outros dias da semana, tínhamos deixado Olinda e os miúdos malcriados às dezoito horas no casarão da Lapa. Fizemos mais cinco serviços, que nestas noites de tempestade há muita gente que prefere abrir os cordões à bolsa e apanhar um táxi do que andar à chuva, e, pelas oito e quarenta, por mero acaso, voltámos a passar na rua onde a deixáramos horas antes. Olinda estava na paragem do autocarro com um ar desesperado perante a evidência de que perdera o seu transporte, que desaparecia naquele instante no fundo da rua, e consciente de que o próximo, àquele horário tardio, só chegaria dentro de uma boa meia hora. Por um minuto não o apanhara. Aquele minuto em que a patroa ficara à porta de casa a acabar uma chamada com uma amiga fazendo-lhe sinal para esperar, porque ainda lhe queria dar um recado. Aquele minuto que não parecia muito, mas que para Olinda, de casaco vestido e mala ao ombro há mais de dez minutos, pronta para finalmente ir para casa, que não lhe pagavam horas extras, significava ficar outros intermináveis minutos debaixo de

uma chuva incessante, noite feita. Pelas suas contas, só iria chegar a casa depois das dez.

Manuel parou-me e mandou-a entrar. Olinda não queria. Não tinha como pagar uma viagem de táxi até à Brandoa. Preferia esperar pelo autocarro e depois apanhar o metro e depois outro autocarro e depois mais cinco minutos a pé, como fazia todos os dias. Manuel apagou a luz de serviço e disse-lhe que já não estava a trabalhar. Com o orgulho a ceder enquanto os sapatos ficavam encharcados, Olinda entrou.

— Obrigada, senhor Manuel.

— Ora essa, dona Olinda! Então acha mesmo que ia deixá-la aqui à chuva? Nem pense nisso!

— Mas o senhor assim está a perder dinheiro, a gastar o seu tempo, não tenho como lhe pagar...

— Já lhe disse que não tem de pagar nada. Eu ia agora para casa — mentiu Manuel —, não me custa nada perder um bocadinho para ir levá-la a sua casa. Além disso, já basta o sofrimento de aturar aqueles dois catraios mal-educados, não é verdade?

Olinda sorriu.

— Não sei como aguenta — continuou Manuel. — Eu cá, não é nada comigo e tenho vontade de lhes dar uns tabefes de vez em quando... Se são assim à minha frente, aqui no táxi, imagino como lhe fazem a vida negra quando estão só consigo...

— São crianças.

— São crianças mal-educadas, é o que são! Mas tem razão: a culpa não é deles, é dos paizinhos. Falta de tabefes, é o que lhe digo. Alguma vez um filho meu falava assim para alguém? Nem «obrigado», nem «se faz favor», nada! É só dinheiro e nenhuma educação. E o pior é que são estes estafermos que estudam nos bons colégios, entram nas boas universidades e depois mandam na gente, tá a ver? A minha filha, coitada, bem estudou e nada de média para entrar no curso que queria. Mas também, ao preço que as propinas custam numa universidade pública, confesso que fiquei aliviado por ela ter desistido de estudar. Como gosta muito de moda, trabalha numa loja de roupa e diz que anda a tirar um curso daqueles profissionais não sei de quê. E eu acho que faz muito bem, que isto já não há quem trabalhe essas profissões do antigamente, mas vai-se a ver e fazem muita falta.

Também andei anos a dizer ao meu rapaz, tu larga-me os livros que isso não serve para nada. Vais ser escravo num escritório, das nove às seis todos os dias, a aturar um chefe mal-educado para ganhar uma miséria, pouco mais que um ordenado mínimo. Vai mas é aprender a ser canalizador. Você faz ideia quanto é que um canalizador ganha, dona Olinda? Faz?

— Eu não, senhor.

— Um balúrdio. No outro dia, o Zé Toino teve de chamar um para um imbróglgio que tinha lá na tasca e que nenhum de nós conseguiu resolver, que a malta até se ajeita para as coisas pequenas, mas aquilo metia um cano novo e afins, e sabe quanto lhe custou duas horas de trabalho de um profissional, mais os materiais, mais a deslocação? Trezentos e tal euros! Ouviu bem: trezentos e tal euros! É mais do que eu ganho a levar a senhora e os estafermozinhos a casa todos os dias, tá a ver? Mas o meu rapaz é teimoso como o raio da mãe dele e não só não me deu ouvidos, como ainda foi escolher o curso de Direito. Parvalhão. Há-de valer-lhe de muito. Há-de, há-de. Mas é assim, não podemos mandar neles a partir de uma certa idade, não é? Só podemos dar conselhos e rezar para que não façam ouvidos moucos a todos eles, tá a ver? E a dona Olinda, tem filhos?

— Tenho sim, senhor.

— Ai que engraçado. E que idade têm?

— Um tem quinze, a outra tem treze e a pequenina tem três.

— E devem estar à sua espera para jantar a esta hora, não é? Ou os mais velhos já se safam na cozinha? São quase nove horas e você aqui. Ainda bem que lhe dei boleia. Mais cinco minutos e está em casa com eles.

— Ah, quem me dera jantar com os meus meninos, senhor Manuel. Mas eles não moram comigo — suspirou Olinda.

— Moram com o pai, é? — perguntou Manuel, solidário com qualquer outro progenitor divorciado.

— Não. Moram em São Tomé com a minha mãe e a minha irmã.

— Não me diga? Eh pá, desculpe lá, não fazia ideia.

— Ora, senhor Manuel. Não precisa de pedir desculpa.

— A vida é muito ingrata, não é? — perguntou Manuel, não conseguindo evitar o desabafo. — Temos de fazer com cada coisa,

passar por tantos sacrifícios e parece que lutamos, lutamos e não saímos do mesmo sítio.

— Mas qual é a alternativa, senhor Manuel? Não temos outro remédio senão levar a vida prà frente.

E era precisamente isso que Olinda fazia desde que deixara de ser criança. Levar a vida para a frente na esperança de que o futuro lhe trouxesse algo melhor. Contou-nos que, até vir para Portugal, tivera uma existência feliz na sua São Tomé natal. Conseguira estudar, que o pai, apesar de severo e conservador, não era nada misógino e deixara todas as filhas, a par dos filhos, estudarem enquanto fosse gratuito. Quando não fosse, teriam de se desenvencilhar sozinhos. E Olinda desenvencilhara-se. Conciliando aulas e trabalho, conseguira tirar o curso de enfermagem e depois disso um trabalho no hospital. Mudou-se para a cidade grande, onde conheceu o marido, que trabalhava nos serviços administrativos, e foi aí que a ironia da vida se começou a fazer notar.

Na cidade, era tudo mais caro, sentia falta da família e tinha de trabalhar muito mais do que imaginara, para juntar algum dinheiro. Depois vieram dois filhos e o dinheiro começou a não chegar. Roupa, escola, alimentação, tudo aumentava de mês para mês, de ano para ano, e um dia, quando os filhos já estavam a ficar crescidos e a precisar de menos cuidados, Olinda descobriu que, por acidente, tinha engravidado.

O marido decidiu que a única alternativa para darem uma vida digna a três crianças era emigrar para a Europa. Partiu assim que pôde, sem esperar que o filho nascesse, e quando voltou a São Tomé para o conhecer o bebé, este já tinha três meses. Olinda, que esperara na cidade, quase sem dinheiro e dependendo da ajuda dos pais, sorriu ao vê-lo entrar em casa para logo emudecer quando ele lhe disse que ainda não era a hora de irem todos, que ainda não tinha autorização de residência, que as coisas na Holanda eram mais difíceis do que imaginara, que vivia com mais quatro homens numa casa só de um quarto, que estava à espera de um contrato. Partiu dois dias depois.

Olinda acabou por voltar para casa dos pais na aldeia, deixar a

profissão pela qual tanto lutara e trabalhar no campo para alimentar três filhos. O marido ia mandando algum dinheiro, mas nunca as prometidas passagens aéreas. As crianças mais velhas volta e meia perguntavam quando iam viver para a Europa, quando iam andar de avião, e Olinda apenas sorria e soltava um cada vez menos convicto «em breve, meus filhos». Até que um dia, numa mísera carta, o marido anunciou que não ia voltar, mas que também não os podia ir buscar. Tinha conhecido outra pessoa e era com ela que queria viver. Continuará a enviar algum dinheiro para ajudar na educação dos filhos.

Depois do choque, depois da raiva, depois da desolação, Olinda decidiu que não ia morrer ali, naquela aldeia, a precisar da ajuda dos pais, sem condições para dar um futuro melhor aos filhos. Partiu também ela em busca do sonho europeu, aquele sonho que só existe na cabeça de quem está a um continente de distância.

O sonho de uma Europa iluminada, pacífica, democrática, pilar da liberdade e da solidariedade, quando na verdade é uma Europa que recebe os imigrantes com desconfiança, especialmente se não forem cristãos, encafuando-os em bairros periféricos, longe da vista, relegando-os para trabalhos mal pagos, que «os bons são para os nossos», praticando a caridadezinha em público, mas adoptando um discurso xenófobo em privado, admirando-se mais tarde quando esses mesmos bairros que criaram se tornam problemáticos. Uma Europa que assobia para o lado perante as tragédias que se passam às suas portas, fruto muitas vezes das suas políticas ou das políticas daqueles que apoia, o que, vendo melhor, não é de admirar se nos lembrarmos que também assobia para o lado perante as tragédias que se passam dentro das suas portas. A Europa culta, erudita, superior, mas que ao longo da história foi sempre o palco das mais sangrentas atrocidades. Se soubessem que também nessa Europa se passa fome, que também nessa Europa há crianças que vão para a escola de estômago vazio, que também nessa Europa há governos corruptos e pessoas exploradas, viriam? Se soubessem que a imagem de prosperidade que transparece é alcançada apenas por uma minoria, viriam? Não os que fogem das guerras e de outras calamidades, claro, que esses não têm grandes alternativas, mas aqueles que têm uma vida pobre mas

pacífica, humilde mas integrada, viriam? Será que compensa viver num subúrbio mal frequentado e trabalhar doze horas por dia, passar outras duas ou três em transportes, estar longe da família, pagar contas de electricidade, água e gás como se estivessem na Suíça, para receber um ordenado que, depois do dinheiro enviado para a terra natal, mal dá para comer? Aposto que muitos já perceberam que não.

Mas adiante. Disse-nos que escolhera Portugal por ser o país para onde era mais fácil apanhar um avião e onde a língua não seria uma barreira. Escolhera Portugal porque achara que facilmente conseguiria trabalho como enfermeira. Depois, poderia trazer os filhos e também eles se adaptariam melhor a uma escola onde se falasse português, uma escola que não ficava a vários quilómetros de distância e onde havia computadores. No entanto, nunca lhe deram equivalência do curso tirado no país de origem e, com os congelamentos na função pública, nem como auxiliar de enfermagem conseguiu trabalho. No privado, a sorte não foi melhor. Sem autorização de residência não tinha trabalho, sem trabalho não tinha autorização de residência. Os meses passaram e Olinda não teve outra opção senão procurar emprego como empregada doméstica. Foi então que, depois de quase um ano a saltitar de casa em casa, de escritório em escritório, a fazer limpezas, conseguiu aquele emprego, na casa daquela família tão abastada quanto sem educação.

Não era tão mau como parecia, insistia. Entrava às dez horas, quando já toda a família tinha saído, e encontrava a casa num caos. Ninguém parecia saber onde ficava o cesto da roupa suja, nem mesmo a máquina de lavar loiça. Àquela hora da manhã, a cozinha e a sala de jantar eram uma zona de guerra que demorava uma hora e três sacos do lixo cheios a endireitar. Antes de se entregar à hercúlea tarefa, ia passear o cão, que estas famílias adoram animais, mas é uma chatice quando estes têm necessidades fisiológicas e o que seria andarem de saquinho a apanhar cocós no meio da rua. Depois tratava dos quartos, lavava exaustivamente as casas de banho, que o senhor não podia ver nem um pêlo do pano do pó no seu mármore branco, aspirava, e fazia uma máquina de roupa. Parava para almoçar no jardim da casa, que tinha a sensação de que só ela, o jardineiro e o cão frequentavam, dava um pulo à mercearia, com o dito cão, que gostava mais dela do

que de qualquer outra pessoa, vá-se lá saber porquê, e regressava para passar a ferro, limpar o pó, lavar janelas, fazer o jantar que a senhora destinara e que consistia sempre em dois pratos diferentes, um para ela que era vegetariana e outro para o resto da família, e ao fim da tarde ia buscar os meninos ao colégio. Quando regressava com eles, obrigava-os a tomarem banho, limpava o chão da casa de banho, que eles deixavam sempre alagado, arrumava a roupa toda, cosia meias e suspirava de alívio quando, perto das oito da noite, ouvia a chave de um dos patrões na fechadura.

Não, não era tão mau como parecia, até posso concordar. A casa era bonita, o bairro era amistoso, passava o dia sozinha com a música que ecoava do seu rádio a pilhas. Porém, pelo tom com que nos confidenciou tudo isto, tenho a certeza de que, à medida que o tempo passa, são cada vez mais os dias em que questiona se valerá a pena tanto sofrimento, tanta saudade dos três filhos que crescem lá longe na sua aldeia, a mais nova sem saber bem o que é ter uma mãe. E o seu coração não me consegue mentir. E o seu coração, de dia para dia, está mais apertado.

Dizia eu portanto que, a página tantas, Manuel começou a sentir necessidade de passar mais tempo com os filhos. Ou pelo menos inteirar-se das suas vidas, das suas necessidades, das suas ambições. Ivo já tem vinte e um anos e Jéssica, dezoito. São dois adultos que, à luz da lucidez da recente sobriedade, Manuel sente serem dois desconhecidos. Precisava de recuperar o tempo perdido antes que seja tarde de mais.

Desde que se separara «daquela vaca» o contacto com eles fora-se perdendo. Tal como acontece com a maioria das crianças quando um casal se divorcia, os filhos ficaram a viver com a mãe e Manuel, no fundo, ficara aliviado com a decisão. Mais do que uma vez ouvi-o confidenciá-lo a clientes, quando a conversa de viagem pendia para divórcios e separações.

«Não me estava nada a apetecer cuidar de duas crianças naquela altura, tá a ver? Teria de deixar o turno da noite, que era o mais perigoso mas também o mais rentável, teria de andar a preocupar-me com refeições, roupa, obrigações escolares, horários. Não estava talhado para tal tarefa. Isso é coisa de mulher, tá a ver? E não é que seja machista, mas há coisas que, prontos, as mulheres estão mais habituadas a fazer. E eu até tinha saudades dos putos, mas às tantas o tempo cura tudo, não é assim? Acabei por me habituar a ir buscá-los à escola uma vez ou outra e a passar com eles um fim-de-semana de quinze em quinze dias. Depois eles cresceram, adolescentes, tá a ver?, e os fins-de-semana ficaram reduzidos a um jantar de domingo. Por vontade deles, que eu até fiquei um bocado chateado. Mas o que havia de fazer? Estavam numa fase em que queriam era sair com os amigos, e não passar o dia enfiados em casa com o pai a ver televisão. Sim, que eu ao domingo gosto mesmo é de sofá. Dou um passeio de manhã, almoço e à tarde ninguém me tira de casa. Só o Benfica!».

Quando se juntou com Maria José, era ela quem deixava a refeição pronta para o jantar de domingo, aproveitando a ocasião para ir ao

cinema, onde podia emborcar um enorme balde de pipocas e um refrigerante sem ter de partilhar com ninguém, indiferente aos olhares críticos dos desconhecidos. Manuel ficava contrariado, não por perder os filmes, pois não era homem de estar duas horas às escuras a olhar para um ecrã, mas porque queria que os filhos convivessem mais com a madrasta. No entanto, Maria José fazia questão de se ausentar. O tempo que Manuel passava com os filhos era tão escasso que não queria estar a mais. Era importante que os miúdos estivessem à vontade e, por mais que Maria José os tratasse bem, sentia que ia ser sempre um elemento estranho na dinâmica da família (se bem que, na minha opinião, não havia nenhuma dinâmica em especial). Manuel, ainda assim, insistia, que precisava dela, que ela era mais sensível e sabia falar com as pessoas, enquanto ele não sabia o que lhes perguntar para lá do «como andam as coisas?». Maria José ia connosco buscar os enteados, cumprimentava-os com alegria e boa disposição e depois, assim que chegavam a casa, saía, ignorando os protestos de Manuel.

Depois dos trágicos acontecimentos e da promessa de sobriedade, Manuel começou a receber os filhos com um sorriso maior e um abraço mais demorado do que antes. Ao início, eles estranharam, mas depois acharam que era coisa de estar a ficar velho e de estar a vê-los tornarem-se adultos. Fazia mais perguntas e insistia quando as respostas eram monossilábicas. Vi-o muitas vezes, durante o trajeto entre uma casa e outra, a perguntar-lhes pelos amigos, sem jeito nenhum para aquilo, a fazer um esforço para se lembrar de eventos de que eles poderiam gostar para iniciar uma conversa, do género «então, vais ao Alive este ano? Segundo ouvi hoje na rádio, já quase não há bilhetes. Vê lá, se fores já sabes que te posso ir buscar, porque ali nunca há transportes de jeito», a indagar se gostariam da banda que aparentemente estava nos *tops* da rádio e a conter-se para não implicar muito com as escolhas profissionais pouco lucrativas do filho.

Ivo acabara recentemente o curso de Direito, mais um dos quinhentos advogados que se formam por ano, dizia Manuel. Sempre gostara de estudar e sempre fora bom aluno, mas em vez de escolher Medicina ou qualquer coisa ligada aos computadores, como Manuel aconselhara, tinha escolhido um caminho que possivelmente o levaria

a engrossar as estatísticas dos desempregados. Recentemente, Manuel tinha-se inteirado de que o caso era pior do que imaginara. O plano do filho era trabalhar numa ONG e, ao mesmo tempo, inscrever-se no Sistema de Acesso ao Direito, para defender quem não podia pagar a sua defesa. Numa ONG não se ganha nada de especial e o Sistema de Acesso ao Direito seria quase um trabalho *pro bono*, pois, segundo sabia, os honorários que estes advogados recebem muitas vezes mal chegam para cobrir as despesas. Contudo, não era o dinheiro que movia Ivo, antes o dever moral de ajudar o próximo. Infelizmente, Manuel não via as coisas assim. Achava o plano uma afronta, um desperdício de tempo e de dinheiro e não se coibia de o dizer a toda a gente. «Andei eu a trabalhar para lhe poder pagar as propinas, os livros e tudo de que precisou para tirar o curso superior e agora o menino quer ajudar os outros a troco de quase nada. Eu estou farto de lhe dizer, onde é que já se viu trabalhar de graça? Não foi para isso que fizemos a revolução neste país, não foi para isso que andámos a lutar pelos direito dos trabalhadores. Vai mas é trabalhar para uma multinacional, daquelas que pagam advogados a peso de ouro e deixa-te de idealismos de salvar os pobrezinhos. Podes à mesma inscrever-te nessa coisa do Acesso ao Direito, para os que não podem pagar, mas entretanto ganhas um bom ordenado ao fim do mês.» Tal como eu, Ivo sabia que não valia a pena argumentar. O pai nunca compreenderia as suas ambições, mais humanitárias do que monetárias. Era outro dos que acreditava no modelo de sociedade que se foi impondo, onde o que interessa é ter dinheiro, comprar coisas, lucrar. E assim, com o silêncio que começava após a última palavra de Manuel, terminavam todas as conversas entre pai e filho.

Jéssica, por seu lado, deixara os estudos de lado, o que Manuel não achava mal de todo. «É melhor seres uma boa funcionária num sítio qualquer, do que uma má estudante só para teres um canudo, que hoje em dia, como se sabe, vale tanto quanto o diploma da quarta classe valia na minha altura.» Estava interessada em moda, o que Manuel também não achava mal visto que toda a gente precisa de andar vestida. Já a estava a ver como gerente de loja ou a desenhar roupa para uma marca qualquer. O que Manuel não sabia, ao contrário de mim, que consigo ver o que Jéssica escreve no telemóvel quando a

levamos de um lado para o outro, era que para ela trabalhar em moda significava ser modelo e que o dinheiro que ganhava como empregada de balcão de uma loja de roupa de um centro comercial era gasto em *books* feitos por fotógrafos duvidosos. Bom, para mim, que por conta de já ter transportado centenas de modelos a caminho de *castings* ou dos desfiles da Moda Lisboa sei bem distinguir uma fotografia de moda de uma fotografia digna de perfil do Tinder, são duvidosos. De qualquer modo, Jéssica ignorava essa realidade e publicava todos os seus retratos no Instagram na esperança de ser descoberta por uma das agências de topo, esquecendo-se de que as mesmas já lhe tinham dito «não» de todas as vezes que fora apresentar-se. Mas a miúda era teimosa e tinha fé nas redes sociais. Se tivesse milhares de seguidores, as suas medidas corporais deixariam de importar. Seriam as agências a andar atrás dela, como andam atrás de todas as celebridades que são célebres por serem célebres. Era assim o mundo de hoje, acreditava ela.

Como qualquer pai, Manuel preocupava-se com o futuro dos filhos. Sabia que era importante tentar seguir uma vocação, até porque na vida tivera a sua dose de trabalhos para os quais não estava talhado e sabia bem como era frustrante acordar cada dia rumo a algo que não lhe dava qualquer prazer. Fora exactamente essa a razão que o levava a poupar o mais que pudera e tornar-se taxista. Mas o mundo estava muito diferente nesta segunda década do século vinte e um. Tudo era mais difícil e mais competitivo. No seu tempo, um curso superior, para os poucos que tinham o privilégio de o tirar, garantia um bom salário ao fim do mês até ao resto dos dias no activo. Hoje, centenas de licenciados tinham de emigrar por não encontrar emprego. Os que ficavam estavam na sua maioria condenados a moderar o estilo de vida, a aprender a viver com menos, a contentar-se em ter apenas um filho, a resignar-se a ter um trabalho e não uma carreira. Cursos, mestrados, pós-graduações eram uma maneira de empatar o tempo até perceberem que não era a formação que lhes garantia um lugar no mundo laboral. Psicólogos a trabalhar como lojistas, economistas a trabalhar em restaurantes, expectativas totalmente defraudadas. O trabalho precário e os recibos verdes eram uma das poucas alternativas à fila nos centros de emprego. Como poderiam sair de

casa dos pais? Como poderiam sobreviver sem alguma ajuda? Um avio mensal, a conta do telemóvel, a prestação do carro, pequenos apoios. Manuel era um homem pragmático e sabia que não custa nada sonhar, mas custa muito pagar contas. Eram questões que o preocupavam quando olhava para os filhos, agora adultos e aparentemente perdidos no que tocava a saídas profissionais.

Assim, quando numa noite em que os fomos levar a casa da mãe Ivo lhe comunicou que ia para a Grécia, Manuel esboçou um sorriso. Finalmente ganhara juízo. Ia atrás de um emprego como deve ser, lá fora. «Espera aí! Grécia? Mas a Grécia não está pior que Portugal? Onde é que há empregos na Grécia? Não estão eles em risco de sair do euro, com aquele governo comunista? Vais viver num país comunista?» Manuel começou a disparar perguntas umas atrás das outras sem dar tempo a que Ivo respondesse a qualquer uma delas.

— Calma, pai, eu não vou para lá para trabalhar — replicou Ivo, assim que Manuel fez uma pequena pausa para respirar.

— Ah bom, então vais para quê? Passar férias? Às custas de quem?

— Não, pai, não vou de férias. Vou para lá durante uns meses numa missão humanitária para ajudar os refugiados.

— O quê?! — exclamou Manuel, verdadeiramente surpreendido. — Mas quais refugiados?

— Pai, por amor de Deus, não vês as notícias? Os milhares de refugiados sírios, afegãos, somalis, sudaneses, que diariamente tentam chegar à Europa, metade dos quais acabam por naufragar e morrer.

— Estás doido? Esses terroristas? Vais largar tudo o que tens aqui e, em vez de procurares um bom emprego como se espera que as pessoas façam quando acabam os seus cursos, vais ajudar terroristas? — perguntou Manuel, incrédulo.

— Primeiro, não são terroristas, são pessoas, seres humanos que andam a fugir às atrocidades que se passam nos seus países. Pessoas que preferem arriscar uma morte por afogamento do que continuar a viver no inferno em que se tornaram as suas cidades — explicou Ivo. — Segundo, não consigo continuar a ver as notícias sobre o que se passa por lá e ficar no sofá de braços cruzados. Aqui não posso fazer nada, enquanto lá posso fazer toda a diferença.

— Mas qual diferença? Achas mesmo que és tu que vais fazer a

diferença na vida daqueles milhares de desgraçados? Tem juízo, pá!

— Posso não fazer a diferença na vida de milhares de desgraçados, como tu lhes chamas, mas se conseguir dar algum conforto a umas dezenas já fiz mais do que a maioria das pessoas, que ficam muito consternadas a ver criancinhas a chorar de fome e frio, algumas órfãs, sem ninguém que as proteja no meio de milhares de desconhecidos num campo de refugiados, mas que depois desligam a televisão e vão à sua vida sem perderem um minuto de sono.

— Ivo, ouve bem o que estás a dizer! Há coisas que nunca vão mudar — alertou Manuel. — Vai sempre haver uma guerra, uma população a morrer à fome, órfãos e mutilados. É assim a vida e sempre foi. Não é por ires para lá dar comida àquela gente que a guerra na Síria vai acabar. Na Síria ou seja lá onde for. Cada vez vão chegar mais refugiados e qualquer dia serão mais do que nós. Eu também tenho pena deles, mas não vou pôr em causa a segurança do meu país para ajudar estrangeiros. O que seria, dar asilo a todos os que vivem em condições desumanas? Primeiro vêm os árabes, depois os pretos, depois os monhés, que aquilo na Índia e no Paquistão também é só desgraças, por fim os chineses e daqui a nada somos nós que temos de fugir daqui! Sim, porque por mais que digas que não, está provado que no meio dos refugiados vêm centenas de terroristas para a Europa, sabias? Terroristas que estás a alimentar, a ajudar, para depois irem para uma estação de metro, um aeroporto, um estádio de futebol, em Paris, em Bruxelas ou mesmo por cá, mandar tudo pelos ares!

— Pai, desculpa lá, mas estás a confundir as coisas. Não te deixes iludir pela conversa populista de que a culpa do terrorismo é dos refugiados. Isso é pura propaganda da extrema-direita racista. Além disso, eu tenho a perfeita noção de que não vou mudar o mundo, mas posso melhorar a vida de algumas pessoas. Posso distraí-las do sofrimento, das saudades, da perda, servir a primeira refeição quente que tomam em semanas ou mesmo meses, dar-lhes medicamentos, roupas decentes. Fazê-los sentir que há esperança, que largar tudo e arriscar a vida não foi em vão.

— Ora aí é que te enganas. É que vai ser em vão. Ou achas que isto aqui está bom? Achas que vai haver emprego para todos? Escolas?

Serviço de saúde? Quem vai pagar isso tudo? Sabes a miséria que se vive por cá? Porque é que não vais ajudar os nossos idosos que vivem em extrema pobreza e solidão, os veteranos de guerra cuja pensão de invalidez não dá para pagar a renda, as nossas crianças que vão para a escola sem comer porque os pais estão desempregados e sabem que na escola há-de haver alguém que lhes dê um bocado de pão? Devias era andar comigo um dia ou dois por Lisboa para veres o que é a realidade. Ou pensas que, enquanto ando de um lado para o outro a transportar os privilegiados que ainda podem pagar um táxi, não olho à minha volta? Não oiço histórias? E isto é a capital! Sabes lá o que se passa no resto do país, nos distritos mais pobres. Tem mas é juízo! — gritou Manuel, dando um murro no volante, fazendo-me buzinar involuntariamente.

Ivo não respondeu. Cruzou os braços, fixando o olhar no autocolante do Benfica que está colado no meu porta-luvas. Jéssica quebrou o silêncio ressentido que se instalara com mais uma das suas futilidades.

— Oh pai, amanhã à tarde podes dar-me boleia até ao Strada? Vão começar novas promoções e preciso mesmo de umas calças de ganga.

— Claro, filha — respondeu Manuel prontamente, aliviado por poder mudar de assunto. Nada como umas calças de ganga para afastar uma crise humanitária.

Quando chegámos à porta «daquela vaca» e o filho se despediu, Manuel sentiu um aperto no coração. Tinha noção de que não tinham a relação mais chegada do mundo, mas também não queria vê-lo partir zangado, apesar de saber que tinha razão.

— E então, quando vais? — perguntou, desligando-me.

— Terça-feira.

— Já? — espantou-se Manuel. Pensava que aquilo tinha sido uma conversa preliminar, que haveria outras oportunidades para digerir as notícias e talvez dar alguns conselhos. Não é que soubesse alguma coisa sobre a Grécia ou sobre campos de refugiados, mas um pai tem sempre um conselho útil a fornecer, quando mais não seja algo do tipo «leva sempre algum dinheiro em notas na meia, porque assim se te roubarem a carteira não ficas de mãos a abanar». Acima de tudo, pensava que teria outras oportunidades para se despedir de Ivo sem

ressentimentos.

— Sim.

— Pensava que íamos ter mais tempo...

— Para quê?

— Sei lá, para falar do assunto, para nos despedirmos...

— Não temos. Tenho de ir com um grupo que sai agora, senão teria de esperar mais dois meses pelo próximo e isso está fora de questão.

— E a tua mãe?

— Já se habituou à ideia — respondeu Ivo, com alguma indiferença.

— Precisas de alguma coisa? Dinheiro para a viagem ou coisa assim?

— Não, obrigado, pai. Está tudo tratado.

— Queres que te leve ao aeroporto? É só dizeres a hora.

— Não é preciso, obrigado. Vou de metro.

— De certeza? Olha que não me custa nada levar-te. É o mínimo que posso fazer.

— Deixa estar, não é mesmo necessário.

Manuel saiu para abrir a porta aos filhos, tentando esconder a consternação que se espalhava no seu rosto.

— Então vá, pá. Vai dando notícias — acabou por dizer, dando-lhe um abraço desajeitado.

— Iá. Eu ligo quando puder — respondeu o filho, soltando-se para depois desaparecer no interior do prédio.

Talvez tivesse exagerado, pensava agora Manuel. Não devia ter sido tão duro, até porque sabia que as suas palavras e argumentos, fossem eles quais fossem, não demoveriam Ivo da sua decisão. Mas, por outro lado, não as poderia guardar para si. Tinha de lhe dizer o que achava daquela loucura. Não era assunto para passar ao de leve com um «tu é que sabes da tua vida» como fazia com tantos outros, e Manuel também não era homem para guardar as suas opiniões para si.

Abriu-me a janela e continuou a olhar para a porta que se fechara, como se esperasse que alguma coisa fosse acontecer. Sentia-se cada vez pior. Desejava poder tomar as decisões por ele como quando era

pequeno. Não eram os pais que escolhiam a escola, a roupa, os desenhos animados e as actividades de tempos livres dos filhos pequenos, com base no que acreditavam ser o melhor e o mais útil para eles? E a coisa não resultava tão bem durante tantos anos? Então, porque tinham eles um dia de crescer? Por que razão um dia deixavam de ouvir os pais e começavam a rejeitar todas as suas sugestões? Achavam que sabiam tudo, quando na verdade não sabiam nada da vida. Porque há coisas que só a idade nos ensina e há erros que poderiam ser evitados se os mais novos ouvissem os mais velhos. Ou assim pensava Manuel, ignorando que não é só a idade que traz sabedoria. Já passaram por mim velhos completamente ignorantes e jovens com experiências de mil vidas. Mas tal como os jovens acham que sabem tudo e que os mais velhos não os entendem, já percebi que também os mais velhos se julgam muito entendidos em todos os mistérios da existência apenas porque os anos passaram por eles, esquecendo que há outras coisas tão ou mais importantes do que o cúmulo sucessivo de experiências, coisas como a sensibilidade, a confiança pessoal ou a intuição. Daisy era um bom exemplo disso mesmo. Um exemplo de maturidade muito para lá dos seus anos, coisa que até Manuel reconhecia. Só que, para os pais, os filhos são sempre filhos, pequenos seres, dependentes, ingénuos, que precisam de regras e orientação. Teimosos, desafiadores, ansiosos por definir as suas vidas em função do que vai precisamente contra as ideias preconcebidas dos pais.

Seria tão mais fácil se ambas as partes se alheassem dos seus preconceitos e ouvissem. Se falassem de igual para igual, pondo-se na pele do outro, deixando cair a postura de alerta, de desafio, esquecendo a necessidade de ganhar. Porque há coisas que simplesmente não são para se ganhar. Mas os humanos criaram esta necessidade de tudo nas suas vidas ser uma competição.

Em certos dias, o entra e sai pelas minhas portas é pautado por conversas de circunstância que depressa se tornam diálogos íntimos, mas noutros Manuel é capaz de passar viagens inteiras sem abrir a boca. Nem as personagens mais fascinantes conseguem arrancar-lhe um comentário, um sorriso cúmplice, um encolher de ombros. E se lhe fazem alguma pergunta, Manuel responde com o mínimo de palavras que conseguir, para arrumar logo o assunto.

Naquele dia tivemos uma velhota que ia ser operada aos joanetes, mas cuja preocupação era o gato que ia ficar sozinho no seu pequeno apartamento. «Maria do Carmo, não te esqueças de ir lá a casa todos os dias, está bem, filha? O bichano não aguenta sem companhia. Sim, mãezinha... É só limpar o areão e ver se tem água e comida. Enquanto lá estiveres podes pôr a rádio a tocar? Ele gosta muito de música. Está bem, mãezinha... E, por amor de Deus, não deixes nenhuma janela aberta, não vá o bicho saltar do terceiro andar para ir à minha procura. Não sabes que os gatos encontram sempre os donos? Já o estou a imaginar por essa Lisboa fora a seguir-me o rastro. Oh, mãezinha, não são os donos que eles encontram, são as casas, concluiu a filha para ver se ela se calava. Tivemos também um professor universitário que ficara sem carro na véspera e que não podia chegar atrasado à faculdade, onde cento e vinte alunos, que já de si não iam com a cara dele, aguardavam pelo exame que ele carregava na pasta, fechada à chave, como se de documentos de segurança nacional se tratassem; um executivo com uma reunião na Avenida da Liberdade, mas que não tinha paciência para andar à procura de lugar, muito menos de andar à cata de moedas para pôr no parquímetro e depois passar a reunião a olhar para o relógio, que a EMEL ali não perdoa; uma mãe e filha que andavam às compras, segundo um roteiro preciso, como se um guarda-roupa novo pudesse comprar a cumplicidade que não existia nem nunca existiu entre as duas; uma aspirante a atriz que já ia atrasada para um *casting*, a primeira

oportunidade que tinha desde que deixara a faculdade, depois de tantos currículos enviados e zero respostas, numa companhia de teatro amadora, é certo, mas tinha de começar por algum lado, não podia era continuar parada, e que acreditava que ao conseguir este papel conseguiria também fugir ao cliché «empregada de mesa de dia e atriz de noite»; um estagiário que nem conseguia articular uma palavra de tão nervoso e compenetrado que estava, e que só sabia que tinha de entregar o pacote que carregava, com o cuidado de um pai para com um recém-nascido, na morada que estava no *Post-it* que estendeu a Manuel nos próximos vinte minutos; um travesti que ia a caminho da depilação e que partilhava numa conversa telefónica com um amigo a excitação em relação ao *show* que daria nessa noite, onde iria estreiar uma nova indumentária, que incluía penas de pavão verdadeiras e cristais do chinês, obra de arte da Geninha, que também lhe estava a forrar os sapatos com purpurinas roxas e verdes; um casal de turistas que se tinha fartado da fila infinita para apanhar o eléctrico 28 e se resignara a fazer o percurso de táxi, a pele vermelha, as camisas transpiradas que se colavam à minha napa, os mapas riscados e anotados, porque são poucos os dias e há tanto para ver. E Manuel imperturbável, alheio àquelas histórias, regulando o ar condicionado, olhando o relógio, eram quase horas de ir buscar Olinda à Lapa, depois os miúdos mal-educados ao colégio, levá-los de novo à Lapa, desligar a luz de serviço, estacionar na Calçada dos Sete Moinhos, sintonizar o rádio na Renascença, desembulhar uma sandes de queijo e paio, espreitar para a janela da viúva, espreitar para a janela de Daisy, esperar que Daisy entrasse pela minha porta, ouvi-la tagarelar com alegria, deixá-la à porta do clube, respirar fundo, estava quase feito o dia. Só que não estava.

Manuel chegou a casa para uma detestável surpresa. Assim que dobrámos a rua, pressentiu que algo não estava bem e, conforme nos aproximávamos do número 17, uma figura familiar desenhava-se junto à porta, tornando-se mais nítida e dolorosamente presente a cada metro percorrido. Abriu a minha porta com o semblante carregado, fazendo o possível para não perder a cabeça, e disse:

— Darcília, o que é que estás aqui a fazer?

— Ah! Até que enfim que apareces, estou aqui desde as nove e meia! — respondeu a ex-mulher, como se Manuel lhe devesse alguma explicação.

— E quem te manda aparecer assim sem mais nem menos, sem avisar?

— Pensava que tinhas deixado de fazer noites, por isso presumi que a esta hora estivesses em casa. Ou pelo menos a Maria José.

— Presumiste mal — respondeu Manuel, enquanto pendurava o casaco nas costas da cadeira. — E, que eu saiba, a boa educação manda ligar antes de aparecer em casa das pessoas.

— Ai Manel, por amor de Deus, deixa-te de paneleirices — suspirou Darcília. — Eu não vim em visita, nem para beber um cafezinho. Eu só vim cá deixar a Jéssica.

Só então Manuel reparou na filha sentada no degrau da porta do prédio, alheia à conversa, concentradíssima no seu telefone e nas coisas fantásticas que por lá se passavam.

— Deixar a Jéssica para quê? — perguntou Manuel, espantado com a presença da filha.

— Para viver contigo.

— Olha-me esta! Estás parva ou quê?

— Não, estou é farta de aturar isto — disse Darcília, apontando para a filha —, sempre agarrada ao telefone, sempre em frente ao espelho, sempre com um namorado novo, já não consigo fazer nada dela. Por isso, o melhor é ela ficar contigo por uns tempos, a ver se atina.

— A ver se atina? — indagou Manuel perplexo. — Então tu é que a educaste estes anos todos e agora, que não gostas do resultado da educação que lhe deste, mandas a miúda para cá? É assim?

Nisto chegou Maria José. Tinha ido jantar a casa dos pais, como fazia em algumas noites em que a solidão lhe pesava. Chegou afogueada, temendo alguma desgraça, já que era raro haver gente na rua àquela hora e muito menos à sua porta. A sua chegada foi no entanto ignorada e a discussão prosseguiu.

— Isto não tem nada que ver com educação — disse Darcília. — Ela teve exactamente a mesma educação que o irmão e vê lá se ele

não é doutor?

— Doutor? Dos refugiados? Esse é outro! Que é que andaste a fazer este tempo todo com os teus filhos?

— Andei a cuidar deles, a ajudar a fazer os trabalhos de casa, a entretê-los noite e dia, enquanto tu trabalhavas e não tinhas tempo nem para jogar um bocadinho à bola com o teu filho. Sempre desligado, sempre distante.

— Alguém tinha de trabalhar, sua vaca! — explodiu Manuel.

— Tem calma, Manel, olha a menina — alertou Maria José, tentando serenar os ânimos, estando na verdade mais preocupada com a vizinhança que já se começava a acercar das janelas, incluindo, obviamente, Idalina, há muito escondida atrás da sua cortina de croché.

— Olha — continuou Darcília —, eu não vim aqui para discutir contigo, muito menos para ser insultada. Vim trazer a miúda e as malas dela, e tu que és o pai, só tens mesmo é de aguentar, que eu também aguentei muito estes anos todos.

— Porque quiseste! — vociferou Manuel, cada vez mais perto de perder a compostura — Foi a vida que escolheste: divórcio, namorado novo, ficar com os miúdos. Mas o teu gajo não te ajuda, não é? É só pró passeio e pró pinocanço. Ou ele não sabia que quando te pegou já ias com dois atrelados?

— Olha, tu cala-te e deixa o Jorge fora disto. Eu fiz o que pude, mas há coisas que, com essa aí, nem se lhe abrísssemos a cabeça e lhe enfiássemos juízo lá dentro, resultava.

— Queres o quê com esta idade? Que não namore, que não saia com amigos? A miúda até trabalha.

— Trabalha, trabalha! — exclama Darcília, com ironia, olhando para a filha que continuava a fingir que não era nada com ela — Teve uns empregozitos numas lojas de roupa, mas ao fim dos contratos despacham-na logo.

— E a culpa é dela? Não sabes que é assim em todo o lado?

— Qual quê? Ela não faz é nenhum. Quer pausas para fumar, tem o telemóvel no bolso e responde a mensagens enquanto atende clientes, veste a roupa da loja e vai para casa com ela. Deves pensar que eu não fui falar com os chefes dela, quando percebi a cena. Chefes diferentes,

de lojas diferentes e todos com a mesma opinião: a Jéssica está mais preocupada em olhar-se ao espelho do que em vender o que quer que seja.

Jéssica levantou os olhos do hipnotizante ecrã. Susteve a respiração até perceber para que lado o pai penderia. Será que ia dar razão à mãe e desancá-la violentamente ou, e era essa a sua esperança, o ódio à ex-mulher era tal que ele preferia defender a filha namoradeira, a filha mentirosa, a filha inútil? Manuel fez uma pausa, olhava ora para a ex-mulher, ora para a filha. A razão a dizer-lhe que devia estar ao lado de Darcília, para que juntos pudessem traçar um caminho para a filha antes que acabasse a trabalhar na caixa de um supermercado ou pior, sujeita ao regime militar de um *call center*; o coração, despeitado e orgulhoso, a desejar poder atirar-lhe à cara que falhara como educadora, que falhara como mãe, que a culpa era toda dela. Claro está que, como em tudo o resto, Manuel ouviu o coração.

— Ai sim? Pois eu acho que eles não sabem valorizar o talento da Jéssica. Uma miúda bonita, esperta e que se calhar não foi feita para estar atrás de um balcão. Em vez de lhe darem outras funções, descartam-na ao fim de três meses. É assim que tratam a nossa juventude, e depois admiram-se de que estejam todos a emigrar. — Virando-se para a filha, continuou: — Jéssica, és muito bem-vinda a nossa casa. Temos um quarto para ti e queremos que te sintas bem-vinda.

— E *wi-fi*? — perguntou a rapariga.

— *Wi-fi*?

— Sim, não posso mudar-me para aqui se não tiveres *wi-fi*. O 3G é um balúrdio.

— Claro que vamos ter *wi-fi*! — interveio Maria José, que andava há meses a pedir a Manuel uma ligação decente, para poder jogar *Candy Crush* à vontade. — Manuel, não te preocupes com nada, eu trato disso amanhã na minha hora de almoço.

— Bom — concluiu Darcília —, nesse caso, está tudo tratado. Posso ir-me embora, não posso?

— Podes e deves! — exclamou Manuel. — E olha, agora que nenhum dos nossos filhos vive contigo, acabou-se a mama.

— De que estás a falar?

— Dos quinhentos euros por mês que te transfiro. Bem vistas as coisas, tu é que devias passar a dar-me algum a partir de agora.

— Ah ah ah, deixa-me rir. A miúda trabalha e já tem dezoito anos. Não te devo nada.

— Ai sim? Mas quando ela fez dezoito anos não me disseste para parar de transferir o dinheiro, sua gananciosa. Gostas mesmo é de viver às custas dos outros não é? Deixa lá, as acções são para quem as pratica.

— Olha, nem me lembrei disso, se queres saber. Tenho tido mais em que pensar.

— Pensar? Não sabia que fazias isso.

— Olha, Manel, vai à merda — disse Darcília, preparando-se para sair.

— E tu vai andando daqui para fora, sua aventesma. Xô, xô!

Darcília entrou no seu carro e fechou a porta com estrondo. O carro não pegava. Manuel ria-se ao observar a atrapalhação, até que ela conseguiu fazê-lo arrancar e avançou furiosamente, deixando um cheiro a borracha queimada no asfalto. Manuel pegou na mala da filha, que continuava de olhos e dedos colados ao telemóvel, e mandou-a entrar no prédio. Maria José seguiu-os, não sem antes lançar um olhar duro a todas as janelas onde vira alguma presença, como que avisando que era melhor esquecerem o episódio e não se atreverem a falar no assunto na manhã seguinte.

Na manhã seguinte, quando se sentou no meu assento, Manuel ainda estava irritado por não ter conseguido dizer tudo o que sentia «àquela vaca». A vítima da sua irritação foi um homem de trinta e cinco anos, que pretendia deslocar-se ao tribunal. Com uma boa disposição vitoriosa, teve o azar de comentar que naquele dia ia livrar-se da chata da mulher para sempre. Sim, para sempre, pois felizmente não tinham filhos nem nada que os pudesse ligar após o divórcio. «Sorte a sua!», exclamou Manuel, para logo depois iniciar um dos seus típicos monólogos, cuja intensidade impedia até o mais corajoso dos passageiros de interrompê-lo.

«A lata da gaja, a tomar decisões destas sem me consultar. Chega

aqui com a miúda, na maior descontra, sem me dizer nada, sem sequer saber se eu tenho casa para a receber. A casa onde vivo ainda é a mesma onde ela viveu antes de se encantar pelo outro paneleiro, mas ela sabe lá se eu e a Maria José não temos os quartos que eram dos miúdos ocupados. Podiam estar alugados, por exemplo. Hoje em dia, toda a gente aluga quartos a estudantes e a turistas, tá a ver? Há até quem se mude para a periferia para poder alugar a casa que tem no centro de Lisboa, tal é a invasão de estrangeiros à procura de viver como os de cá, como se isso fosse grande coisa. Quer dizer, até é grande coisa com o dinheiro que trazem na algibeira. Agora gostava era de os ver a viver aqui com o que a gente ganha, isso é que era! Mas adiante, o que me faz ficar fora de mim é aquela vaca não ter a decência de pegar na merda do telefone e perguntar-me antes se podia ou não trazer a miúda. Nem uma mensagem, NADA! E se a Maria José não estivesse de acordo? Se não quisesse ter uma miúda de dezoito anos a cirandar pela casa? Sim, porque a Maria José é que vai estar mais tempo com ela e vai ter o trabalho todo. Fazer jantar, tratar da roupa, tirar carradas dos seus longos cabelos do ralo da banheira... Quer dizer, com dezoito anos a Jéssica só tem mesmo é de ajudar, e nisso nem lhe vou dar hipótese, que a minha Maria José não é criada de ninguém, mas estou mesmo a ver que vai querer fazer tudo sozinha. É que ela é a modos que um bocado obcecada pelas limpezas e nunca quer ajuda de ninguém, tá a ver? Prefiro fazer as coisas à minha maneira, diz ela, tipo dobrar as toalhas do banho em três, pois parece que só assim ficam todas do mesmo tamanho e cabem no armário. Manias de gaja, tá a ver? Mas vendo bem, se calhar até vai ser bom a Jéssica estar lá por casa. Assim ao menos a Maria José tem companhia, que é coisa que eu não lhe faço muito, que chego a casa todos os dias depois das onze da noite. E ela ali, coitada, sem ninguém a quem dizer boa noite, com quem falar um bocadito ao jantar, em vez de ficar para ali a emborcar comida enquanto vê as desgraças do telejornal. E depois não dorme bem a pensar naquelas coisas. Nã... A Jéssica é boa miúda. Não nos vai dar trabalho nenhum. Tem lá a vidinha dela, os namoricos, as festas, mas também já é maior e vacinada. Só tenho de lhe dar um tecto, comida e bons conselhos, tá a ver? É isso que faz um pai. Não venhas tarde, vê lá se ouves o

telemóvel se eu precisar de te ligar, pede ao teu amigo para te trazer a casa, não aceites bebidas de estranhos, leva um casaco. Por isso, o que eu não levo à paciência nem é a miúda vir viver connosco. É ter sido aquela vaca a tomar uma decisão destas sem me dar cavaco. Cabra do caralho.»

Na tarde seguinte à grande discussão, quando se juntou com os amigos à porta da tasca do Zé Toino para fumar o seu cigarro pós-repasto, todos se renderam à evidência de que Manuel não estava nos seus dias. A cara era a mesma com que tinha entrado e, pelo que conheço dele, em dias como este nem a mais hilariante história lhe arranca um sorriso, pelo que imagino que terá passado o almoço de olhos fixos no prato, a encher a boca de comida para não ter de falar. Nestas alturas os amigos respeitavam o seu silêncio. Sabiam que não valia a pena insistir, pois Manuel só contaria o que lhe ia na alma quando lhe desse para aí. Ainda assim, visto que nem as anedotas sobre o Sporting estavam a conseguir animá-lo, aproveitaram o último cigarro para uma derradeira tentativa.

— Eh, Manel — exclamou Álvaro — Ainda não te passou a neura?

— Conta lá o que te apoquentas, pá! — continuou Chico.

Chico completava sempre as frases de Álvaro. Não faço ideia como funcionam na repartição onde trabalhavam lado a lado todo o dia, mas ali, na tasca do Zé Toino, estavam sempre sincronizados nas intervenções e nas opiniões. Um cérebro com duas bocas.

— Sabem lá o que me aconteceu — desabafou finalmente Manuel. — Então não é que aquela vaca apareceu-me ontem à porta de casa a dizer que era melhor a Jéssica ir viver comigo? Que a miúda não faz nada da vida, que passa todo o dia ao telefone e ao espelho, que não tem mão nela e que, agora que o Ivo saiu de casa, não lhe tem respeito nenhum. E o que é que eu tenho a ver com isso? Não lhe tem respeito porque a gaja não se dá ao respeito, aquela puta!

— Calma, Manel — pediu o Vítor — Tu não deixes que a gaja te ponha nesse estado.

— Eu não me importo nada que a miúda viva lá em casa — continuou Manuel —, e a Maria José também não, que é uma santa e gosta dela, mas que seja por iniciativa da pequena, não a mando daquela vaca. Quem é que ela pensa que é, a pôr e dispor assim da

vida das pessoas?

— São todas iguais, ouve o que te digo — disse o Teixeira, cujo estado de desemprego fazia com que passasse demasiado tempo em casa a ouvir bocas e a receber ordens da mulher, que, segundo consta, esperava que ele, já que não fazia nada, ao menos arrumasse a casa e colaborasse nas demais tarefas domésticas, ignorando porventura que os homens ainda acham que vivem no século passado e que há territórios desconhecidos onde não precisam de entrar.

— Mas o Ivo já saiu de casa, foi? — perguntou o Zé Toino. — Parece que foi ontem que ele vinha cá contigo, pequenito, para comer um gelado antes do treino...

— Olha, esse é outro que só me dá problemas — respondeu Manuel, com irritação. — Saiu de casa da mãe para ir para a Grécia ajudar refugiados, vocês acreditam nisto?

— Essa agora! — exclamou Álvaro.

— Mas que lhe deu? — perguntou Chico.

— Eu até nem acho mal — confessou Vítor. — É de louvar o rapaz.

— De louvar? — pergunta Manuel — Mas será que está tudo maluco? Isso do voluntariado é bom para meninos de pais ricos, que não é o meu caso, como sabes. Então o sacana acabou de terminar o curso, ainda tem de fazer o estágio e um exame à ordem ou lá o que é isso, para ser advogado de verdade, e deixa tudo em banho-maria para ir ajudar aquela gente?

— Realmente — concordou Álvaro.

— Esta juventude não pensa no futuro — continuou Chico.

— Nestas alturas de crise, há valores mais importantes que se levantam e deixar tudo para ir ajudar pessoas em sofrimento só mostra que o teu filho tem um grande coração — afirmou Vítor, cuja idade já lhe permitia dizer o que pensa em vez do que os outros gostam de ouvir.

— Olha-me este! — exclamou Manuel. — Tu sabes quantas pessoas em sofrimento há aqui em Portugal? Sabes? É preciso ir para o estrangeiro para ser um bom samaritano? Ajudar terroristas a entrarem na Europa?

— Ai, nisso tens razão — disse o Teixeira. — E não é só o problema dos terroristas, é o problema de acolher essas pessoas e dar-

lhes casa e trabalho por cá. Olha, a mim ninguém me dá uma casa, que todos os meses tenho de desembolsar a renda, e trabalho então, nem vê-lo. Qualquer dia nem o subsídio! Se isto já está assim agora, imagina quando vierem para cá milhares de estrangeiros, dispostos a fazerem qualquer coisa por tuta e meia. E os portugueses, que pagam impostos?

— Ah pois! — exclamou Álvaro.

— Nem mais! — acrescentou Chico.

— Calma, rapaziada — interveio Zé Toino. — Eu sei que vocês são bem mais novos do que eu e o Vítor, e que ainda eram crianças ou adolescentes na altura, mas não se esqueçam dos milhares de portugueses que também tiveram de procurar refúgio nos anos sessenta e setenta. Uns perseguidos pelo regime, outros perseguidos pela guerra, todos em busca de uma oportunidade para sobreviverem e refazerem a vida.

— Uma coisa não tem nada que ver com a outra! — ripostou Manuel. — Eram portugueses. E no caso dos que nessa altura emigraram para a França e para outros países, eram europeus, civilizados, católicos. Agora aquela gente que vem nos barcos é tudo muçulmanos, é tudo de culturas diferentes, não têm nada que ver connosco. Vêm para cá com aquelas ideias, as mulheres todas tapadas, a imporem regras. Não se pode beber álcool, não se pode comer carne de porco, às não sei quantas horas temos de virar o cu não sei para onde e rezar, da-se! Livrámo-nos deles nos tempos das cruzadas e foi em boa hora. Agora que fiquem lá com a areia, petróleo e rezas não sei quantas vezes por dia.

— Éramos portugueses mas só de nome — interrompeu Zé Toino —, porque, de resto, também não tínhamos nada que ver com os portugueses da chamada metrópole. E é por ter sentido a frieza de quem nos olha como se tivéssemos culpa da nossa condição de fugitivos, é por ter sentido a dor de largar tudo, tudo mesmo, casa, amigos, o meu negócio, roupa, livros, álbuns de retratos, e chegar sem nada a um país que para mim era desconhecido, com um clima, um cheiro, uma luz totalmente diferentes de qualquer coisa que eu até então conhecesse, que consigo saber exactamente o que sentem aquelas pessoas que todos os dias chegam à Europa. Mais: sei o que

significa encontrarem à chegada seres humanos como o Ivo, com um sorriso, com um cobertor, com uma refeição, com respostas, orientações, qualquer coisa a que se possam agarrar, algo que não tive quando aqui cheguei.

— Eh pá, Zé Toino, desculpa lá a comparação, não fazia ideia de que eras retornado — disse Manuel.

— E não sou. Eu não retornei. Eu fugi da minha terra, a terra onde nasci, e vim aqui parar porque na altura era a única alternativa ou pelo menos aquela que nos parecia melhor. Soubesse eu que ia ser recebido com tamanha hostilidade e talvez tivesse tentado outro destino. Talvez devesse ter ido para o Brasil como o meu primo Alexandre ou até mesmo para a África do Sul, como tantos foram. Mas não. Eu achava que era português como todos os outros que cá viviam e que seria bem recebido em Portugal, mas isso é uma outra história. Aliás, tudo isto dava para muitas horas de conversa — e virando-se para Teixeira, não conseguindo esconder um olhar acusador, continuou — E não, Teixeira, para tua informação quem foge de uma guerra não está a pensar nos empregos que vai roubar nem no alojamento gratuito que vai receber. A única coisa que queremos é sobreviver ao caos e voltar a ter uma vida minimamente normal. Qualquer vida, desde que seja num lugar onde haja paz e segurança.

O silêncio caiu sobre eles. Manuel, Álvaro, Chico e Teixeira realmente não sabiam muito bem o que tinha sido a descolonização para lá do que era contado na altura, sob o ponto de vista de quem vivia no continente e que durante largos meses preferiu não dar importância às notícias que vinham de longe. Eram adolescentes, mais preocupados com raparigas do que com as consequências no Ultramar da Revolução. Aliás, só ouvi Manuel falar de retornados e da Guerra do Ultramar uma vez, quando transportámos um militar na reserva, indignado com a descolonização. Nesse dia, falou de um miúdo retornado que tinha entrado para a turma dele a meio do ano e de como os pais lhe disseram que se afastasse «daquela gente». A ideia que lhe tinha ficado sobre quem vinha de África era que eram todos fascistas, que tinham andado por lá a viver à grande e à francesa,

longe da dureza da ditadura, e quando a coisa começou a dar para o torto, vieram para a metrópole receber casas de graça e roubar empregos.

Ainda hoje sei que este é um tema pouco discutido pelos cidadãos deste país à beira-mar plantado. Amnésia colectiva. Mas eu, entre a rádio e os fragmentos de milhares de pessoas que foram passando por mim, sei de quem foi burlado por oportunistas, de quem foi enxovalhado por soldados compatriotas, de quem trocou carros por pão, os comos e os porquês... Talvez não se fale do assunto por vergonha. Não dos que passaram pelo tormento, mas dos que preferiram ignorar, desprezar, julgar, achincalhar, fingir que não estavam a ver. Ou, vendo, fingiam que tudo aquilo fazia sentido. Como possivelmente acontecerá daqui a uns anos em relação aos genocídios que estão em marcha em diversos locais do planeta, em pleno século vinte e um, e que, ao fim de uns meses a serem noticiados, deixam de ter lugar nas primeiras páginas dos jornais, como se alguém dissesse «pronto, já chega de falar sobre isso, que é sempre a mesma coisa e as pessoas estão fartas deste assunto».

— Com quem é que joga o Benfica esta jornada? — perguntou o Álvaro, mudando deliberadamente de assunto.

— É verdade! Com quem é mesmo? — reforçou o Chico.

— Com o Nacional — respondeu o Teixeira.

E assim, com uma leveza que poderia ser quase uma desconsideração não fossem eles amigos de longa data, sem dar hipótese a que Zé Toino comesse a vasculhar o baú das suas pesadas recordações, começaram a falar de bola. Em poucos minutos, estavam todos de novo animados. Não há como o futebol para desviar as atenções seja do que for.

No entanto, quando, findo o convívio, Manuel se sentou no meu banco, já moldado às suas nádegas pesadas, abateu-se sobre ele um sentimento de injustiça. O almoço pelo qual todos os dias ansiava, que o ajudava a desconstrair da sua vida e de todas as vidas desgraçadas e disfuncionais que se cruzavam com a sua, o almoço de camaradagem, de conversas que só se conseguem ter quando se está à mesa, a

partilhar um bom repasto e que tanto prazer lhe dava, tornara-se naquele dia um verdadeiro julgamento. Parecia que, de repente, tudo aquilo em que acreditava estava errado. Não podia ser contra o acolhimento dos refugiados, coitadinhos, que fogem de verdadeiras atrocidades. Não podia ser contra os imigrantes que só lutam por uma vida melhor e também têm o direito a tentarem ser felizes. Não podia ser contra os sem-abrigo, que têm uma razão para estar na rua e que muitas vezes só precisam de uma mão amiga. Não podia ser contra os que trabalham de graça e não pensam que no futuro alguém tem de pagar as contas, porque o que interessa é fazer o que se gosta e lutar pelos sonhos. Até parecia que só havia pessoas boas, dignas, trabalhadoras no mundo e que todos os criminosos e indigentes eram, no fundo, vítimas de uma qualquer fatalidade! Preconceituoso, chamara-lhe Daisy, retrógrado, chamara-lhe o filho, desligado, acusara a ex-mulher, ignorante, insinuara o Zé Toino. Ele, que trabalhara toda a vida honestamente; ele, que sempre fora bom para as mulheres e para os amigos; ele, que sempre pagara os impostos; ele, que não dizia mal de ninguém; ele, que guardava os segredos dos seus clientes e nem sequer os enganava (vá, de vez em quando cobrava mais três ou quatro euros do que devia aos turistas, mas não mais que isso); ele, que me tinha sempre impecável, limpo e aromatizado com uma daquelas arvorezinhas de cartão perfumado, que deixava os clientes escolherem a estação de rádio que queriam ouvir, que era de uma delicadeza de enfiar qualquer motorista da Uber num chinelo; ele, que até já deixara de beber e que, tirando aquele estúpido acidente naquela estúpida noite, nunca tinha feito mal a ninguém.

«Vai ser um longo dia até ao último serviço», disse ele num suspiro, sabendo que quando chegasse a casa, além de Maria José no seu roupão cor-de-rosa debruado a cetim, estaria lá a filha. Uma mulher de dezoito anos, com quem nunca tivera uma única conversa séria e que, tal como os outros, certamente teria também inúmeros defeitos para lhe apontar. Estava profundamente desanimado. Afinal, não ia ser apenas um longo dia, mas também uma longa semana, um longo mês, uma longa nova vida.

Os tais longos dias, que não chegaram a meses e muito menos a uma vida, passaram lentos e angustiados até que numa noite, tinha acabado Manuel de reclinar o banco para tornar a espera por Daisy um pouco mais confortável, alguém surgiu à minha janela, assustando-o de tal forma que não conseguiu evitar dar uma forte buzina dela.

— Desculpe, senhor, não o queria assustar — disse uma mulher, que só segundos depois Manuel identificou como a viúva.

Ficou estupefacto e atrapalhado. Ainda há momentos tinha olhado para o quarto andar e a vira a limpar a loiça e a arrumá-la nos armários, como estava ela de repente ali ao seu lado?

— O senhor é que é o motorista daquela rapariga que mora no 22, não é? — perguntou ela.

— Sou, sim — balbuciou Manuel, pondo o meu banco de novo na posição vertical.

— Eu sou vizinha dela, moro aqui em frente, no 26. Tânia Correia — disse a viúva, estendendo-lhe a mão.

— Manuel Figueiredo — respondeu, apertando a mão delicada da mulher. A mão que durante tanto tempo quisera afagar.

— O senhor Manuel desculpe, mas queria só fazer-lhe uma pergunta, pode ser?

— Claro — respondeu Manuel, sentindo os joelhos a tremer. Que raio de pergunta teria aquela mulher para lhe fazer? Teria suspeitado de alguma coisa? Estaria a juntar as peças de um quebra-cabeças? — Deixe-me só sair do carro. Não tem jeito nenhum estar aqui sentado e a menina de pé.

— Com certeza — disse a viúva, afastando-se da minha porta, permitindo que Manuel saísse.

— Então diga lá.

— Bem, não sei se sabe, mas há uns meses houve um acidente aqui na rua e um homem morreu.

Pronto. Estava tudo estragado. Ela sabia de alguma coisa, pensou

Manuel. Era uma questão de tempo até aparecer alguém a dizer que viu um táxi a sair daqui precisamente às 23:24, hora aproximada da morte do sujeito. Manuel tinha agora de manter a calma, não se precipitar, medir bem as palavras, tudo coisas que não tinha jeito nenhum para fazer.

— Sim, na altura a Daisy comentou qualquer coisa comigo sobre o assunto.

— Bom, esse homem era o meu marido... — suspirou a viúva, baixando os olhos.

— Ai sim? — perguntou Manuel, fingindo-se surpreendido — Lamento muito.

— Obrigada. De qualquer forma, o que eu lhe queria perguntar era se, uma vez que está aqui estacionado quase todas as noites e deve ter transportado a minha vizinha também nessa noite, se por acaso não viu nada de estranho.

— Estranho como?

— Sei lá, um carro que não costuma estar aqui, um bêbedo agressivo, uma mota em excesso de velocidade, uma tampa de esgoto fora do sítio...

— Assim de repente não me lembro de nada fora do normal — mentiu Manuel.

— Eu sei que foi um acidente, e que o Ricardo de alguma forma caiu e bateu com a cabeça no lancil do passeio, aliás, teve morte imediata, mas essa «forma» é que eu gostava de saber qual foi. Escorregou? Foi empurrado? Alguém o chamou do outro lado da rua? O que o fez tropeçar?

— Lamento muito, menina Tânia, mas não vi nada de invulgar. Aliás, tanto não vi que só na noite seguinte soube do sucedido, quando a Daisy entrou no meu táxi e me contou. Enquanto aqui estive à espera dela, não vi mesmo nada de diferente — afirmou Manuel, surpreendido pela forma como as mentiras lhe saíam com tanta naturalidade, pese embora o seu desejo fosse confessar o crime, para que a viúva tivesse o conforto de saber como tinha sido o último minuto de vida do homem que amava e amaria sempre.

— Pois, calculei que não soubesse de nada — disse a viúva, desapontada. — Mas não custava nada perguntar, não é?

— Claro, e eu tenho muita pena por não poder ser mais útil.

— Bom, de qualquer forma obrigada, senhor Manuel.

— De nada, menina.

A viúva apressou-se a voltar a casa. Afinal, tinha o filho a dormir, sozinho na sua pequena cama de grades, e temia que acordasse de repente e chamasse por ela.

— Menina Tânia, espere! — gritou Manuel, quando ela pôs a chave na porta do prédio.

Tânia olhou para trás com a esperança de que subitamente Manuel, como que por milagre ou iluminação divina, se tivesse lembrado de alguma coisa significativa. Um detalhe que até então não parecera relevante.

— Era só para lhe dizer que, se precisar de alguma coisa, eu estou aqui.

Tânia fez um esgar de desapontamento.

— Ah, sim, claro, obrigada...

— Não, a sério — continuou Manuel. — Se precisar de boleia, se precisar de alguém para mudar uma lâmpada, para montar um móvel, sei lá, essas coisas que não me leve a mal mas a maioria das mulheres não tem muito jeito para fazer, é só chamar. Eu estou sempre aqui em baixo, como já deve ter reparado. Entre as seis e tal e as dez e quarenta, é dispor, tá a ver?

— Obrigada.

— Ah, e leve o meu cartão. Mesmo que eu não esteja aqui, posso vir mais cedo ou voltar depois de deixar a Daisy, sei lá, se o menino tiver uma febre a meio da noite e quiser levá-lo ao hospital...

— Como é que sabe que tenho um menino? — perguntou a viúva, desconfiada.

— Disse-me a Daisy, quando me contou do acidente — inventou Manuel.

— Ah, sim, claro. Não deve ser preciso, mas obrigada. Na verdade... — Ia dizer qualquer coisa, mas deteve-se.

— Sim?

— Na verdade, a sua presença aqui em baixo basta para me deixar um pouco mais descansada, agora que estou sozinha. É quase como ter um vigilante privado.

— Fico contente por saber. Pode estar tranquila, que enquanto eu aqui estiver, está em segurança.

— Pena que o meu marido, naquela noite trágica, não tenha chegado mais cedo a casa. Talvez o senhor Manuel pudesse ter evitado o acidente, alertado para algum perigo ou coisa assim.

— Não se martirize mais com isso, menina. Os acidentes são isso mesmo, imprevisíveis, inevitáveis. Provavelmente não teria feito diferença eu estar ou não aqui estacionado.

— Boa noite, senhor Manuel.

— Boa noite, menina Tânia.

Baralhado com as emoções díspares que o invadiam, Manuel voltou para o meu interior. Naquela breve interacção, sentira-se como que acordado de um sonho por um murro que o lembrava de que tinha sido ele o tal responsável pela definitiva mudança na vida de Tânia. Por outro lado, ela dissera que se sentia protegida com a sua presença, o que o deixara subitamente feliz. Afinal, não tinham sido em vão todas as horas passadas naquela rua, horas movimentadas para o negócio, das quais abdicara sem pestanejar, mesmo sabendo que no final de cada mês tinha de ouvir Maria José a questionar porque trazia cada vez menos dinheiro para casa. Sentia por isso que a culpa que o consumia há tanto tempo diminuía um bocadinho. Sentia que afinal a vigia servira para endireitar um bocadinho as coisas. Sentia que finalmente podia respirar.

Pouco depois, entrou Daisy.

— Está com boa cara hoje, senhor Manuel.

— Achas?

— Sim. Há muito tempo que não o via com um sorriso.

— É de te ver.

— Mentiroso!

Manuel piscou-lhe o olho pelo retrovisor e seguiu caminho. Estava

uma noite morna, a lua cheia, o rio um espelho de água. Uma noite como há muito tempo, anos, talvez, Manuel não tinha. Nada mudara na cidade. Os Lisboaetas podem enumerar incontáveis noites de Verão como aquela. Mas como a beleza está nos olhos de quem vê, esta era para Manuel uma das noites mais bonitas de sempre.

Redenção

Durante várias semanas, a nossa rotina não se alterou, apenas o humor de Manuel, que se aproximou do taxista bem-disposto e falador de outros tempos. Agora sim, uma operação aos joanetes era motivo para uma discussão aprofundada sobre os meandros da cirurgia e um travesti que tivesse, ainda que levemente, insinuado que actuaria num espetáculo nessa noite, não teria saído do meu assento sem pelo menos um «boa sorte para logo!». Os miúdos mal-educados ao cuidado de Olinda eram tolerados com menos desdém e até havia dias em que Manuel cedia em mudar para uma estação de rádio mais jovial, daquelas em que todas as músicas lhe pareciam iguais, mas que aparentemente eram do agrado da maioria.

Em casa, também Maria José andava mais lépida. Tal como Manuel imaginara, a presença de Jéssica trouxe mais vantagens do que desvantagens às suas existências. Maria José crescera sozinha, sem irmãos, sem grandes amizades devido ao seu excesso de peso, motivo para troças e nunca elogios, e principalmente sem o mínimo de carinho por parte da família, que agia como se tivesse vergonha dela. Tantas vezes assisti, ainda ela vivia com os pais, à mãe dela a chamar-lhe gorda sem qualquer pudor e dizer coisas como «pareces um trambolho com essas calças, vai mas é mudar de roupa que não saís comigo à rua nesses preparos». Dizia-lho à frente de quem quer que fosse, à porta de casa, no café, na mercearia. Para Maria José, ter uma jovem de dezoito anos em casa era não só uma lufada de ar fresco na rotina como também uma verdadeira companhia, mesmo que ela não largasse o telemóvel e, segundo Manuel deixava escapar, passasse quase todo o tempo enfiada no quarto. Diz que Maria José lhe faz lanchinhos, pergunta o que lhe apetece para jantar, passa-lhe a roupa a ferro com o carinho de quem imagina estar a passar as roupinhas da filha que nunca teve, dá-lhe opiniões se a vê indecisa em frente ao espelho e nunca faz perguntas indiscretas nem dá conselhos paternalistas, pois não se sente nesse direito. E, com o tempo, Jéssica

foi apreciando cada vez mais todas aquelas atenções. A mãe nunca fora dada a esse tipo de mimos. Dizia que ela tinha mesmo era de aprender a fazer as coisas por si e não esperar que lhe aparecessem feitas, e se a visse indecisa em frente ao espelho o mais certo era lançar um «se as peneiras pagassem imposto, andavas toda carimbada». Aos poucos, reparei que Jéssica foi ganhando confiança com Maria José e até comecei a vê-las juntas na rua, a fazer um ou outro recado. Maria José nunca seria uma mãe para ela, até porque ninguém procura uma mãe aos dezoito anos, mas parece-me que Jéssica começava a vê-la cada vez mais como uma espécie de irmã mais velha. O resultado desta relação era uma harmonia familiar como Manuel nunca tinha sentido. «Olhem que bem que se dão!», exclamava o meu condutor quando as via de braço dado a caminho do café.

Também, na Calçada dos Sete Moinhos, Manuel podia agora olhar despudoradamente para o terceiro andar do número 26, assumindo a sua condição de vigilante, acenando à viúva se ela aparecia à janela. Algumas vezes, já ali estávamos estacionados quando Tânia chegava do trabalho carregando no colo o filho que tinha acabado de ir buscar à creche. Nesses dias, fazia questão de se aproximar de mim e lançar um «boa tarde, senhor Manuel», para grande comoção do meu motorista, que ficava com um sorriso estampado no rosto durante as duas horas seguintes.

O sorriso, no entanto, desvaneceu-se num desses entardeceres, quando viu o sem-abrigo a tocar à campainha de Daisy. Pior: Daisy a abrir-lhe a porta e a deixá-lo subir para sua casa. Mas que raio de familiaridade era aquela? Num dia abre-lhe a porta do prédio para ele dormir no armário dos arrumos e no outro já é visita íntima da casa? Manuel ficou de cabeça perdida e não se conseguiu conter quando, pelas dez e meia, Daisy se dirigiu a mim. E ainda teve a displicência de se voltar para trás e acenar ao rapaz, que ali ficara confortavelmente na casa dela, a despedir-se à janela.

— Boa noite, senhor Manuel!

— Boa noite? Oh Daisy, desculpa lá a minha intromissão, não tenho nada que ver com a tua vida, mesmo tendo em conta que a nossa relação há muito superou o mero motorista/cliente, que

significa aquilo? — perguntou Manuel, levantando o queixo em direcção à janela do apartamento.

— Aquilo o quê? O João estar em minha casa?

— Precisamente! Que mais poderia ser?

— Ah senhor Manuel, o João ofereceu-se para tomar conta do Samuel enquanto eu trabalho — disse Daisy com naturalidade.

— E tu deixaste? Um sem-abrigo que não conheces de lado nenhum oferece-se para ficar na TUA casa, a tomar conta do TEU filho e tu aceitas? Tu estás boa da cabeça? Acho que estás a levar esta coisa de ajudar os sem-abrigo um bocadinho longe de mais! — exclamou Manuel, estupefacto.

— Calma, não é assim tão linear como parece. Eu não sou irresponsável. Quer dizer, até sou um bocadinho, por deixar o meu filho sozinho todas as noites durante umas horas, mesmo sabendo que está a dormir profundamente, mas a questão é que depois do que o João fez ontem por mim e pelo meu filho, não podia estar mais descansada por tê-lo ali em casa.

Daisy começou então um inacreditável relato sobre a noite anterior. Segundo ela, o filho sabe que ela sai pelas dez e meia da noite e regressa cerca de seis horas depois. Tem o número do bar e o da vizinha do lado para qualquer emergência e, no alto dos seus cinco anos, acredita piamente que o *T. rex* de peluche tem poderes mágicos e que o guarda durante aquelas horas. Porém, na noite anterior, por volta da uma da manhã, o menino teve um terrível pesadelo, daqueles que fazem as crianças gritar apavoradas e entrar num estado de ansiedade que só uma mãe consegue acalmar. Ao contrário da vizinha do lado, que apesar de se ter oferecido para estar atenta a qualquer som ou movimento estranho dorme como uma pedra, João, o sem-abrigo, aninhado entre os utensílios de limpeza na minúscula arrecadação a que Daisy lhe dera acesso, ouviu o grito e, quase por instinto, dirigiu-se imediatamente à porta do segundo andar, onde encostou o ouvido e percebeu que indubitavelmente era o filho de Daisy quem chorava em aflição. João bateu à porta com os nós dos dedos, suavemente para não assustar mais o menino, e começou a conversar com ele, calmamente, até o tranquilizar e convencer a voltar a dormir, o que o menino fez mas não na cama. Preferiu deitar-

se junto à porta, para ficar perto de João, que prometera não sair dali até Daisy chegar. E quando Daisy chegou, João estava efectivamente deitado no capacho, a dormir profundamente, o que lhe provocou grande surpresa e transtorno, pois parecia inanimado. Ao seu toque aflito João acordou e explicou-lhe a razão de tão inusitado cenário, pedindo-lhe que abrisse a porta com cuidado, porque Samuel encontrava-se a dormir do outro lado.

Depois de deitar o filho na cama e acariciar-lhe a cabeça em jeito de um pedido de desculpas, Daisy serviu um chá a João, que tinha ficado na sala à espera, sem saber muito bem se devia sentar-se ou aguardar de pé, e por fim desmoronou num pranto à sua frente. Nunca mais deixaria o filho sozinho, nunca mais voltaria para aquele bar degradante, nunca mais arriscaria a que o seu menino voltasse a acordar de tal forma assustado que se fizesse ouvir no interior de uma minúscula arrecadação dois pisos abaixo e não tivesse uns braços para o sossegar. Comovido pela sua vulnerabilidade e tomado por uma enorme vontade de protegê-la, João envolveu-a nos seus braços e deixou-a chorar até não sair nem mais uma lágrima, oferecendo-lhe de seguida uma solução para os seus problemas: ele próprio poderia tomar conta de Samuel todas as noites que ela fosse trabalhar, certificando-se de que a criança estava bem e que tinha ali um amigo para o acalmar de qualquer pesadelo, febre ou demais achaque. Daisy ficou intrigada com tal ideia e disse logo que não podia aceitar, até porque não tinha como lhe pagar. Se pudesse dispensar dinheiro com uma ama tê-lo-ia feito desde a primeira noite em que saíra para trabalhar e deixara o filho sozinho em casa. Não ganhava mal, mas o objectivo de trabalhar como *stripper* era garantir que podia continuar a viver com o filho num bairro calmo e decente, com uma boa escola e uma boa vizinhança, amealhando tudo o que sobrasse para poder abandonar aquela profissão antes de Samuel ter idade para compreender o que fazia. João sorriu e pegou-lhe nas mãos. Não queria que lhe pagasse, nem tal ideia lhe passou pela cabeça. Para ele, poder passar umas horas numa casa de verdade, com cheiro a *Nestum* e óleo de framboesa, usufruindo de um sofá macio, era muito mais do que naquele momento ousaria sonhar. Poderia dormir confortavelmente por algumas horas, sem frio, sem medo e, quando de

madrugada Daisy chegasse, cansada e vazia, ele partiria. A essa hora já estaria a amanhecer e os perigos da rua adormeciam à medida que a cidade acordava. Daisy acabou por aceitar aquilo que lhe pareceu um bom negócio para os dois.

Podiam chamar-lhe imprudente, ingênua, irresponsável, mas ainda que não soubesse explicar porquê, Daisy sentia que conhecia João desde sempre e que poderia confiar-lhe o seu maior tesouro de olhos fechados. Era uma sensação estranha, inédita, mas muito reconfortante, que o bater do seu coração de cada vez que pronunciava o nome de João não me conseguia esconder. Não é por isso de estranhar que com o decorrer do tempo, ao chegar a casa Daisy encontrasse um João disponível, sem pressa, a recebê-la de sorriso aberto, que aceitava ficar mais um pouco, quiçá a acompanhá-la numas torradas com doce e em conversas sobre a vida. Sem preconceitos, sem julgamentos, um músico sem dinheiro e sem tecto e uma *stripper* desiludida, que na verdade não eram mais do que dois jovens com os corações magoados e as cabeças cheias de sonhos.

Manuel resignou-se. Por mais pragmático e desconfiado que fosse, sabia ver onde estava a razão. Era de facto um bom acordo entre aquelas duas almas e quem sabe o que mais dali poderia surgir.

— Pois, pois. Já vi tudo — disse Manuel, no fim do relato.

— Tudo o quê?

— Qualquer dia ainda casam.

— O quê? Nem pensar! — exclamou Daisy

— Porque não? Se vocês se tornaram amigos, se ele gosta do teu miúdo, se os teus olhos brilharam o tempo todo em que estiveste a contar essa história...

— Brilharam nada — interrompeu Daisy, corando.

— Ai brilharam, brilharam!

— Senhor Manuel, nós somos só amigos e assim ficaremos, que eu de homens quero mesmo é distância.

— Porquê?

— Porque tudo o que correu mal na minha vida foi culpa dos homens que amei.

— Mas sabes que os homens não são todos iguais, não sabes?

— Não são?

Desilusão. Era esse o sentimento que se apoderava de Daisy a cada noite, a medida que nos aproximávamos do seu local de trabalho. Quanto mais tempo passava a rodopiar em varões, mais lhe custava acreditar que poderia haver homens com boas intenções. Não eram só os olhares lascivos que recebia, não eram só os piropos mais ou menos ordinários, era a certeza de que, de uma forma ou de outra, todos iam ali parar. E nisso tenho de concordar com ela, pois já transportei todos eles. Dos viúvos solitários aos divorciados de meia-idade; dos que saíam de lá para se masturbarem à luz das imagens que as bailarinas lhes tatuavam na memória aos que as procuravam apenas para conversar; dos executivos que levavam os clientes àquele lugar para forçarem uma camaradagem que os negócios não permitem aos grupos em despedidas de solteiros, que sem uma mulher nua a exibir-se para o noivo enquanto os outros dão urros de incentivo não é a mesma coisa; dos casais em busca de algo que possa quebrar a rotina e apimentar a relação aos amigos que iam beber um copo e ver umas mamas, certificando-se de que as mulheres e namoradas só tinham conhecimento da parte dos copos; dos trastes que nenhuma mulher atura e que só pagando têm uma mulher que olhe sequer para eles aos casados há longos anos, que se vissem a respectiva esposa em *lingerie* de renda lhe chamariam vadia, mas sendo outra gaja qualquer pode ser. Era mais forte do que eles a necessidade de ver corpos desnudos a roçarem-se no chão da *passerelle*, nos bancos de camurça gastos, nas suas pernas. Sentindo-se poderosos, irresistíveis, esquecendo por momentos que tudo aquilo era uma encenação muito bem paga e que no mundo real aquelas mulheres não trepam às paredes, não usam sapatos com plataformas de vinte centímetros e na sua maioria até têm filhos, pais e maridos.

Porém, a desilusão de Daisy para com os espécimes masculinos vinha de mais longe. E nessa noite contou-nos as suas razões. Começara com o pai. Sim, a mim também me soou a cliché, mas ser

abandonada pelo pai aos quatro anos não é algo fácil de superar. Por mais que ele nunca tenha sido um pai exemplar, por mais que gritasse violentamente com a mãe, era o seu pai e nisto as crianças são mais fiéis que cães. Talvez seja uma ligação genética mais forte do que os maus tratos ou o simples desejo de que esteja tudo bem, a família junta e unida e feliz como nas histórias. Mas adiante. Os traumas com o pai não se ficaram por aí. Quando a mãe morreu repentinamente e ele voltou a casa para o funeral, Daisy criou a expectativa de que o pai a levaria com ele para a Alemanha. Afinal, nessa altura já tinha oito anos, não lhe daria assim tanto trabalho e não tinha mais ninguém no mundo. E, no entanto, o pai deixara-a ao cuidado da irmã dele, sem hesitar, sem explicações, demonstrando mais uma vez que não havia espaço para Daisy na sua vida, nem então, nem no futuro. A evidência desta rejeição deixou uma marca profunda na menina. Era suficientemente inteligente para saber que o problema não era dela e tinha tido na mãe um exemplo de força e uma fonte de amor e autoconfiança. Não se sentia diminuída pelo abandono em si, mas era inevitável que sentisse um enorme desapontamento.

O desapontamento aumentara com o primeiro desgosto de amor. Apaixonara-se por um rapaz da escola, o Bruno, que ao longo do ano lectivo não lhe ligara nenhuma. Daisy tinha então catorze anos, era alta e esguia, sem quaisquer formas, o cabelo sempre amarrado num rabo-de-cavalo. No entanto, com a chegada do Verão, o seu corpo desabrochou e os rapazes da aldeia não ficaram indiferentes, incluindo o tal Bruno. Ao vê-la de biquíni, esbelta, a pele morena, mergulhando no rio, começaram a surgir os mais diversos convites e insinuações, que na verdade a deixaram lisonjeada. Não era desagradável ser alvo de todas as atenções que subitamente lhe eram dadas. Quando Bruno a convidou para um passeio de canoa, Daisy deixou-se levar, excitada pela sensação de descoberta e de uma certa transgressão às regras impostas pela tia. Como resultado, perdeu a virgindade e ainda uma nota de cinco euros que a tia lhe tinha dado para toda a semana e que certamente caíra do bolso dos calções de ganga, ganhando ela automaticamente a fama de galdéria. Parecia que afinal as raparigas não podiam experimentar coisas novas nem entregar-se a alguém de quem gostavam sem consequências. Isso era território exclusivo dos

rapazes. A eles, sim, tudo era permitido e até incentivado. Eles, sim, podiam provocar, seduzir, roubar beijos a qualquer rapariga que lhes agradasse, mas se a dita retribuísse, era uma puta. Devia ter dito que não, devia ter impedido que lhe passasse a mão na perna, devia reprimir todos os seus instintos e desejos, porque é isso que é suposto uma mulher decente fazer. Surpreendida pela súbita mudança de atitude para consigo de todos os jovens da aldeia, incluindo os poucos que se diziam seus amigos, Daisy desistiu das férias de Verão. Preferiu ir para a fábrica ajudar a tia, onde não tinha de encarar as raparigas que a olhavam com desprezo e os rapazes que, sempre que a viam, tentavam apalpá-la e lhe pediam que mostrasse as maminhas.

O desencanto final com o sexo masculino chegou quando sentiu na pele a velha máxima do namorado que foge com o rabo à seringa assim que surge uma gravidez na equação. O «meu amor», o «és única e especial», o «és a bailarina mais sensual do mundo», o «um dia casamos e já não precisas de te despir para estes tarados» desapareceu ao vislumbre do primeiro teste de gravidez positivo.

Não. Daisy não confiava nos homens nem queria envolver-se com mais nenhum. Sabia cuidar muito bem de si e, se precisasse de calor nas noites frias, arranjava um gato. Além do mais, tinha a companhia e o carinho do filho. Inocente, verdadeiro, curioso e delicado. Afirmava sem qualquer sombra de dúvida que ouvir um «mamã, és tão bonita», receber um desenho indecifrável feito na escola, acordar com uma festinha feita por aquelas mãos rechonchudas era muito mais do que qualquer homem lhe poderia algum dia dar. Agora só tinha de educá-lo de forma diferente de todos os outros, para que crescesse sem objectificar, sem discriminar e sem desrespeitar qualquer mulher. E esperar um dia poder contar-lhe tudo pelo que passou, recebendo dele um beijo de gratidão em vez de um olhar de vergonha.

Perante isto, Manuel não teve como refutar. De facto, os homens que passaram pela vida de Daisy eram todos iguais. Uns cobardes. E se quisesse ser honesto consigo próprio, Manuel teria de se incluir no mesmo lote. Não era também ele um cobarde, que matara um homem e nunca assumira a sua culpa? Deixámos Daisy e Manuel conduziu até casa pesaroso.

Ao domingo, costumo ficar todo o dia parado nesta rua, cujos contornos conheço de cor. Manuel aproveita para dormir até mais tarde e, quando finalmente desperta, gosta de ir caminhar, o que o médico recomendou que fizesse diariamente mas que não consegue cumprir noutro dia senão neste. Depois do pequeno-almoço, sai com Maria José, os dois trajados de fato de treino e ténis apenas usados nesta ocasião, e dirigem-se ao rio e ao contrastante Parque das Nações. Por vezes, vão até à Torre Vasco da Gama, que hoje em dia é um hotel de cinco estrelas, noutras quase alcançam a ponte sobre o Tejo. Uma hora de caminho para cada lado, uns meros três quilómetros que percorrem vagarosamente, Manuel por preguiça, Maria José porque o peso não lhe permite andar mais depressa. Segundo já percebi, a maior parte do tempo vão calados ou trocam trivialidades, tal como fazem quando viajam comigo. Mas houve um dia em que, assim que vi Maria José a sair do prédio, percebi que tinha um propósito.

Havia algo que a intrigava há algum tempo, nomeadamente por que motivo o dinheiro parecia desaparecer cada vez mais depressa. Andava sempre a contar os trocos na carteira, a juntar todos os recibos de pagamentos, a anotar as despesas num bloco de notas, quer fosse o avio semanal na mercearia ou um simples lanche no café da dona Emília. Mal saía desses lugares, sacava logo do bloquinho, não fosse esquecer-se de anotar mais tarde. Mas por mais notas que tirasse, as contas não batiam certas. Maria José bem sabia que agora eram três bocas para alimentar e que Jéssica não contribuía para as despesas mensais, mas a verdade é que mesmo antes de a miúda se mudar para casa deles a diferença no orçamento já se notava e, para mais, a enteada não comia muito mais do que alface. Só que o assunto não era fácil de abordar. Não eram casados e Manuel não lhe devia nada. Pelo contrário. Se havia alguém que se poderia melindrar com assuntos de dinheiro era ele, visto que a casa onde viviam era dele, e se tinham

uma economia comum era porque ele desde o primeiro dia se mostrara generoso.

Ah, coitada da Maria José... Se ela sonhasse que Manuel desperdiçava várias horas de serviço a vigiar a janela de uma mulher... Horas de ponta, horas que poderiam muito bem valer uns três ou quatro clientes, que por sua vez valeriam pelo menos uns trinta euros, que no final de uma semana de trabalho, descontando o sábado, pois nesse dia Manuel pegava mais tarde, interrompia para ir almoçar a casa e ainda iam os dois ao supermercado, valeriam cerca de cento e cinquenta euros, o que ao final do mês totalizaria seiscentos euros. Seiscentos euros, vejam bem! Só que Manuel nunca fizera as contas. Não lhe interessava saber quanto estava a perder, porque considerava que, se tivesse sido preso pelo seu crime accidental, também não ganharia nem esse nem nenhum outro dinheiro.

No entanto, nesse dia, contava eu, no regresso a casa após o habitual passeio, depois de vários metros recuperar o fôlego perdido algures na subida da Avenida de Pádua, e tendo percebido que Manuel até estava bem-disposto, Maria José decidiu arriscar. Estava com as mãos no meu capô a fazer os alongamentos que Jéssica lhe ensinara e que garantira serem meio caminho andado para recuperar mais depressa do esforço da caminhada.

— Manel, sabes por que razão a conta da Caixa está a negativo? — atirou, fingindo que a pergunta lhe surgira de repente, a propósito de nada.

— A conta da Caixa? — perguntou ele, verdadeiramente surpreendido.

— Sim, a que uso para as compras. É que ontem fui pagar a conta à dona Emília e o cartão deu «não autorizado». Acabei por pagar com uma nota e uns trocos que tinha na carteira, mas logo a seguir fui ao Multibanco levantar dinheiro, que não gosto de andar desprevenida, e vi que o saldo estava negativo.

— Eh pá, não faço ideia...

— Mas não depositaste lá dinheiro este mês?

— Se queres que te diga, não me lembro.

— É que eu não gastei mais do que é costume, juro! — choramingou Maria José, não fosse ele achar que era ela quem andava

a gastar o dinheiro da comida em futilidades.

— Eu sei, mulher! Tu és do mais poupado que há. Não precisas de ficar assim.

— Desculpa, fico nervosa com estas coisas, porque essa conta costumava ter sempre dinheiro de sobra...

— Pronto, deixa lá, provavelmente esqueci-me mesmo de depositar o dinheiro a horas.

— Então e depositaste onde? Na conta do BPI só está lá um depósito de quinhentos euros, como sempre.

— Maria José, querida, a verdade é que este mês foi muito fraco — mentiu Manuel. — Eu não quis dizer nada para não te apoquentar, mas não houve mais dinheiro para depositar. O que sobrou gastei na gasolina e nas minhas despesas.

— Não houve mais dinheiro? Como, se trabalhas mais de doze horas por dia? — perguntou ela preocupada, porque sabia que ele não era homem de gastos e até já tinha deixado de beber.

— Pois trabalho, mas sabes lá como é que isto anda. Mal, mal, mal.

— Ai não me digas! Então mas com tanto turista que se vê por aí? Pensava que estava tudo a correr melhor.

— Turistas há, mas também há muita concorrência desleal. Ele é tuque-tuques, úberes, hotéis com carrinhas próprias a vender pacotes de passeios aos hóspedes, Sintra, Cabo da Roca, Azeitão, tudo serviços que rendiam mais que um dia inteiro na cidade e que agora nem os vejo. E depois os tugas, cada vez mais empobrecidos, têm lá dinheiro para andar de táxi. — argumentou Manuel, que no fundo até estava a dizer a verdade, omitindo apenas a parte em que ficava horas parado numa rua de Campolide a olhar para uma certa janela.

— Ai, meu Deus, homem! Não sabia que estava assim tão mal...

— Mas está. Toda a gente se queixa e querem fazer bloqueios de estrada e dar porrada aos motoristas da concorrência, sabes lá o pandemónio que se vive. Eu é que não sou de me meter em confusões. Mas digo-te uma coisa, se fosse mais novo e mais entendido nessa geringonça da Internet, quem ia para a Uber era eu.

— Oh, homem, estás maluco, ou quê? Atão tens uma licença, que é do que toda a gente anda atrás, e agora ias meter-te nisso?

— Ah, pois metia. Bom, de qualquer modo, teria de mudar de

carro, que eles na Uber é só modelos novos. Acho que não iam gostar aqui do meu chaço.

Manuel proferiu esta última frase batendo-me no capô com os nós dos dedos. Achei mal chamar-me chaço. Eu, que estava ali estacionado, aproveitando o sol e a placidez domingueira, grato por ter um dia inteiro de silêncio no meu interior. Sei que não vou para novo, mas quem o aturou estes anos todos? Uma década, mais, até! Não devia ficar surpreendido, muito menos magoado. Afinal, a ingratidão é outra das características mais comuns destes seres que acham que tudo lhes é devido. Mas fiqueii...

Indiferentes aos meus sentimentos, os quais na verdade não poderiam saber que existiam, Manuel e Maria José continuaram a conversa e o alongar dos músculos.

— Será que a Jéssica ainda dorme? — perguntou Manuel. — Não gosto nada dessa coisa de se deixar ficar na cama até à hora de almoço.

— Oh, deixa lá a gaiata. Foi-se divertir ontem à noite. Deve ter andado pelas discotecas, como anda toda a rapaziada da idade dela, e agora está cansada.

— Anda cansada, anda, mas é de namorar, que ela já me disse que conheceu um miúdo porreiro.

— Ai contou-te? — perguntou Maria José, aliviada por não ter de esconder mais um segredo. É que já sabia do namoro novo há várias semanas, mas não queria denunciar a enteada.

— Sim, parece que é consultor como ali o meu amigo Fernando — continuou Manuel, apontando com o queixo para a janela do dito. — Mas não me digas que não sabias?

— Oh, sabia, claro, ela já me tinha contado, mas não ia ser eu a contar-te da vida dela. Mas estás a ver como ela é boa miúda. Contou-te sem problemas. Há miúdas que não contam nada aos pais e depois andam aí a fazer tudo pela calada.

— É verdade, é boa miúda. A outra vaca é que não sabe lidar com ela.

— Ai, homem — interrompeu Maria José, em grande aflição. —

Desculpa lá, mas agora que falaste na Jéssica é que me lembrei que ontem veio no correio uma carta do teu Ivo! Oh, meu Deus, desculpa, como me pude esquecer duma coisa destas? — continuou atrapalhada, dirigindo-se apressadamente a casa — Mas como quando chegaste já eu estava a dormir, não ta dei e esta manhã passou-me completamente.

— Uma carta do Ivo? — perguntou, indiferente ao esquecimento de Maria José. Tirando um telefonema rápido quando se instalara na Grécia e umas mensagens que ia trocando com a irmã pelo Facebook, às quais Jéssica não dava nenhuma importância visto considerá-las demasiado deprimentes, Ivo ainda não tinha dado notícias como deve ser. — Onde está? Onde está?

Imagino-o a subir as escadas dois a dois, a pegar na carta com cuidado, sorrindo nervosamente, verificando se aquela letra que enunciava o destinatário era mesmo a letra do filho, confirmando pelo carimbo dos correios de onde tinha vindo. Lá dentro estava um postal com uma imagem dividida em dois: em cima uma baía deserta de águas cristalinas, onde estava ancorado um único barco de casco vermelho; em baixo, separado por uma linha ondulada rosa-choque, uma data de casas brancas, erigidas sobre as rochas, no que parecia ser uma pequena vila piscatória. Além do postal, cujo verso estava em branco, com excepção do nome dos lugares que se viam nas imagens e a frase «from Greece with love» impressa a letras maiores, vinha dentro do envelope uma folha de caderno pautada toda escrita com a caligrafia de Ivo, num texto que contrastava totalmente com a beleza das paisagens que Manuel acabara de admirar.

«Olá, Pai (e Maria José)

Esta é a ilha de Samos. É aqui que estou instalado há várias semanas.

Uma ilha bonita, que viu nascer Pitágoras mas que agora é mais conhecida pelo campo de refugiados onde homens e mulheres, crianças e bebés são tratados como gado, metidos em campos de

básquete onde não se conseguem mexer porque a lotação máxima há muito foi atingida, a dormir debaixo de tendas que ensopam quando chove, e sem acesso a qualquer medicamento, quanto mais um médico.

As crianças tentam brincar, tentam sorrir, tentam esquecer onde estão, que não têm uma casa, muito menos cidadania, já que são muitas as que nascem ali mesmo. No outro dia, ao conversar com uma família chegada há poucos dias a este campo, depois de ouvir o pai contar-nos como foi o penoso percurso até alcançarem esta espécie de purgatório, uma delas disse «quando morrer vou contar tudo a Deus». Qual Deus? Perguntei-lhe e pergunto a mim mesmo todas as noites.

Resta-lhes, e a mim também, acreditar na teoria da transmigração das almas e imaginar que todo o sofrimento de que padecem é a tal catarse rumo à perfeita purificação da alma.

Mas enfim, filosofia à parte, era só para dizer que estou bem. Faço o que posso para minimizar as tragédias com que me deparo noite e dia, e por aqui continuarei enquanto tiver forças.

Beijos para todos

Ivo»

Manuel deve ter relido a carta vezes sem fim, porque quando a guardou no meu porta-luvas na manhã seguinte, junto às coisas mais importantes como os meus documentos e o terço de madeira e madre-pérola que a mãe lhe oferecera quando se tornara taxista, o papel do envelope e as dobras da carta estavam amolecidos.

Passados uns vinte minutos, pôs-se à janela. Notei-lhe os olhos vermelhos de quem está emocionado. Olhava para o céu azul, como que procurando alguma coisa. Talvez estivesse a procurar o mesmo pedaço de céu que o filho pudesse estar a admirar a milhares de quilómetros de distância, lá longe, em Samos. Talvez estivesse a sentir um misto de medo por todo o sofrimento que o filho lhe descrevia e orgulho pela coragem do rapaz. Sei que continuava a achar que Ivo teria feito melhor em ficar por Portugal, em nome do seu futuro

profissional, mas depois desta carta começava a admirar o desprendimento com que largou tudo para ir ajudar pessoas desesperadas. Pessoas, não terroristas. A carta de Ivo provocara uma instantânea substituição de uma simples palavra na cabeça de Manuel, cujo significado era muito mais profundo do que o próprio Manuel conseguiria compreender. Pessoas, não terroristas. A prova de que um homem, por mais complexo que seja, está sempre a tempo de abandonar os seus preconceitos.

Despertando-o dos pensamentos, surgiu Jéssica, que naquele preciso momento atravessava a rua, mesmo em frente ao 12 A, quando ele pensava que estava no quarto a dormir.

— De onde vens? — perguntou intrigado, da janela — Pensei que ainda estavas a dormir!

— Bom dia, pai! Fui comprar leite magro para o meu pequeno-almoço, que já não havia. — respondeu prontamente, entrando no prédio sem esperar a réplica do pai.

Efectivamente, as mãos de Jéssica seguravam um pacote branco com letras prateadas. Manuel encolheu os ombros e voltou para dentro, dando lugar a Maria José, que se tinha acercado dele quando o viu abrir a janela. Vi-a a olhar desconfiada para as janelas da vizinhança, como que procurando um cúmplice da enteada. Estava perfeitamente convencida de que Jéssica mentia. Ainda na véspera tinha comprado seis litros de leite magro e além disso não havia nenhuma mercearia no bairro aberta ao domingo. Que andaria a catraia a esconder?

Naturalmente, estou farto de saber qual o segredo que Jéssica esconde. E desta vez nem sequer tive de usar os meus dotes divinatórios. Basta achar-me estacionado nesta rua todas as noites e madrugadas. São várias as noites, sobretudo ao sábado, em que a vejo a entrar no 12 A, a subir até ao quarto andar, a despir-se para Fernando, que a fotografa com uma máquina semiprofissional, convencida de que poderá um dia usar aquelas imagens no Instagram, no seu *book*, no caminho para o merecido e ambicionado sucesso como modelo, depois a deitar-se na cama dele, a abrir as pernas, a deixar que ele a lamba, que ele a penetre, que ele a possua. Há noites em que Jéssica faz questão de ir para casa, fazendo barulho ao entrar para que o pai se aperceba de que chegou. Noutras, o cansaço é tal que acaba por adormecer nos braços de Fernando até à manhã seguinte, para depois, sabendo que Manuel e Maria José invariavelmente dão o seu passeio domingueiro, se esgueirar para casa.

Esta relação desigual, porque as expectativas dela num futuro comum são tão elevadas quanto as dele são nulas, começou pouco depois de Jéssica se mudar para cá. Fernando via-a todas as manhãs no café da dona Emília e não demorou a meter conversa com tão belo espécime feminino. Apresentou-se na presença de Manuel. «Então esta é que é a tua filha? Já é uma mulher! Muito prazer, Fernando Martins», fingindo-se de seguida desinteressado, mudando o assunto para o futebol, desviando a atenção para Manuel mas mantendo o olhar no decote dela, que eu bem o vi pela montra. Não foram precisos muitos encontros destes para a convencer a ir até ao seu apartamento. Aliás, bastou aparecer com a tal máquina fotográfica semiprofissional ao peito numa dessas manhãs em que percebeu qual a ambição de carreira da rapariga.

Além de mim, a única pessoa que assistiu aos encontros secretos foi Idalina. O seu ouvido treinado captava sempre os passos de uma nova

mulher que entrasse no prédio a caminho do quarto andar. Bem tentava ignorar as constantes visitas do maldito vizinho, mas a cusquice era mais forte do que as promessas que fizera a si própria de ignorar a existência dele, pelo que acabava sempre por se levantar para espreitar pelo óculo da porta e conhecer a vítima escolhida para aquela noite, enquanto esta esperava pelo elevador. Até parece que a estou a ver em absoluto choque quando numa dessas vezes viu que era precisamente Jéssica quem entrava no elevador. Idalina tinha visto a miúda nascer e, por mais que Darcília a tenha esquecido desde que se mudara para outro bairro, ignorando a amizade que as uniu durante tantos anos, por mais que gostasse de poder espalhar por toda a rua que afinal não era só a sua Carla Sofia que se metera na cama com aquele traste, queria-lhe bem.

Tenho a certeza de que a única coisa que impediu Idalina de sair disparada até ao quarto andar e salvar Jéssica daquele selvagem, quase pedófilo, diria ela, foi não querer deixar cair a fachada de que tinha ido passar o fim-de-semana à herdade alentejana dos compadres. Idalina tinha por hábito inventar programas que julgava causar inveja alheia na vizinhança: passeios de barco, sardinhas em quintas de amigos que ninguém conhecia, casamentos de familiares de que ninguém tinha ouvido falar antes, quando na verdade não punha um pé fora de casa. A fachada era mantida com o rigoroso controlo das persianas, que tinham de ficar fechadas deixando apenas quatro fileiras abertas para entrar a luz, do calçado, que implicava o uso obrigatório de pantufas, e ainda do horário dos banhos, que só podiam decorrer quando houvesse barulho na rua e no prédio. Nos últimos anos, para evitar amuos do marido e da filha, que mesmo já não vivendo lá em casa ficava furiosa com este hábito lunático da mãe, dizia que ia sozinha. Assim, pai e filha podiam fazer a vida deles e só tinha de se preocupar com a sua própria actuação, que era de uma atenção ao detalhe tal que confesso que merecia um Óscar. Ficou portanto calada, o que ia totalmente contra a sua natureza, e nos dias seguintes notei que evitava ao máximo cruzar-se com Manuel, provavelmente porque tinha receio de não se conseguir conter.

Contudo, via-se no seu semblante que essa sensata decisão estava a consumi-la por dentro. Ela, que tão habituada estava a dar à língua,

com verdades e boatos em igual medida, não podia partilhar a sua indignação sem pôr em xeque a reputação de Jéssica, sem dar a Manuel outro desgosto público e, acima de tudo, sem que os poucos vizinhos que ainda lhe sorriam a passassem a olhar com desdém. Depois de muitas noites sem dormir, decidiu que a única maneira de resolver o assunto era confrontar Fernando e obrigá-lo a abandonar o bairro de vez. Escreveu-lhe mais uma carta, já que da outra vez o meio tinha resultado, carta essa que Fernando trazia com ele quando se sentou no meu banco com o ar mais comprometido do mundo. Pelo batimento cardíaco do destinatário calculo que o conteúdo da mesma fosse uma ameaça de achincalhamento em praça pública digno do tempo da caça às bruxas, porque se poucos eram os vizinhos que se importavam com o facto de um dia Carla se ter envolvido com ele, muitos se indignariam ao saber que tinha seduzido a filha daquele que dizia ser seu grande amigo. O Manuel com quem conversava todas as manhãs no café, o Manuel que lhe dava boleia ligando o taxímetro apenas a meio do caminho, o Manuel que tinha consolado com longos abraços quando o Eusébio morreu, o Manuel que até tinha ficado com a gorda que ninguém queria, homem honesto, trabalhador, reservado e que já tivera a sua dose de humilhação pública naquele fatídico ano em que se tornou corno. Não, ninguém no bairro iria deixar uma história destas passar em branco outra vez. Cair-lhe-iam todos em cima e Fernando sabia muito bem disso.

Assim, quando numa manhã de sábado Manuel viu Fernando a meter caixas atrás de caixas num camião de mudanças, em vez de estar a beber o seu habitual café na dona Emília, ficou deveras surpreendido. A que se devia a súbita partida?, queria saber. Fernando inventou que mudara de emprego e que o novo escritório ficava muito fora de mão. Despediu-se rapidamente, sabendo-se duramente observado por Idalina, que estava como um cão de fila à espreita por trás da cortina de croché, esperando que ele desse um passo em falso ou proferisse uma palavra indevida para lhe desferir um golpe fatal, e partiu deixando Manuel meio aborrecido por ter perdido o seu interlocutor preferido no que tocava a temáticas futebolísticas. Fernando era o benfiquista mais sensato que conhecera, sempre justo nas suas análises e sem se deixar embarcar em clubices, além de

perceber mesmo muito de bola. Aliás, uma vez até lhe confidenciara que o seu sonho de criança era ser jornalista desportivo. Tirou o curso de jornalismo e tudo, mas depressa lhe fizeram ver que não nascera para a escrita e acabou por se tornar consultor comercial de uma grande empresa de telecomunicações, o que é uma maneira de dizer vendedor.

Manuel sentou-se na pequena esplanada onde Maria José já estava a tomar um calórico pequeno-almoço antes de rumar ao Mercado dos Olivais. «É melhor assim», disse-lhe ela sem tirar os olhos do *croissant* com doce de ovos. Manuel não entendeu o que ela quis dizer com aquilo, mas preferiu não indagar. Já estava aborrecido que chegasse. Afundou-se na cadeira a ler *A Bola*.

Sim, Maria José também acabara por se aperceber dos encontros secretos de Jéssica e também passara várias noites sem dormir dividida entre o dever de lealdade para com o companheiro e o desejo de encobrir a enteada, que com o tempo se tinha tornado o mais perto que alguma vez tivera de uma amiga. Agora, vendo o camião de mudanças a afastar-se e Idalina atrás da cortina a observá-lo com um ar triunfal, estava profundamente agradecida por tudo se ter resolvido sem que tivesse de trair nenhuma das partes. Quando o camião desapareceu de vista, Idalina olhou na sua direcção. Os olhares das duas mulheres cruzaram-se e trocaram um sorriso, uma aliviada pelo desfecho da situação, a outra com o sentimento de vingança saciado e o de dever cumprido.

Entretanto, Manuel lia e relia diariamente a carta de Ivo, que continuava guardada no meu porta-luvas. Lê-la era como abraçar o filho, o verdadeiro Ivo, aquele que não conhecera até ele partir. Aquele a quem gostava de ter dito «gosto de ti» e a quem agora gostaria de dizer «eu percebo». Na impossibilidade de o fazer, decidi ficar mais atento às notícias sobre refugiados, na esperança de um dia ver uma peça sobre o campo de Samos, onde teria um vislumbre de Ivo. Um segundo em que ele aparecesse a passar por trás do entrevistado, ou em que se visse a mochila dele, ou em que surgisse lá ao fundo, em segundo plano, de costas, até, tanto lhe fazia.

À força de tanto procurar o filho, Manuel tinha começado a compreender a dimensão da tragédia que se desenrolava nas costas do Mediterrâneo. Os «olha-me pra isto, a arriscarem a vida para vir para cá, para quê? Depois queixam-se de que morrem no meio do mar ou que são recambiados» foram substituídos por «como é possível isto estar a acontecer e ninguém fazer nada? São médicos, são professores, taxistas, pessoas como nós». Esta mudança de ponto de vista reflectiu-se numa imediata necessidade de pedir desculpa a Zé Toino pelo seu discurso ligeiramente xenófobo semanas antes. Fê-lo à frente de todos os outros amigos, para que ficasse claro que afinal não achava que os refugiados e imigrantes fossem todos uns oportunistas cujo objectivo era apenas viver às custas da solidariedade das democracias ocidentais.

— Pronto, homem, não se fala mais nisso — disse Álvaro.

— Ninguém ficou chateado — continuou Chico.

— Cada um tem direito à sua opinião — disse Teixeira, que continuava a ver nos imigrantes uma ameaça ao subsídio de desemprego.

— É verdade. E o mais importante é termos a coragem de assumir que mudámos a nossa — rematou Vítor, em resposta a Teixeira, que ao contrário de Manuel não conseguia ver para lá das suas convicções.

— E o Benfica, hein? — lançou Zé Toino para o ar, cortando pela raiz a possibilidade de nova discussão sobre o tema, que não traria nada de novo para a mesa, visto que há pessoas que se agarram às suas opiniões infundadas como se fosse oxigénio.

O preconceito anda de mãos dadas com a ignorância e o conhecimento pode acabar com ambos. Manuel tinha agora conhecimento do que efectivamente se passava nos campos de refugiados. Não apenas a visão de jornalistas, que partilham números e divulgam agendas, ou a visão de grupos políticos que conseguem aproveitar qualquer situação para seu benefício, sobretudo as tragédias humanas, mas a visão de Ivo, o seu filho, uma alma nobre e imparcial.

Certo dia, depois de ouvir a notícia de outro naufrágio no Mediterrâneo, no qual tinham sucumbindo mais treze crianças, Manuel decidiu que também ele tinha de fazer alguma coisa para aliviar o sofrimento do mundo. Não só por razões caridosas mas sobretudo porque essa era uma oportunidade para expiar o seu crime. Ao ajudar uma vida estava na verdade a compensar a morte que causara. Uma mão lavava a outra, pensava ele, como se fosse tão simples, a redenção. Andou todo o dia alheado das conversas dos passageiros, a fantasiar acerca das várias maneiras que tinha para ajudar os refugiados, sem grande despesa e trabalho. Até que se lembrou de uma pessoa que, não sendo refugiada, tinha uma vida muito dura e a quem uma pequena ajuda poderia aliviar o sofrimento: Olinda. Ela que trabalhava que nem uma mouro seis dias por semana para enviar algum dinheiro para os filhos que ficaram em São Tomé; ela que sacrificava o próprio conforto e tantas vezes a dignidade em nome de um futuro melhor; ela que aguentava sozinha a dor da distância e a culpa do abandono. Às tantas, Manuel começou a falar sozinho. «E se me oferecesse para a levar a casa todos os dias? Era quase uma hora que ela poupava em transportes... Parece que não, mas não tem nada que ver ir confortavelmente de táxi para casa depois de um dia a dar no duro, em vez de ainda estar de pé à espera de autocarro, depois o metro, depois mais autocarro e uma caminhada, faça chuva ou faça sol. Sol nunca faz, que coitada nunca chega a casa antes das oito e tal. Assim sempre ganhava algum tempo

para descansar. Será que ela aceita? Por muito orgulhosa que seja, não acredito que não me deixe fazer isto por ela. Nem é pelo dinheiro, que ela tem de comprar o passe na mesma, mas é para tornar a vida dela um bocadinho melhor. E isso é uma ajuda, não é? Isso conta como ajudar o próximo, ou não? Então não conta? É mesmo isso que vou fazer! Deixo-a na Lapa, estou uma horinha na calçada a ver da Tânia, às sete e tal volto à Lapa, levo-a aos confins onde mora e pelas nove já estou na calçada outra vez. Gasto um bocado de gasolina a mais, mas é por uma boa causa. E no caminho para cá ainda posso fazer um serviço, se tiver sorte.» Oh que alegria lhe trazia a simples hipótese de ajudar alguém. Nessa noite tenho a certeza de que Manuel adormeceu embalado por todos estes pensamentos mirabolantes, que no pico do entusiasmo faziam perfeito sentido.

Quanto a mim, não foi difícil perceber o que me esperava na manhã seguinte: Manuel a meter conversa com todos os passageiros, a fazer perguntas, a contar anedotas, tentando colocar à força um filtro cor-de-rosa nos olhos de todos os seres com quem se cruza, para que todos vejam o mundo como ele agora o vê. Como se as pessoas não fossem achar que era um louco, um membro de uma seita esquisita, um seguidor de um qualquer guru da auto-ajuda. Como se alguém estivesse preparado para compreender o que não lhe interessa. Como se fosse assim tão simples endireitar o mundo. E no entanto, ninguém conseguiu estragar a sua boa disposição. Nem a mulher sofisticada que não dá resposta a nenhuma das palavras simpáticas e temas de conversa que Manuel tentará lançar, nem o adolescente que finge ir levantar dinheiro para pagar a corrida e depois foge, nem o casal acabado de sair da terapia conjugal, que irá todo o caminho a discutir violentamente.

O entusiasmo crescia à medida que chegava a hora de ir buscar Olinda à casa da Lapa. No caminho até ao colégio dos miúdos mal-educados poderia abordá-la com a sua oferta mirabolante. Esperava que ela não o levasse a mal, que reconhecesse o acto como uma ajuda e não como caridade, que percebesse que não havia ali segundas intenções. Parou-me em segunda fila, que naquela zona da cidade é impossível encontrar um lugar vago, e esperou que Olinda surgisse, com o seu sorriso branco e o seu doce «Boa tarde, senhor Manel». Só

que naquele dia Olinda não chegou. No seu lugar apareceu uma mulher pequena e enérgica, apesar dos seus mais de sessenta anos, que se sentou no banco de trás, pousou a pequena mala no colo e falou num tom formal.

— Boa tarde. Lídia Nunes — apresentou-se, estendendo a mão. — O doutor Gustavo disse-me que tinha todas as indicações necessárias para ir buscar os meninos, correcto?

— Mas onde está a Olinda? — perguntou Manuel, surpreso.

— Não sei, senhor Manuel, é assim o seu nome, não é? Hoje é o meu primeiro dia.

— Mas então a senhora vai substituí-la permanentemente, é isso? — voltou a perguntar, incrédulo.

— Espero que sim. O doutor Gustavo não falou consigo?

— Não. Não me disse nada — respondeu estupefacto. Típico do dito doutor achar que não devia justificações a ninguém.

— Bom, também é indiferente. A tal Olinda, se assim se chama, já não trabalha para o doutor e de hoje em diante sou eu quem vai buscar os meninos.

— Mas sabe ao menos o que aconteceu?

— Não sei, não. Só sei que na sexta-feira à noite a minha prima me ligou para saber se eu estava disponível para começar a trabalhar numa casa hoje e eu disse que sim. No sábado, vim cá conhecer a senhora e aqui estou. Agora vá — disse, dando uma palmadinha no ombro de Manuel —, é melhor arrancar que não quero que os meninos fiquem à espera.

Manuel obedeceu, boquiaberto. Então a Olinda foi-se embora? Será que foi despedida? Parecia tudo tão normal na sexta-feira anterior, quando ali a deixara. Tinha de descobrir o que se passara. Agora que sentia que o bem-estar de Olinda também era responsabilidade sua, não dormiria enquanto não soubesse o que tinha acontecido. Decidiu por isso ir à Brandoa assim que terminasse o serviço. Lembrava-se vagamente do caminho, mas acreditava que chegando lá reconheceria as ruas e chegaria sem problema à casa castanha onde numa noite de chuva torrencial a tinha deixado.

Tocou à campainha e foi recebido com o sorriso que temera nunca mais ver. Envergonhada pela casa onde vivia, agora com os parques

pertences empacotados e uma só cadeira para se sentar, Olinda não convidou Manuel a entrar, mas foi buscar-lhe um café, que beberam sentados no degrau da porta de entrada. Contou-lhe que na sexta-feira se demitira sem aviso, para grande fúria da patroa, que quase lhe batera e a insultara de uma ponta à outra do dicionário, com tamanha violência que Olinda saíra disparada, sem sequer perguntar como lhe pagariam os dias que trabalhara naquele mês e tendo até deixado ficar para trás o seu precioso rádio a pilhas. Preferia ter avisado com alguma antecedência, mas a decisão fora tomada na mesma manhã, depois de uma noite inteira a chorar de saudades. É que a filha faria quatro anos na próxima semana e, na conversa telefónica semanal que tinha com a família, ouvira da menina as palavras que sempre temera: mamã, por favor, vem para casa.

Os telefonemas semanais e a troca de correspondência recheada de fotografias eram o único contacto que tinha com os filhos desde que deixara São Tomé quase três anos antes. Anos de insuportáveis saudades e lágrimas, que Olinda engolia com a crença de que estava a fazer o melhor para eles. O plano era juntar dinheiro para os trazer para junto de si, para lhes poder proporcionar oportunidades de estudo e de vida sem as limitações de uma ilha pobre do continente africano. Mas cedo percebeu que não poderia trazê-los, porque para trabalhar as horas suficientes para os poder ter consigo, não poderia recebê-los quando chegassem da escola, nem fazer-lhes o jantar, nem estar presente nas suas vidas, e também não tinha quem o fizesse por ela, não lhe restando outra hipótese senão votar os filhos a várias horas sem qualquer supervisão. Decidiu então ficar mais uns tempos em Portugal para amealhar dinheiro suficiente e um dia voltar a São Tomé e poder dar-lhes uma vida um pouco melhor. Porém, esses tempos tornaram-se anos. Só mais mil euros, só mais seis meses, até ao dia em que tudo mudou.

Uma frase da filha foi o que bastou para finalmente perceber que do que os filhos mais precisavam era da sua presença. Quase três penosos anos, dois dos quais a trabalhar na casa de uma família rica, que podia dar todos os bens materiais aos filhos e ainda um jardim e um cão, até interiorizar que o que as crianças mais querem é atenção. Não há brinquedo que substitua o colo, uma canção de embalar, uma

história contada numa voz serena ou um simples pontapear de uma bola durante uns minutos. Os filhos dos patrões tinham tudo o que podiam desejar e no entanto eram rebeldes e mal-educados. Os disparates que diziam e faziam não eram mais do que uma forma de retaliação pela falta de atenção a que os pais os sujeitavam, com as suas agendas sociais e profissionais preenchidíssimas. De que servia então estarem cobertos de roupas caras, terem brinquedos até ao tecto e usufruírem de todo o tipo de actividades extracurriculares? Demasiado tempo demorara Olinda a descobrir que o melhor que se podia dar aos filhos era o mesmo que os seus pais lhe haviam dado: atenção. Atenção nos pequenos gestos, atenção nos momentos que passavam juntos, mesmo que fossem poucos, atenção todos os dias. E por isso partia.

Manuel escutou tudo em silêncio. Tal como eu, sabia que Olinda estava coberta de razão. Para quê trazer os filhos para um bairro pobre da periferia, vê-los escassos minutos à noite, deixá-los ao deus-dará parte do dia, em nome de um futuro dificilmente risonho, num país que só tinha espaço para trabalhadores precários? Claro que Olinda tinha de partir para junto da família, onde podia não haver nenhum luxo, mas havia dignidade; onde podia não haver grandes salários, mas poderia trabalhar como a enfermeira que era, em vez de andar a limpar a porcaria dos outros. Manuel despediu-se então sem sequer falar da ideia que lhe tinha alegrado a mente desde a véspera e que agora lhe parecia estapafúrdia. Deu-lhe um abraço desajeitado, que não era pessoa para grandes demonstrações de afecto e muito menos contacto físico, e regressou ao meu banco, conformado. Não teria aqui a sua oportunidade de expiação, mas pelo menos ia com a certeza de que Olinda voltaria a sorrir e a cantar no calor de São Tomé. E nós voltaríamos à nossa rotina pelas ruas de Lisboa, onde o que não faltavam são pessoas a quem acudir, se esse fosse o verdadeiro intuito de Manuel. Eu acho que não era. É que uma coisa é dar uma mão a alguém que conhecemos, aliás, como ele faz com Daisy ao não lhe cobrar o valor real daquela volta ou com Tânia ao se disponibilizar para o que quer que fosse que ela lhe pedisse. Assim é fácil. É confortável. É seguro. Mas sinceramente não o estou a ver a ajudar um perfeito desconhecido. Esse grau de altruísmo não está ao

alcance de todos os humanos.

A partida de Olinda retirou a Manuel a oportunidade de expiar o seu crime, mas não lhe tirou o sorriso do rosto. Estava convencido de que podia ser uma pessoa melhor, fazer pequenos gestos pelos outros, deixar uns cobertores numa instituição de caridade, dar uma boleia a uma idosa que estivesse na fila para o autocarro, ajudar os miúdos do bairro a recuperar a bola que caíra no telhado em vez de afugentá-los. Sabia que não era muito, mas já era alguma coisa. Certamente mais do que andar com umas palas nos olhos e não fazer nada. Talvez o estar imbuído deste espírito nunca antes experimentado explique a razão pela qual não lhe tenha dado um ataque quando soube da notícia.

Inicialmente, passara-lhe um bocado ao lado Jéssica andar a comportar-se como uma Julieta abandonada pelo seu Romeu. Deixara de sair à noite, passava horas em casa e houve até um ou dois domingos em que acompanhara o pai e a madrastra no seu passeio matinal. Mas a razão para tal procedimento era-lhe desconhecida. Porém, não a mim. Jéssica andava inconsolável por Fernando ter subitamente abandonado o bairro e desde então nunca mais ter atendido os seus telefonemas. Manuel mencionar o seu nome de quando em vez também não ajudava. Na sua cabeça demasiado arejada e onde apenas habitavam pensamentos fúteis, Jéssica, tal como Julieta, acreditava que tinha perdido o seu grande e único amor. Amor esse que ainda por cima desaparecera sem lhe chegar a dar as fotografias que tirara para actualizar o *book*.

Quando finalmente se apercebeu da tristeza da filha, Manuel não se quis meter no assunto. Não se sentia à vontade para falar de temas amorosos e muito menos lidar com namoricos. Para mais, achava que, apesar de triste, Jéssica andava com melhores cores. Até tinha o rosto mais cheiinho. Já Maria José, que passara a observá-la atentamente desde o dia em que descobrira que era dada a demasiadas frescuras, em pouco tempo descobriu a razão das mudanças fisionómicas. Antes da própria. Não me posso esquecer do dia em que passou por mim que

nem um foguete em direcção à farmácia, para dali a nada regressar com um saquinho de papel com três testes de gravidez de marcas diferentes. Não é preciso ser bruxo para adivinhar que os vários pedacinhos de plástico em menos de nada mostraram que Jéssica estava indubitavelmente grávida.

Ao confrontar-se com a evidência do seu estado, a primeira coisa que deve ter passado pela cabeça de Jéssica não terá sido o que iria fazer à sua vida com uma criança nos braços, mas sim como o pai iria reagir. Maria José padecia do mesmo medo. E eu compreendo-as. Manuel, com o seu temperamento volátil, que tão depressa andava bem-disposto como lhe saltava a tampa à mínima contrariedade, que tão depressa era falador como se fechava no seu silêncio apenas interrompido por choro sem lágrimas, certamente não reagiria bem. O que diria ao saber que a filha, dezoito anos acabados de fazer, ao fim de alguns meses a viver com ele, em vez de ganhar juízo e se tornar uma mulher responsável, como Darcília idealizara no dia em que a deixara lá em casa, emprenhara? E nem ele sonhava de quem, senão aí é que lhe dava uma coisinha má. Contudo, não havia como esconder. Poderiam até disfarçar a coisa durante umas semanas, mas chegaria uma altura em que a barriga seria por demais evidente, o enxoval teria de ser comprado e um novo ser entrar-lhes-ia pela vida dentro. Era preferível confessar tudo de uma vez. A não ser que a rapariga preferisse fazer um aborto, o que aposto que não faria.

Tal como elas temiam, Manuel passou-se com a notícia. Gritou, esbracejou, chamou-lhe irresponsável, exigiu saber quem era o pai, que lhe batia, que o matava, que o obrigava a casar com ela e mais trinta por uma linha. Bom, esta foi a parte que eu ouvi cá de baixo, até ao momento em que Maria José percebeu que a janela estava aberta e a fechou rapidamente, impedindo que a gritaria se fizesse ouvir na rua.

Na manhã seguinte, com a cabeça mais clara depois de uma noite de sono, Manuel mostrou-se pragmático. Levou a miúda ao centro de saúde para marcar todas as consultas e exames necessários à sua nova condição e pelo caminho tentou consolá-la da melhor maneira que sabia. Maria José, sentada no lugar do pendura mas sempre com o olhar de comiseração na enteada que seguia no banco de trás, assentia

a cada tirada do companheiro. Jéssica ouvia com pouca atenção, uma vez que os seus esforçados neurónios estavam todos ocupados a pensar na melhor maneira de contactar Fernando e lhe dizer que iam ter um filho.

— Jéssica, não posso mentir e fingir que não estou chateado com esta situação. Nenhum pai imagina que a filha engravide assim, sem namorado certo, sem marido. Quer dizer, há maneiras de fazer as coisas, tás a ver? Primeiro namora-se e leva-se o namorado lá a casa para conhecer a família, depois então juntam-se e no fim é que vêm as crianças, quando o casal já está bem de dinheiros, já tem a sua casinha e tudo mais. Pelo menos é assim que devia ser, não é verdade? — perguntou, olhando para Maria José como quem procura aprovação. — Mas como não foi, o que quero que saibas é que nada tem de mudar na tua vida. Se vais ter essa criança sozinha, ficas a saber que podes continuar a trabalhar e a fazer algumas das coisas que gostas de fazer, que eu e a Maria José estamos aqui para te ajudar a cuidar da criança. Não temos muito para dar, mas cama, roupa e comida nunca vos há-de faltar. Tá certo?

— Mas como posso trabalhar como modelo com esta barriga? — perguntou Jéssica, voltando-se para o pai, revelando os olhos inchados e esborratados de quem passou a noite a chorar e se esqueceu de tirar o rímel.

— Jéssica, filha, acorda para a vida! Tu sabes, eu sei, toda a gente sabe que nunca vais ser modelo. Andas há anos a tentar e não consegues nem um trabalho, nem um desfile, nada. Não sei quantos não terás de ouvir mais para aceites que não nasceste para isso.

— Como és capaz de dizer uma coisa dessas? Comigo neste estado? — perguntou Jéssica, lançando-se num pranto.

— Oh filha, alguém tem de te dizer as coisas como elas são, não é? Já tens dezoito anos, chega de paninhos quentes. Ainda para mais, agora que vais ser mãe, tens de começar a pensar noutras coisas para a tua vida. E há tanto que podes fazer. És bonita, és esperta, de certeza de que se procurares bem vais encontrar algum talento dentro de ti. — disse Manuel, no seu jeito abrutalhado, enquanto ele próprio tentava perceber que talento escondido a filha teria. É que não fazia mesmo ideia. — Bom, e agora vamos ao que interessa: afinal quem é o pai da

criança?

— Não sei — mentiu a rapariga, colando os olhos no meu tapete.

— Mau! Se não sabes, das duas, uma: ou és uma galdéria que andou enrolada com vários ou és tontinha.

— Não posso dizer...

— Ah, bom. Então há um pai?

— Claro que há um pai, que eu saiba não sou a Virgem Maria.

— Oh filha, tenho visto tanta coisa, que já nem me admirava que fosses. Mas adiante. Esse pai já sabe da situação?

— Não.

— E quando lhe vais contar?

— Não sei...

— E é homem para se chegar à frente? Para assumir as responsabilidades?

— Tipo casar?

— Não, filha, Deus te livre do matrimónio, que só dá dores de cabeça. Estava a falar de assumir o filho, dar-te algum para o criares, visitá-lo aos fins-de-semana, essas coisas, tás a ver?

— Acho que sim...

— Muito bem, nesse caso, vais ter de me dizer quem é, para irmos ter uma conversinha a três.

— Mas eu posso bem ter a conversa sozinha — declarou Jéssica, que naquele momento aceitaria tudo menos confessar ao pai quem a tinha engravidado.

— Pois podes, e ele pode enrolar-te como te enrolou para te levar para a cama e para te engravidar e depois dá de frosques. Deves pensar que eu não sei como essas coisas são. É tudo muito bonito enquanto é só farra, mas quando a coisa aperta é que são elas. Não. Eu vou contigo que é para olhar bem para os olhos desse gajo e fazê-lo perceber que aqui não estamos para brincadeiras. Por isso, desembucha, quem é o malandro?

— Cuidado! — gritou Maria José, fingindo um perigo eminente na estrada.

— Que foi, mulher? — perguntou Manuel, alarmado.

— Ai desculpa, mas parecia mesmo uma criança que se ia atirar para o meio da estrada.

Maria José tinha decidido interromper a conversa por temer que Jéssica se deixasse levar a confessar que Fernando era o pai do filho que carregava. Jamais permitiria que a rapariga desse esse desgosto ao pai. É que ter uma filha mãe solteira não era assim tão invulgar lá no bairro, algumas até bem mais novas que Jéssica e com histórias muito mais sórdidas. Mas a traição de Fernando a Manuel é que era simplesmente intolerável. Para mais, sabia perfeitamente que ele não era do tipo de assumir responsabilidades e que mais depressa mudaria de cidade ou de país do que se tornaria pai. Mesmo que fosse só pai ocasional. Tinha a certeza de que Fernando, por esta altura, já andaria enrolado com outra qualquer, sem qualquer remorso, sem qualquer tipo de saudades, sem a mínima hipótese de alguma vez assumir a paternidade. Assim, Maria José estava decidida a ajudar Jéssica a evitar conversas sobre o assunto e a convencê-la a desistir de procurar aquele promíscuo e irresponsável de quase quarenta anos que gostava de se meter com gaiatas.

Nas semanas seguintes, Manuel ainda insistiu, sobretudo com Maria José, que sabia ser a confidente da filha. Todos os sábados, no curto caminho de casa até ao Mercado dos Olivais, lá voltava ele à carga.

— Ai homem, esquece! Ela nunca te vai contar.

— Mas tu sabes quem ele é?

— Não — mentiu Maria José. — Ela também não me conta...

— Mas por que raio não nos conta, caramba?

— Porque tem vergonha da situação.

— De ter engravidado? Mas isso acontece a qualquer um. É galo, mas acontece.

— Não, homem, tem vergonha de ter engravidado de um traste que não quer saber dela nem do bebé.

— Mas então ela já lhe contou e o gajo negou-se, foi isso? Ai grande filho da puta, se eu sei quem ele é, faço-o em merda — vociferou Manuel, cravando as unhas no meu volante.

— Calma, não foi nada disso. Parece que ela foi ter com ele para lhe contar e quando chegou lá a casa já ele estava com outra. Ou seja, andou a divertir-se com a nossa Jéssica e ela, tolinha, a achar que ele era o homem da vida dela.

— E depois de ela lhe contar? Não se fez homem, o cabrão?

— Ela não lhe contou. Diz, e muito bem, que se ele não é homem para assumir uma relação, se a esqueceu tão depressa, se lhe mentiu com promessas de amor quando afinal ao fim de um mês já tem outra lá em casa, então também não é homem para ser pai do seu filho.

— Eh lá, não estava à espera dessa... — confessou Manuel.

— Pois, mas parece que ela está decidida. Quer esquecer o rapaz e tudo o que tenha que ver com a história, por isso não puxes mais por ela. Deixa-a estar tranquila que é do que ela precisa para o bebé crescer.

Manuel ficou comovido. Nunca tinha sentido orgulho na filha, que considerava meio tolinha e a contar demasiado com a sua beleza exterior. Mas com esta atitude perante uma situação como a que estava a viver, mostrava que afinal era muito mais sensata do que até então lhe parecera. Ou talvez se estivesse a revelar mais forte precisamente por se estar a transformar numa mãe. Lá está, as mães. Seres insuperáveis, corajosos, que ao contrário dos homens põem sempre, mas sempre, os filhos à frente de si próprias. E então Manuel ficou ainda mais comovido. Assim que deixou Maria José no mercado, tirou o terço de madeira e madrepérola do meu porta-luvas e foi agarrado a ele como uma criança se agarra à mão da mãe.

Conformado com não ir conseguir fazer nada em relação ao progenitor, decidiu então que seria o melhor avô que aquela criança poderia ter. Aquele ser inocente ia crescer sem pai, mas nunca lhe faltaria uma figura paterna. Ao imaginar um neto no colo, o coração de Manuel derreteu como manteiga fora do frigorífico num dia quente de Verão. Sentiu um tipo de felicidade que já não esperava sentir naquela fase da vida em que todas as relações, familiares, amorosas ou sociais, vão arrefecendo. Uma felicidade que provocava arrepios, que paralisava os músculos faciais num sorriso permanente, que o fazia querer gritar ao mundo a razão do seu contentamento. Ia ser avô! E, mais do que isso, ia ser um avô presente, um avô de todos os dias, um avô pai. Ia ter um novo ser a cirandar pela casa, com a sua alegria e curiosidade inatas, a quem poderia contar histórias, com quem

poderia até um dia ir ao estádio da Luz, como ele próprio fora algumas vezes com o seu avô Belarmino. Aos cinquenta e cinco anos, Manuel viu-se perante a evidência de que, apesar do mundo, do sofrimento, das guerras, da fome, da pobreza, do egoísmo, das desilusões, da mediocridade, da indiferença, das injustiças e dos pais incógnitos, haveria sempre amor. E sorria perante os vários tipos de amor que o rodeavam, desde o amor ao próximo que fizera Ivo partir, ao amor a uma nova vida que fizera Jéssica crescer, ou ainda o amor materno que fizera Olinda regressar. Mas, acima de tudo, sorria perante o amor que sentia dentro de si por alguém que ainda nem sequer tinha nascido.

O que me faz concluir que há tantos tipos de amor nesta vida que por muitas chapadas que ela lhes dê, os humanos continuam a procurá-lo e a alimentar a alma e os sonhos com ele.

Foi com grande efusão que Manuel recebeu Daisy na noite seguinte.

— Que se passa, senhor Manuel? Ganhou a lotaria?

— Melhor, Daisy, melhor!

— Melhor que a lotaria? Que poderá ser?

— Vou ser avô!

— Avô? Mas, oh meu Deus, isso é fantástico — exclamou a mulher, entusiasmada. — Parabéns!

— Obrigado. Quer dizer, a miúda engravidou de um jagunço qualquer, o que não é coisa de que um pai se deva orgulhar. Mas olha, sei lá, fiquei feliz, tás a ver?

— Que notícia boa! Então o bebé é da Jéssica? Tão novinha... — deixou Daisy escapar.

— Sim, tem dezoito anos, mas pronto, é da maneira que cresce.

— Bom, eu também fui mãe com a idade dela e safei-me. Não vai ser fácil, mas sempre que ela olhar para o bebé vai ganhar forças e energia para enfrentar o que for preciso, vai ver. E depois, os rapazes hoje em dia já são mais prestáveis, pelo que o namorado vai ajudá-la, de certeza.

— Nem por isso.

— Então? O rapaz fugiu com o rabo à seringa?

— Não sei bem o que se passou, que ela não me quer dizer quem é o pai. Só sei que decidiu criar a criança sozinha.

— Oh...

— Melhor assim. Se eu soubesse quem era o gajo, era pior, que de uma carga de porrada não se livrava, mas pronto. Ela não quer contar os pormenores da história e eu não insisto. Vou ajudá-la no que puder e o resto se arranjará.

— Eu não digo? Está a ver como os homens são todos iguais? Oh raça desgraçada!

— Ei, calminha aí, não é bem assim.

— Ai não? Mais um que engravida a namorada e depois dá de frosques. Só querem o que é bom, e quando a coisa dá para o torto quem se lixa são as miúdas, que têm um ser a crescer dentro de si a quem ficam ligadas para o resto da vida, mesmo as que abortam ou as que os dão.

— Certo, mas não podes generalizar. Há casos em que acontece o contrário, em que os rapazes se chegam à frente, assumem as responsabilidades...

— Sim, e passados uns anos descartam-se, que eram novos, que não podem estar juntos só por causa de uma criança, que cada um tem de procurar ser feliz e, mais uma vez, pisgam-se. Desgraçados! É por isso que eu, homens, só à distância!

— Ai, rapariga! Não me digas que vais virar para o outro lado?

— Eu não. Mas prefiro estar sozinha.

— Ai sim?

— Sim. Porquê?

— Porque não parece nada quando estás com o teu amiguinho. Aliás, pareces-me bastante contente.

— Qual amiguinho? O João?

— Sim, claro. Deves pensar que eu não os vejo daqui de baixo. Os risos, os abraços de despedida, as mãos nos ombros...

— Oh, que disparate! Já lhe disse que somos só amigos e que estou grata por termos encontrado esta solução. Ele já não tem de viver na rua e eu já não tenho de me preocupar por deixar o meu filho sozinho.

— E mais?

— Mais nada!

— E a maneira como ele te olha? E a maneira como trata do teu filho? As músicas que compõe para ti?

— Como sabe disso?

— Porque oiço. Sabes que moras num segundo andar. Quando tens a janela da sala aberta, ouve-se tudo aqui em baixo.

— Oh, isso são coisas dele, coisas de músico, não significa nada.

— E não gostas?

— Gosto.

— Então porque não aproveitas?

— Porque não quero ter um homem na minha vida. Estamos bem

assim, amigos, companheiros de casa. É só do que preciso.

— É?

— Ai, senhor Manuel, realmente não o entendo. Andou a azucrinar-me a cabeça por causa do João durante meses. Primeiro porque lhe dava comida, depois porque lhe abria a porta da arrecadação, depois porque o deixei ficar lá em casa enquanto trabalhava, aí quase me insultou e só faltou denunciar-me à polícia!

— Que exagero!

— Não se lembra? Que raio de mãe era eu para deixar o meu filho com um sem-abrigo e blá, blá, blá...

— É verdade, mas agora já percebi que tinhas razão. O rapaz é bom moço e não te quer fazer mal. Pelo contrário!

— Confesso que não esperava que mudasse de opinião, sempre tão convicto das coisas que diz, sempre tão convencido de que os sem-abrigo são todos uns indigentes.

— Pois, mas até um burro velho como eu pode aprender qualquer coisa, sobretudo aprender a dar o braço a torcer. E olha que me custa! Mas já acredito que tenha ido parar à rua por razões que não têm nada que ver com drogas ou vadiagem. Foi um mau momento da vida dele. Toda a gente tem um mau momento a certa altura da vida — continuou, lembrando-se do corpo de Ricardo estendido no chão. — E agora, quando o vejo contigo e com o teu Samuel, não tenho dúvidas de que vos quer bem. Acima de tudo, visto de fora, vocês os três parecem mais uma família do que a maioria das famílias que conheço.

— A sério? — perguntou Daisy, genuinamente espantada.

— A sério.

— Nunca tive uma família. Quer dizer, uma família assim como deve ser, sem gritos, sem abandono, unida, que me quisesse verdadeiramente.

— Pois agora já tens. Não a percas.

— Como assim?

— Deixa-te ir. O pior que te pode acontecer é um coração partido. O melhor é seres feliz. Não achas que vale a pena arriscar?

— Não sei se o meu coração aguenta ser partido outra vez.

— Aguenta, sim. Se há coisa que te posso garantir do alto dos meus cinquenta e cinco anos é que o coração aguenta tudo.

Daisy abriu a minha porta e saiu. Tínhamos chegado. Ao contrário do que era habitual, ficou de pé a olhar para Manuel pelo vidro. Ele acenou-lhe e piscou-lhe o olho antes de arrancar. Ela ficou um minuto inteiro imóvel a pensar nas suas palavras, até que o segurança do bar a chamou. Já estava atrasada.

Amanhece na cidade.

É outro dia.

Falta pouco para Manuel abrir a minha porta e sentar-se pesadamente sobre o meu estofo. O Manuel que um dia conheci e que só agora, tantos anos depois, voltou a ser o que era. Anos e anos a viajar com um Manuel desconfiado, sabido, que não se conseguia desassociar da imagem de corno, e depois da de assassino. O Manuel alcoólico, resmungão, conservador, patriota, saudosista, acomodado, perdido na tristeza, agora substituído por aquele que andava desaparecido desde o Verão de 2004, quando a sua vida desabou por duas vezes. Confesso que foi das poucas vezes que um ser humano me surpreendeu verdadeiramente. Estava convencido de que a partida do filho por uma causa que ele não só não compreendia como desprezava, a gravidez de uma filha acabada de entrar na maioridade e a culpa pela morte de Ricardo, que por mais que tentasse não o abandonava, o tornariam um homem ainda mais amargo e cínico. E no entanto, todos estes episódios, talvez precisamente devido à sua estranha cronologia, fizeram vir ao de cima o melhor dele.

Voltei então a circular com o Manuel falador, o Manuel bem-disposto, que deixava os clientes com vontade de que a viagem se prolongasse mais um bocadinho.

«Quer fumar um cigarrinho, não é verdade? Tou a vê-lo aí um bocado nervoso, mas esteja à vontade, abra o vidro e fume, que eu cá não me incomodo. É aproveitar enquanto ainda não é proibido. Mas permita-me dizer que não devia. Já viu que só está a dar dinheiro ao Estado e a dar cabo das pulmões? Olhe, faça assim: de cada vez que se lembrar de comprar um maço de tabaco, pegue no dinheiro e ponha num mealheiro, tá a ver? Em menos de nada tem mais dinheiro do que alguma vez sonhou. Foi assim que eu fui a Estugarda ver o Benfica, na final de 1988. Com o dinheirinho que poupei quando deixei de fumar dois maços por dia. Agora pode gozar à vontade, que já reparei que é

dos verdes. Ai não é? É dos azuis? Por isso é que se ri. Sim, perdemos, raios partam os penáltis, mas ninguém me tira a alegria de ter estado ali numa final. Aquela camaradagem, aquela gente toda a cantar... Passados uns anos, voltei a fumar, é verdade, mas a culpa foi daquela vaca da minha ex-mulher, que também fumava que nem uma mula. E depois eu bebia sempre o meu copito todos os dias, o que me dava sempre vontade de acender um cigarrito, sabe como é, não é verdade? Mas agora que deixei de beber, há dias que nem pego no maço. Uma pessoa habitua-se a tudo, tá a ver? Vai ver que não custa assim tanto. O senhor tem filhos? Então ponha o dinheiro do tabaco numa conta para eles. Mas depois não se esqueça de lhes dizer que foi aqui o tio Manel que deu a ideia! É o que eu vou fazer para o meu neto. Assim que ele nascer, acabaram-se os cigarros, vai tudo para uma conta para ele. Já viu o que é, chegar aos dezoito anos e ter uns milhares de euros na conta? Podem ser só dez ou quinze mil, que eu já fumo muito pouco, mas diga lá que não é bom? Oh, que jeito me tinha dado se o meu velho me tivesse dado algum nessa idade. Ai, desculpe lá a travagem brusca, mas este tanso aqui da frente nem fez pisca, nem nada. Se fosse noutros tempos, dizia-lhe das boas, mas não vale a pena, tá a ver? Uma pessoa só fica irritada e não resolve nada. Mais vale deixá-lo estar, que se calhar estava só distraído e nem fez por mal. É que eu agora tenho um lema: se não tens nada de bom para dizer a alguém, então mais vale estares caladinho. A vida são dois dias, para quê passá-los a refilar com os outros? Então são onze euros e setenta, que os conselhos são grátis, tá a ver? Ah ah ah! Obrigadinho e até à próxima. Tenha um excelente dia!»

Mais do que assistir à transformação de Manuel, era engraçado assistir ao que isso provocava nos passageiros que agora transportamos, os quais entram com um «bom dia» tímido, frio ou de moderada simpatia e saem com um «obrigado» efusivo e sincero. Acho que as pessoas hoje em dia estão tão habituadas à indiferença e à má educação que quando alguém conversa realmente com elas, de forma atenta e bem-disposta, ficam desarmadas. Um Manuel assim é uma chamada de atenção para as suas existências solitárias, uma fonte inesgotável de entretenimento, que conseguia fazer piadas com a

política, falar sobre futebol, dar conselhos conjugais e indicações turísticas, se bem que muitas vezes inventadas, como daquela vez que disse a uns americanos que o presidente da República vivia na Torre de Belém ou que as naus saíam do Cais das Colunas, apesar de este só ter sido construído depois do Terramoto. Um Manuel assim é um intervalo de boa disposição até no dia mais difícil e cinzento de alguém, que não serve para resolver nenhum problema, a não ser a ida do ponto A ao ponto B, mas que serve de distração.

Amanhece na cidade.

É outro dia.

O carro de limpeza das ruas acaba de passar, deixando atrás de si o cheiro a alcatrão molhado. Há persianas que se levantam, torneiras que se abrem, suspiros que se soltam. Há a dona Emília a abrir a porta do café, que o padeiro deve estar quase a chegar para lhe entregar um saco de pão e um tabuleiro repleto de *croissants*, bolos de arroz, pastéis de nata e pastéis de feijão. Há o senhor Artur a dispor os jornais nas laterais do seu quiosque, os desportivos em destaque, que esses não precisa de os prender, pois são os primeiros a voar, para as mãos de ávidos treinadores de bancada, embora em número cada vez mais reduzido. Há a Idalina a dar a primeira espreitadela por trás da cortina de croché. Há a Maria José a correr apressada para a paragem de autocarro, enquanto Manuel rebola na cama uma última vez antes de se levantar. Há um sem-fim de rotinas.

Sei que vai ser um dia como todos os outros, em que vamos transportar os mais exóticos espécimes do género humano mas também os mais vulgares e previsíveis. Vamos buscar os miúdos malcriados ao colégio, agora na companhia da enérgica Lídia, que todos os dias faz Manuel pensar em Olinda e na certeza de que estará muito mais feliz em São Tomé. Vamos vigiar a casa da viúva, que entretanto já sorri, que entretanto já sai de casa, que entretanto já deixa que o colega que diariamente lhe dá boleia deixe a sua mão pousada na dela cada dia um pouco mais tempo. Vamos levar Daisy até ao clube, depois de se despedir de João com um beijo apaixonado e ficar com um sorriso estampado no rosto que dura até ao instante em que vê a fila de homens que esperam que as portas abram para dar

largas às suas fantasias obscenas, ignorando eles que quando se exhibe está na verdade a dançar para o João e a contar as horas para voltar para os seus braços. Vamos continuar a assistir ao desenrolar das histórias de centenas de pessoas, anónimas no seu quotidiano, alheias ao seu próprio mundo. Pessoas cheias de vícios, cheias de falhas, cheias de sonhos e de certezas, desconectadas da evidência de que são apenas uma micropartícula nos desígnios do Universo e que este não vai girar à sua volta para servir as suas esperanças e ambições, ignorando que quem tem de servir as suas esperanças e ambições são elas próprias.

Amanhece na cidade.

É outro dia.

Um dia como todos os outros dias e em que, como todos os dias, tudo poderá ser diferente.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Eduardo e Bárbara, pelo vosso incansável trabalho na edição desta obra. Cada sugestão, cada correcção, cada reunião convosco é sempre um momento de crescimento.

Obrigada, a toda a equipa da Bertrand, pela ajuda em cada etapa da construção deste livro até ele estar pronto para voar por essas livrarias fora.

Obrigada, mãe, por leres sempre a primeira versão dos meus livros com um olhar crítico e me ajudares a ultrapassar os bloqueios.

Obrigada, pai, por me leres, mesmo não gostando de ler. O mesmo se aplica a ti, Rodrigo.

Obrigada, Hugo, por fazeres sempre a primeira revisão, o que, tendo em conta a minha dislexia crónica, é sempre um trabalho árduo. E por todo o apoio (e amor) sem o qual não conseguiria continuar, sobretudo quando estou a meio do processo criativo e não te ligo nenhuma.

Obrigada, Carolina, pelo entusiasmo com que lês tudo o que eu escrevo. És mesmo a fã número um.

Obrigada, Tiago, por, quando te expliquei que Camões tinha escrito um dos livros mais importantes do mundo, teres respondido que eu escrevia os livros mais bonitos do mundo.

Obrigada, Carlota, pelas noites sem dormir. Estava a brincar. Podes parar com isso.

Obrigada a todos os meus amigos e familiares que se interessam genuinamente pelo meu trabalho, que não falham uma apresentação (e quando falham é porque têm uma boa desculpa, como por exemplo não viverem em Portugal), que sabem o quanto a escrita é importante para mim e por isso me perguntam por ela como perguntam pelos

meus filhos. Vocês sabem quem são.

Obrigada a cada leitor que me envia mensagens, *e-mails* e até cartas em papel. Fico genuinamente comovida com as vossas palavras. Por favor continuem! Adoro saber o que pensam sobre os meus livros.

E finalmente, obrigada a si, por ser um dos cada vez mais raros seres que compram livros e deles retiram verdadeiro prazer. Num mundo cada vez mais imerso nas tecnologias, se está neste preciso momento com este livro na mão é porque há esperança para a humanidade.

Se quiser continuar esta conversa, pode seguir-me no Facebook, no blogue (cronicasdumafashionvictim.blogspot.pt) ou enviar um e-mail para filipafonsecaasilva@gmail.com. Prometo que respondo.